

Marcos Antônio Alencar Duarte

**A CATEQUESE EUCARÍSTICA DO PE. JÚLIO MARIA DE
LOMBAERDE, UM FATOR DE TRANSFORMAÇÃO PARA A
COMUNIDADE ECLESIAL**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda

Apoio CAPES

BELO HORIZONTE

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2014

Marcos Antônio Alencar Duarte

**A CATEQUESE EUCARÍSTICA DO PE. JÚLIO MARIA DE
LOMBAERDE, UM FATOR DE TRANSFORMAÇÃO PARA A
COMUNIDADE ECLESIAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-
Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de
Filosofia e Teologia como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Teologia
Área: Teologia Sistemática
Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa
Taborda

Apoio CAPES

BELO HORIZONTE

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

D812c Duarte, Marcos Antônio Alencar
A catequese eucarística do Pe. Júlio Maria de Lombaerde:
um fator de transformação para a comunidade eclesial / Marcos
Antônio Alencar Duarte. - Belo Horizonte, 2014.
110 p.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e
Teologia, Departamento de Teologia.

1. Catequese. 2. Eucaristia. 3. Mistagogia. 4. Paróquias. 5.
Lombaerde, Julio Maria de. I. Taborda, Francisco de Assis
Costa. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.
Departamento de Teologia. III. Título

CDU 268

Marcos Antônio Alencar Duarte

**A CATEQUESE EUCARÍSTICA DO PE. JÚLIO MARIA DE
LOMBAERDE, UM FATOR DE TRANSFORMAÇÃO PARA A
COMUNIDADE ECLESIAL**

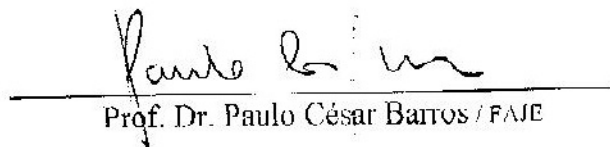
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 08 de abril de 2014.

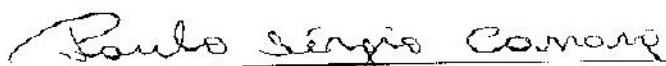
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Francisco de Assis C. Taborda / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Paulo César Barros / FAJE



Prof. Dr. Paulo Sérgio Carrara / ISTA (Visitante)

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo que, pela sua encarnação na história,
nos revelou o rosto solidário de Deus.

A meus pais, Luis Ferreira Mesquita e Maria Belizário de Alencar, e meus irmãos/ãs,
que me introduziram à fé cristã com seu testemunho.

A Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora,
de modo especial ao Pe. José Herval Ferreira,
que me contagiou com o carisma e a espiritualidade da Congregação.

Ao meu orientador, Francisco Taborda, por seu apoio, atenção, cuidado e
presença durante o tempo de preparação desse trabalho.

Aos professores e mestres de ontem e de hoje, que me despertaram o gosto pelo saber.

Aos noviços: José Flávio, Flaviano Galdino, Gedeir Vieira, Adriano Barros, Davi Freire,
Antônio Leonardo, Matheus Garbazza e Rafael Henrique, companheiros de comunidade,
pela presença, respeito e compreensão.

Ao Pe. Heleno Raimundo, Pe. Carlos Roberto Altoé, Antônio Carlos Santini,
pela ajuda amiga.

Aos funcionários/as da biblioteca da FAJE,
pela delicadeza e presteza no atendimento às minhas solicitações.

Aos colegas de curso, pela solidariedade na busca.

A CAPES, por custear as mensalidades,
difícilmente eu poderia chegar ao fim do curso sem esta ajuda.

A todos e todas, a minha mais profunda gratidão.

“O fim da Eucaristia é alimentar. Ora, alimentar é dar mais vida. Recebendo mais vida temos mais ser, e na medida em que cresce nosso ser espiritual, Deus se estende nele mais largamente, ampara-se nele mais fortemente, une-se com ele mais intimamente”.

Pe. Júlio Maria De Lombaerde

RESUMO

Nesta pesquisa analisamos a intuição do Pe. Júlio Maria De Lombaerde de fazer catequeses eucarísticas, a fim de transformar a realidade paroquial que encontrou em Manhumirim-MG, em 1928. Suas catequeses eucarísticas não podem ser entendidas como simples doutrinação, ou como um ensinamento abstrato sobre a eucaristia. Ele queria levar os fiéis a um profundo conhecimento da eucaristia. Queria criar um senso eucarístico nos seus paroquianos, o que significava saber a importância, o valor e a necessidade da eucaristia nas suas vidas. Ainda: compreender a eucaristia como mistério central da vida cristã; sua finalidade de alimentar, nutrir e formar aqueles que deste sacramento se aproximavam. Por outro lado, o fiel que participava do corpo e sangue de Cristo entendia que era convidado a assimilar, identificar-se com aquele de que se alimentou. Essa compreensão da catequese eucarística nos levou a entender que poderíamos fazer uma analogia entre as mistagogias dos Santos Padres e as catequeses do Pe. Júlio Maria. Não podemos dizer que as catequeses do Pe. Júlio Maria sejam catequeses mistagógicas, mas elas nos lembram as mistagogias dos Santos Padres. As duas têm a mesma intenção: levar os fiéis ao coração do mistério. E a catequese do Pe. Júlio Maria quer levar ao mistério, mas também busca renovar, transformar a comunidade paroquial pela força da eucaristia.

Palavras-chave: Catequese, Eucaristia, Mistagogia, Transformação, Paróquia.

RIASSUNTO

In questa ricerca analizziamo l'intenzione del sacerdote Julio Maria De Lombaerde di fare le catechesi eucaristiche allo scopo di trasformare la realtà parrocchiale che ha trovato a Manhumirim (MG), nel 1928. Le catechesi eucaristiche di padre Julio Maria non vanno intese come una semplice trasmissione dottrinale oppure come un insegnamento teorico sull'Eucaristia. P. Julio desiderava condurre i fedeli ad una profonda conoscenza dell'Eucaristia. Intendeva suscitare nei suoi parrocchiani uno spirito eucaristico nel senso di conoscere l'importanza, il valore e la necessità dell'Eucaristia nella loro vita. Inoltre, comprendere l'Eucaristia come mistero centrale della vita cristiana; la sua finalità di saziare, nutrire e formare coloro che a questo sacramento si avvicinano. D'altra parte, partecipando al corpo e sangue di Cristo, il fedele capisce che è stato invitato ad assumere e a identificarsi con Colui di cui si è nutrito. Questa comprensione della catechesi eucaristica fa scoprire un'analogia tra la mistagogia dei Padri della Chiesa e le catechesi del padre Julio Maria. Non possiamo dire che le catechesi di padre Julio Maria siano catechesi mistagogiche, ma esse ci fanno pensare alla mistagogia dei Padri della Chiesa. Sia l'uno che gli altri hanno la stessa intenzione: portare i fedeli al cuore del mistero. La catechesi di padre Julio Maria vuole condurre al mistero, ma anche desidera rinnovare, trasformare la comunità parrocchiale attraverso la forza dell'Eucaristia.

Parole-chiave: Catechismo, Eucaristia, Mistagogia, Trasformazione, Parrocchia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – PE. JÚLIO MARIA DE LOMBAERDE: TRAÇOS BIOGRÁFICOS ..	13
1.1 Pe. Júlio Maria: a influência dos congressos eucarísticos e o movimento da Restauração católica	18
1.2 Pe. Júlio Maria: contexto social e eclesial de Manhumirim	23
1.3 Pe. Júlio Maria e o seu trabalho paroquial em Manhumirim	26
1.4 Pe. Júlio Maria e sua produção literária eucarística	29
CAPÍTULO II – MISTAGOGIA	32
2.1 Mistagogia e liturgia	34
2.2 A Palavra de Deus nas mistagogias	36
2.3 Um método mistagógico	38
2.4 Gênese da catequese mistagógica do Pe. Júlio Maria	40
2.5 Método catequético do Pe. Júlio Maria	44
2.6 Finalidade da mistagogia eucarística do Pe. Júlio Maria	47
CAPÍTULO III – A CATEQUESE EUCARÍSTICA DO PE. JÚLIO MARIA	53
3.1 A Eucaristia segundo o Pe. Júlio Maria	57
3.1.1 Eucaristia: “Mistério da Fé”	58
3.1.2 Presença real do Cristo na Eucaristia	60
3.1.3 Eucaristia e o relato da instituição	65
3.2 Eucaristia: pão, alimento, comunhão, compromisso social e missão	67
3.2.1 Eucaristia, pão eucarístico	68
3.2.2 Eucaristia, alimento	70
3.2.3 Eucaristia, comunhão	71
3.2.4 Eucaristia, compromisso social	73
3.2.5 Eucaristia, missão	75
CAPÍTULO IV – A CATEQUESE EUCARÍSTICA DO PE. JÚLIO MARIA, INSPIRAÇÃO PARA O TRABALHO PASTORAL HOJE	82
4.1 Aprendendo com a catequese eucarística do Pe. Júlio Maria	83
4.2 Catequese mistagógica: resposta aos desafios atuais da evangelização	97
CONCLUSÃO	102
BIBLIOGRAFIA	106

INTRODUÇÃO

Hoje, no ambiente eclesial em que vivemos, percebe-se a redescoberta da mistagogia eucarística dos Santos Padres. A volta a essas mistagogias, o estudo que se faz delas, a atenção dada, não é um simples desejo de aplicar essa metodologia dos primeiros séculos da era cristã, mas de torná-las uma fonte de inspiração para uma pastoral missionário-sacramental na Igreja.

A mistagogia eucarística consistia em explicar o sentido da eucaristia e de seus ritos para os fiéis, a fim de que os mesmos pudessem compreender e assim serem introduzidos no mistério que estavam celebrando.

A presente pesquisa pretende revisitar as obras escritas pelo Pe. Júlio Maria De Lombaerde, de modo especial aquelas que estão ligadas ao tema da eucaristia, para entender suas catequeses eucarísticas. Essas catequeses ganham um sentido todo especial quando, por analogia, as relacionamos com as catequeses mistagógicas dos Santos Padres. Apesar de não usar a palavra mistagogia, por não ser um termo usual de sua época, Pe. Júlio Maria pratica algo semelhante: a catequese.

Essa catequese do Pe. Júlio Maria pode ser compreendida como mistagogia, não no sentido exato da palavra, mas sim de modo análogo. Podemos afirmar que suas catequeses semanais vão na mesma direção das mistagogias dos Santos Padres. O povo com quem ele fazia suas catequeses, no princípio, era um grupo de cristãos apenas de nome. Não conhecia com profundidade o sentido fê, dos sacramentos e da Igreja. Então, Pe. Júlio Maria teve uma intuição: evangelizar o seu povo por meio de uma catequese eucarística a fim de torná-lo um povo eucaristizado. Para isso, elaborou catequeses semanais sobre a eucaristia, a fim de transformar a sua comunidade paroquial.

A motivação para esse trabalho nasceu da necessidade de revisitar o pensamento eucarístico do Pe. Júlio Maria, de se perguntar sobre a validade deste pensamento para os nossos dias, de compreender sua atuação missionária; mas nosso interesse maior residia em encontrar um elemento que fosse capaz de dar sentido para toda a ação transformadora do Pe. Júlio Maria em Manhumirim. Às vezes ficamos encantados com as construções deste missionário, a saber: a Igreja Matriz, o Seminário Apostólico Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, os Colégios Pio XI e Santa Teresinha, o Hospital São Vicente (que hoje leva seu

nome), o abrigo São Vicente e o Patronato Santa Maria, sem falar da criação da Gráfica e Editora “O Lutador”, onde foi impressa boa parte de seus livros. Ainda criou, em 1928, o Jornal “O Lutador”, que no seu tempo chegou a ter 28 mil assinantes. Ele não só construiu bens materiais, mas exercia sobre a população de Manhumirim e região uma liderança religiosa e política muito forte.

Agora surge a pergunta que vai iluminar nossa pesquisa: Pe. Júlio Maria realizou esse trabalho em Manhumirim movido por qual ideal? Qual foi a fonte que animou sua vida e seu o apostolado? Não temos nenhuma dúvida: foi a eucaristia. Sua vida e o seu apostolado em Manhumirim foram marcadas pela espiritualidade eucarística. A eucaristia foi sem dúvida o *centro* e o *foco* de toda a sua vida. É por isso, que em Manhumirim, concretamente, ele fez uma pastoral missionária alicerçada na eucaristia. Em suma, a eucaristia será o elemento que estávamos procurando para ler todo o seu apostolado.

Quanto ao recorte temporal, escolhemos os anos de 1928 a 1944. O ano de 1928 marca a chegada do Pe. Júlio Maria e o início de seu apostolado em Manhumirim, e no ano de 1944 temos o seu falecimento. Não vamos ficar presos a essa cronologia concretamente, porque nosso trabalho se pergunta sobre o pensamento eucarístico do nosso autor e a forma como foi transmitindo esse ensinamento. Para sermos exatos, os anos que nos interessam mais são os de 1928 a 1939, porque foi neste período que ele começou a falar e a escrever sobre o tema da eucaristia.

Agora, podemos nos perguntar sobre o porquê desse interesse pela eucaristia. Quando visitamos o pensamento eucarístico do Pe. Júlio Maria, encontramos duas respostas: sua empolgação pelos congressos eucarísticos e o desafio que encontrou na sua missão em Manhumirim. Essas duas provocações geraram nele o desejo de fazer catequese eucarística para os fiéis. Dessa prática, nascem três obras suas ligadas à eucaristia: *O Sol Eucarístico* (1937), *Maria e a Eucaristia* (1937) e o *Comentário Eucarístico* (1939). Dessas três obras, a que terá uma relevância maior para o nosso trabalho será o *Comentário Eucarístico*, por se destinar à meditação sobre a eucaristia e incentivar os presbíteros e religiosos a fazerem junto aos fiéis uma catequese eucarística. Nesta obra, o autor procura fazer uma ligação entre Palavra e sacramento, a fim de gerar nos fiéis o senso da eucaristia, e deste modo transformar sua comunidade paroquial.

O Pe. Júlio Maria queria transformar a sua comunidade paroquial pela força da eucaristia. Para isso, propõe uma catequese eucarística. Ele acreditava que a eucaristia bem compreendida e vivida pelos fiéis seria o motor de transformação da comunidade. É bom lembrar que essa ideia de renovação da comunidade pela catequese ainda está dentro de uma estrutura paroquial antiga. Não vamos encontrar neste trabalho uma transformação da vida paroquial como a entendemos hoje, a partir do Documento de Aparecida. Isto seria um anacronismo, mas a ideia de transformação da comunidade a partir da eucaristia seria oferecer aos fiéis uma catequese que os ajudasse a compreender o sentido desse sacramento na sua vida e deixar-se mover e se dirigir por ele.

Na catequese eucarística do Pe. Júlio Maria não encontraremos nenhum ensinamento que ligue a eucaristia com o social, a luta pela transformação das estruturas de opressão e exploração. Ele não tocou nestes temas. Seria também anacronismo. A sua catequese eucarística servirá para animar os fiéis na vivência de fé católica, na sua relação com Deus, na prática das virtudes, no bem que deve ser feito às pessoas, mas sobretudo na defesa da fé católica nos embates com o protestantismo e outros inimigos da fé, como os espíritas e maçons.

Nosso trabalho se prenderá à intuição do Pe. Júlio Maria em fazer catequese eucarística para transformar a sua comunidade. É claro que o nosso tempo e a Igreja em que ele viveu são diversos, mas fica para nós a importante tarefa de catequizar nossas comunidades para transformá-las. Hoje temos bem mais recursos e instrumentais do que ele teve. Neste sentido, vejo a atualidade desse tema para nossa prática pastoral.

Nossa dissertação divide-se em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *Pe. Júlio Maria De Lombaerde: traços biográficos*, apresentamos uma breve síntese biográfica, levando em conta a influência dos congressos eucarísticos e do movimento da restauração católica na atuação do Pe. Júlio Maria em Manhumirim; em seguida refletiremos sobre o contexto social e eclesial de Manhumirim, para entender o seu trabalho nessa paróquia.

O segundo, que tem como título *A mistagogia*, serve de ligação entre as mistagogias dos Santos Padres e as catequese eucarísticas do Pe. Júlio Maria. A partir deste capítulo entenderemos que as suas catequese podem ser compreendidas analogicamente como mistagogia. Para chegar a essa conclusão, faremos um estudo sobre a mistagogia, orientado pelo teólogo Enrico Mazza. A partir deste autor, buscaremos entender a relação entre mistagogia e liturgia, assim como a importância da Palavra de Deus nas mistagogias.

Ainda orientado por Mazza, refletiremos sobre o método mistagógico dos Santos Padres. Depois deste caminho feito, entraremos no trabalho do Pe. Júlio Maria em Manhumirim, perguntando-nos sobre a gênese de sua catequese eucarística, o método que ele usou em suas catequeses e a finalidade das mesmas.

Já no terceiro, com o título *A catequese eucarística do Pe. Júlio Maria*, iremos perceber que a catequese eucarística feita por ele nas quintas-feiras, sábados e domingos, e concluída com a celebração da missa, foi o elemento base para formar os seus paroquianos, inculcar neles um conhecimento aprofundado sobre a Igreja, de modo especial o sentido dos sacramentos, em destaque a eucaristia. Suas catequeses não eram doutrinação, mas, como poderemos constatar, eram um meio de levar os fiéis a tocar no mistério. Neste capítulo sobre as catequeses eucarísticas do Pe. Júlio Maria, iremos verificar como o mesmo entendia a eucaristia. Em suma, verificaremos que nosso autor não trará grandes novidades sobre a eucaristia, mas apresentará a eucaristia como “mistério da fé”, como presença real do Cristo, e fará uma relação entre o relato da instituição e a eucaristia. Mas a novidade ou a singularidade do nosso autor estará em apresentar a eucaristia como pão, alimento, comunhão, compromisso social e missão.

No último capítulo, com o título *A catequese eucarística do Pe. Júlio Maria, inspiração para o trabalho pastoral hoje*, nos voltamos para a sua intuição de fazer catequeses eucarísticas com o objetivo de extrair alguns elementos para a nossa pastoral de hoje. Neste capítulo, perceberemos que o mais importante não é repetir as suas catequeses, e nem sua teologia, mas se dá conta dos elementos usados por ele, que podem ajudar hoje. Os elementos que sobressaem destas catequeses do Pe. Júlio Maria são os seguintes: a formação para os leigos, a presença dos ministros ordenados neste caminho de formação, o uso de uma linguagem fácil nas catequeses, o aceno à Palavra de Deus e o sentido da comunhão eucarística para os fiéis. Iremos perceber que esses elementos se destacam na catequese do Pe. Júlio Maria, mas agora podemos pensar sobre eles, a fim de fazer um trabalho mistagógico em nossa comunidade. Concluimos nosso trabalho, destacando a mistagogia como uma resposta aos desafios atuais.

Por fim, trazemos conosco o desejo de que, ao final da leitura desta dissertação, o leitor tenha presente a importância, a necessidade e a urgência do trabalho mistagógico na pastoral missionária hoje. O Pe. Júlio Maria, a partir de suas catequeses eucarísticas, fez esse caminho de levar os fiéis até o mistério. Ele buscou uma alternativa a fim de animar e

contagiar os seus paroquianos com a alegria de ser cristãos católicos revigorados com a eucaristia. Sua catequese eucarística foi o motor da mudança e da transformação na sua paróquia. Ele apresentava aos fiéis a eucaristia que, por sua vez, gerava essa mudança de que estamos falando. Começamos nosso trabalho tratando de conhecer melhor um pouco da vida, obra e missão do Pe. Júlio Maria.

CAPÍTULO I

PE. JÚLIO MARIA DE LOMBAERDE:

TRAÇOS BIOGRÁFICOS¹

Júlio Emílio Alberto De Lombaerde é o nome de batismo do Pe. Júlio Maria De Lombaerde. Nasceu em Beveren-Leie na Bélgica, no dia 7 de janeiro de 1878. A troca de nome deu-se depois de sua ordenação presbiteral, em 1908. A motivação dessa mudança foi sua devoção a Nossa Senhora.

A formação filosófica e teológica do Pe. Júlio Maria careceu da presença de professores e escritores de renome de sua época. Ele estudou sob a orientação do Pe. João Batista Berthier, fundador da Congregação dos Missionários da Sagrada Família. Seu mestre era tomista, inteiramente integrado ao movimento encabeçado pelo Papa Leão XIII, que procurava trazer de volta o pensamento de Santo Tomás e a escolástica como remédio para as questões suscitadas pelo mundo moderno.

Pe. Júlio Maria estudou os manuais de filosofia e teologia de sua época e aquilo que o Pe. Berthier produzia. Em sua biblioteca pessoal, em Manhumirim-MG, existe um volume do *Abregé de Théologie Dogmatique et Morale*, escrito pelo Pe. Berthier. Esta obra foi um dos manuais certamente estudados pelo Pe. Júlio Maria, onde absorveu com avidez suas lições, anotando à margem, como consta nesse exemplar que lhe pertenceu.

O contato com a patrística ocorreria depois de ordenado presbítero, quando foi adquirida uma coleção de livros dos Santos Padres (o Migne) para a biblioteca do seminário onde ele era o reitor. Embora não tenha tido uma formação filosófica e teológica muito refinada, isso não o impediu de pesquisar, ler e buscar aquilo que tinha ficado em aberto no seu processo formativo. Sempre se mostrou curioso no sentido de conhecer as ciências, de modo especial a teologia.

Paschoal Rangel, num artigo para a revista *Atualização*, buscou contextualizar o Pe. Júlio Maria no seu tempo e, sobre sua formação intelectual, escreveu o seguinte:

Júlio De Lombaerde fez o curso de Filosofia e Teologia em Grave, um vilarejo no interior da Holanda, em condições intelectualmente muito pouco favoráveis. O jovem Júlio, porém, tinha uma vocação literária muito forte e isto o fez superar, até certo ponto, as deficiências intelectuais grandes de sua

¹ Sobre a biografia do Pe. Júlio Maria, Cf. MIRANDA, Pe. Júlio Maria: sua vida e sua missão; BOTELHO, História dos Missionários Sacramentinos.

formação seminarística. Depois de padre, foi ser professor de Teologia, e isto o obrigou a estudar e a estender suas leituras na matéria. [...] Só quando foi nomeado para dirigir o Seminário de Wakken, na Bélgica, é que pôde comprar mais livremente os livros de que precisava. Lembro-me ter lhe ouvido contar, com entusiasmo, como conseguiu num negócio de ocasião, adquirir a Patrologia Migne, onde buscou a fartura enorme de citações patrísticas que enriquecem as páginas de “Por que amo Maria” – escrito exatamente nessa época².

Depois de ordenado, Pe. Júlio Maria foi enviado para o seminário da sua Congregação, dos Missionários da Sagrada Família, em Wakken. Para ele, que sempre gostou de estudar, pesquisar e ensinar, seria um tempo especial para essas atividades. Em Wakken, exerceu o magistério, como professor de teologia. Dedicou-se ao estudo da Patrologia e a outros temas teológicos e espirituais³. Nesse período em que esteve no Seminário, escreveu vários de seus livros marianos, fruto de seus estudos e pesquisas. Mais tarde, quando veio para o Brasil, traduziu estas obras para o português, pois a primeira edição estava escrita em francês. São deste tempo os seguintes livros: *Princípios teológicos da vida de intimidade com Maria Santíssima*, *Meu dia com Maria*, *Espírito da vida de intimidade com Maria* e *O segredo da verdadeira devoção para com a Santíssima Virgem Maria*⁴.

O Pe. Júlio Maria se dedicou também à pregação de missões paroquiais. Ele saía do seminário de Wakken para pregar missões na França, no Alto Loire. Teve muita aceitação e sucesso. Sobre essas missões, Dom Miranda, na sua obra *Pe. Júlio Maria sua vida e sua missão*, oferece o seguinte testemunho:

O Pe. De Lombaerde era o missionário dos relâmpagos e trovões pela ousadia. Pregava com veemência nunca vista, objurgando do alto do púlpito os vícios mais comuns na cidade, sem condescendência para com pessoas ou classes de relevo social⁵.

Foram quase quatro anos em Wakken (1908-1912) no seminário. Ele estava animado com seus trabalhos de professor, escritor e pregador de missões. De repente surge

² RANGEL, Pe. Júlio Maria De Lombaerde em seu contexto histórico, p. 480.

³ A respeito de temas mais desenvolvidos pelo Pe. Júlio Maria, Cf. RANGEL, Uma trilogia de Pe. Júlio Maria, pp. 69-80.

⁴ Pe. Júlio Maria era admirador do pensamento mariano de Luis Maria Grignon de Montfort. Na sua biblioteca pessoal encontramos vários livros desse autor. A obra *O segredo da verdadeira devoção para com a Santíssima Virgem Maria*, do Pe. Júlio Maria, era um comentário, numa versão bem popular do *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem* de Montfort.

⁵ MIRANDA, Pe. Júlio Maria: sua vida e sua missão, p. 55.

uma transferência para ele: ser missionário no Brasil. Demos a palavra ao próprio Pe. Júlio Maria, para que nos conte esse momento forte de sua vida:

Estava eu absorvido nos trabalhos da missão. Certa noite, após ter pregado exaustivo sermão e ter passado no confessionário até quase onze horas, tornei à casa paroquial cansadíssimo. Apressava-me para o repouso, quando vi sobre a mesa, entre os originais de livros espalhados, a minha correspondência do dia, que o vigário, certamente, ali depositara. Tomei pressuroso uma carta que reconheci procedente do generalato. Foi um golpe de espada. Li quase descrente do que via, mais ou menos estas palavras: ‘Julgamos oportuno que o senhor vá em auxílio das missões no Brasil, muito necessitadas de sacerdotes. Deverá partir quanto antes. Prepare-se com urgência’. Uma onda de dor subiu a meu coração. Não podia compreender a razão daquela ordem. Havia sem dúvida precisão por parte de nossas casas na América. Mas, era-me sumamente doloroso pensar que, vendo sorrir-me um futuro grandioso, fosse repentinamente arrancado à sua realização. [...] Confesso que chorei com o mais profundo sentimento. Via-me no viço da idade, com trinta e poucos anos, cheio de saúde... e agora devia partir para a Amazônia⁶.

Naquela época, ser enviado para Amazônia era caminhar para a morte. Muitos dos seus confrades tinham morrido ou retornado à Europa por causa de doenças adquiridas nessas missões. Depois de pensar sobre sua transferência e seus projetos, ele tomou a seguinte resolução:

Poderia expor aos meus superiores meu modo de pensar, minhas aspirações. E eles, com certeza, atender-me-iam. Parecia-me, no entanto, uma traição. Não havia jurado perfeita obediência? No dia seguinte encerrei a missão e parti para arrumar as malas. Alguns dias depois estava a caminho do Brasil⁷.

Pe. Júlio Maria partiu do porto de Antuérpia, na Bélgica, no dia 25 de setembro de 1912. Foram 17 dias de viagem, até chegar ao Brasil. No dia 15 de outubro de 1912, ele pisou o solo brasileiro em Recife-PE. Após conhecer Recife e Olinda, seguiu para São Gonçalo, no Rio Grande do Norte. Ali ficou três meses, aprendendo o português e os costumes do povo brasileiro.

No dia 14 de janeiro de 1913, embarcou para Macapá, passando por Belém. Chegou a Belém aos 18 de janeiro de 1913. Hospedou-se com os freis capuchinhos. Visitou várias casas religiosas, colônias indígenas e de leprosos. Isso durante dez dias. No dia 22 de fevereiro de 1913, tomou o Vapor “Silva Cunha” em direção a Macapá. Finalmente, no dia 27

⁶ Ibid., p. 60.

⁷ Ibid., p. 61.

de fevereiro de 1913, Pe. Júlio Maria desembarcou em Macapá. Na pequena cidade de Macapá, Pe. Júlio Maria foi “tudo”. Além de cuidar da imensa paróquia, ele foi “médico”, “farmacêutico”, “dentista”. Acabou nomeado Delegado de Higiene Pública e Diretor das Escolas Reunidas.

Logo que assumiu a missão na Paróquia de Macapá, percebendo a realidade do seu povo, começou seus trabalhos criando o Cinema Olímpia, a banda de música “Filarmônica São José” para a garotada, o Teatro Recreativo e Religioso e a Farmácia Municipal. Pensando numa animação espiritual para sua paróquia, fundou várias associações religiosas, o que foi uma grande novidade naquela paróquia. Sua grande obra em Macapá foi a fundação da Congregação das Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria. Já contando com suas religiosas ele fundou o Colégio Santa Maria em Macapá. A pedido do Pe. Hermano, que era um companheiro de congregação, e com seu apoio fundou outro Colégio para as Irmãs em Mazagão Velho.

A doença não poupou o Pe. Júlio Maria nem seus irmãos de Congregação. As irmãs e as alunas dos colégios também não foram poupadas. A primeira vítima foi à irmã Maria Celeste⁸. Aquela onda de doenças das Irmãs e estudantes forçou-lhe a procurar um lugar mais sadio para a casa de formação da sua congregação. Para isso escolheu a então Vila Pinheiro (hoje Icoaraci), na atual região metropolitana de Belém-PA.

⁸ Seu nome civil era Raimunda Siqueira Coutinho. Recebeu o nome de *Maria Celeste* quando professou seus votos religiosos na Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria. Nasceu em Macapá, em 1905. Seus pais eram católicos, assim como a maior parte da população da época. Não teve um ambiente religioso praticante. Estudou numa Fundação das Filhas do Coração Imaculado de Maria. Seu contato com as irmãs fez sentir em seu coração o forte desejo de seguir a Jesus Cristo por meio da Vida Religiosa. Antes, não queria este estilo de vida, não pensava numa vida devotada a Deus, nem na prática da caridade. Agora sua vida muda. Não sabe que rumo tomará. Simplesmente se lança nos braços de Deus. Pe. Júlio Maria, o fundador da congregação dessas religiosas, acompanha desde o início o itinerário espiritual da jovem Celeste, que entrou muito cedo para o grupo das religiosas Filhas do Coração Imaculado de Maria. Quase não teve formação para a vida religiosa. O que aprendeu sobre a vida religiosa foi fruto do convívio com as primeiras irmãs da sua congregação e com o próprio fundador, que era seu diretor espiritual. Tinha uma saúde debilitada e morreu aos 17 anos com fama de santidade. Não temos escritos da Irmã Celeste. Nenhuma religiosa do seu tempo escreveu algo falando sobre o seu carisma e sua espiritualidade. Não sabemos mais nada sobre ela, a não ser aquilo que o Pe. Júlio Maria fala a seu respeito. Ele foi seu grande admirador. Viu nela uma autêntica discípula de Jesus Eucarístico. Logo após a sua morte, escreveu sobre sua vida, mas somente bem mais tarde é que resolve publicar a seguinte obra: *Um Anjo da Eucaristia, Irmã Maria Celeste*. Neste livro, Pe. Júlio Maria conta a história, apresenta o carisma e a espiritualidade da Irmã Celeste. Ele vai mais além: apresenta aos leitores a Irmã Celeste como uma religiosa santa. Modelo a ser seguido por todos os cristãos.

A transferência das Irmãs para Pinheiro se deu em 1923. A Escola Santa Maria de Macapá ainda funcionou até 1926. Depois foi fechada com a transferência das Irmãs. Em Pinheiro, Pe. Júlio começou a se projetar por seu dinamismo, por seus escritos e, sobretudo, por seu espírito missionário. Ali ele fundou o Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Durante sua permanência na região, sentiu os apelos de Deus para uma nova fundação: a dos missionários. Contudo, o experimentado fundador não quis iniciar tal obra no Norte.

De acordo com seus superiores na Europa e com o Bispo de Caratinga-MG, Dom Carloto Fernandes Távora, resolveu partir para Minas Gerais. Já com tudo preparado para viajar para o Sudeste, recebeu novas ordens superiores para permanecer por uns tempos em Natal-RN. Chegou a Natal no final de 1926 e foi residir no Bairro Alecrim. Tornou-se muito benquisto do povo. Pregava e escrevia no jornal católico da cidade. Só em fevereiro de 1928 conseguiria viajar para Minas Gerais, passando pelo Rio de Janeiro.

Aos 8 de abril de 1928, Pe. Júlio assumiu a Paróquia do Bom Jesus em Manhumirim-MG. Juntamente com seu trabalho pastoral, fundou o Jornal e a Editora “*O Lutador*”. Criou ainda a Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora e, posteriormente, a Congregação das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora. Como aconteceu em Macapá, também em Manhumirim ele foi “tudo para todos” (1Cor 9,22). Ele foi “tudo” para aquela população necessitada de todo tipo de atenção, sobretudo de evangelização.

Suas obras materiais são o sinal visível de sua atuação missionária. Por onde passou, deixou marcas significativas. Vamos citar apenas algumas dessas marcas em Manhumirim: o Seminário Apostólico Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, o Colégio Pio XI, a Escola Normal Santa Teresinha, o Patronato Agrícola Santa Maria, o Abrigo São Vicente e o Hospital Pe. Júlio Maria.

Pe. Júlio Maria De Lombaerde morreu em acidente de automóvel, aos 24 de dezembro de 1944, em Vargem Grande, distrito de Alto Jequitibá-MG. Seus restos mortais repousam na Matriz do Bom Jesus de Manhumirim.

1.1 Pe. Júlio Maria: a influência dos congressos eucarísticos e o movimento da restauração católica

Os congressos eucarísticos no Brasil significaram um momento de afirmação da doutrina católica sobre a Eucaristia e uma etapa de visibilidade para o movimento da restauração católica. Segundo Riolando Azzi, “no Brasil a celebração dos congressos eucarísticos constituiu uma das afirmações mais expressivas da etapa da restauração católica, visando uma presença efetiva da Igreja na sociedade brasileira”⁹.

O próprio Pe. Júlio Maria, na introdução ao *Comentário Eucarístico*, cita os Congressos Eucarísticos internacionais e nacionais com grande empolgação; parece ser uma de suas motivações para escrever e ensinar sobre o tema da Eucaristia. É interessante notar que quase todos os Congressos que ele cita são da década de 1930, assim como a sua produção literária com este tema e sua catequese eucarística será desse mesmo período. Assim se expressa o Pe. Júlio Maria, falando dos congressos:

Quem não se lembra do Congresso internacional de Buenos-Aires, em 1934? De Manila em 1936 e de Budapeste em 1938? Quem não se lembra, no Brasil, com lágrimas e comoção, dos Congressos do Rio de Janeiro, em 1922, da Bahia, em 1933, e de Belo Horizonte, em 1936? Por sobre as montanhas de Minas o eco repete ainda com vibrante ternura: “Tu que és Rei, e que aos povos dominas, firma aqui o teu trono, Jesus! E das plagas formosas de Minas, o Brasil para a glória conduz”. Hoje com o mesmo entusiasmo, o Brasil inteiro brada sobre os verdes canaviais e as palmeiras de Pernambuco: “Eia, oh! Leão do Norte, Ruge ao mar o teu grito de fé: Eu creio em ti, Hóstia Santa, até a morte; Quem não crê, brasileiro não é!” É preciso, porém, que tal entusiasmo seja permanente, e para isso deve ser baseado sobre o conhecimento da Eucaristia. É de toda necessidade que os católicos conheçam a fundo a parte conhecível, penetrável do mistério eucarístico¹⁰.

Com a celebração dos congressos eucarísticos, a Igreja Católica afirmava cada vez mais seus ensinamentos sobre a Eucaristia, e assim crescia um clima de piedade eucarística e a tentativa de criar uma identidade cristã entre os brasileiros. Percebemos essa intenção no discurso de encerramento do primeiro congresso eucarístico, proferido por D. Sebastião Leme, quando afirmava:

O povo brasileiro já não suporta o peso de uma política agnóstica, sem princípios, sem fé e sem ideal. Que o Senhor dos milagres ilumine a

⁹ AZZI, A Igreja no Brasil, p. 218.

¹⁰ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 13.

consciência dos nossos homens, que o Senhor conserve e suscite os homens sérios, os homens retos, os homens de juízo, que de nada mais precise o Brasil para ser a nação mais rica e mais poderosa do mundo. Que Jesus Sacramentado ressuscite nas classes dirigentes do país a fé, que salva os homens e as nações! Que o Senhor dê ao meu Brasil e elevando-o ao nível de um grande estado cristão, o conserve e sustente na fé que presidiu ao nascer e ao desdobramento da nossa civilização. E que guiados pela mão amiga de Cristo, o Brasil entrará neste segundo século de vida nacional autônoma, numa ascensão vitoriosa e serena na escalada do progresso e da glória¹¹.

Em contrapartida, os protestantes não ficaram quietos e se mobilizaram para defender sua fé e apresentar seu pensamento sobre a Eucaristia. O Pastor Abdias Ferreira Nobre, da Igreja presbiteriana do Rio de Janeiro, publicou um livreto intitulado: *Absurdo de um dogma, ou resposta aos congressos eucarísticos*. Este livro era polêmico e agressivo à fé católica. Procurava destruir os ensinamentos da Igreja sobre a Eucaristia. Monsenhor Aristides Marques da Rocha, quando Vigário Capitular da Diocese de Caratinga, tomando conhecimento deste texto, pediu ao Pe. Júlio Maria que respondesse às questões do Pastor Nobre. Com a mesma força e empolgação com que o nosso autor apresentava o tema da Eucaristia aos seus fiéis, agora rebatia os opositores da fé católica. Usava a mesma linguagem de seus inimigos: sarcasmo, medo e violência. Era a postura da Igreja da época. Assim se expressava o Pe. Júlio Maria:

A grande, entusiasta e sublime manifestação de fé que os católicos brasileiros realizaram em Belo Horizonte, por ocasião do Congresso Eucarístico, fez ferver a bilis protestante. A grei de Lutero ficou desesperada. Espalhou boletins, convocou reuniões e até nas ruas daquela cidade houve berrarias de hinos, discursos de ignorantes, ataques, revoltas contra a horrenda idolatria romana. A imprensa protestante gemia sob o peso dos panfletos e pasquins; os pastores possesos, gritavam, pregavam, atordoados pelo triunfo de Jesus Eucaristia. Durante este tempo, calmos e recolhidos, desprezando a zoadá de sataná, os católicos, em todas as cidades e, sobretudo na capital mineira, exaltavam a Hóstia divina, proclamavam o triunfo da Eucaristia. Enquanto milhares e milhares de homens de todas as classes da sociedade [...] aproximavam-se da mesa sagrada, para ali receber o pão dos anjos, o Cristo vivo na Hóstia Sagrada, um jato de raiva, de ódio, saiu do inferno; sataná furioso acendeu chamas e faíscas nos corações de seus emissários; e eis a onda fumacenta do ódio protestante, em vagas furiosas a querer inundar com jornalecos incendiários! É bom sinal. Quando o demônio está furioso, é porque as coisas não andam bem para o seu lado. Quando os protestantes trabalham, lutam, escrevem, é porque a sua tristíssima seita de ódio está periclitando, está em debandada, em perigo de ser submergida pela verdade evangélica que ela tão miseravelmente falsifica,

¹¹ Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, Rio de Janeiro, 1922, p. 118, apud AZZI, A Igreja no Brasil, p. 219.

materializa e blasfema. Pobre protestantismo! Está tão apodrecido. As suas bases estão tão carcomidas, que ameaçam ruínas de todos os lados¹².

Em 1922, D. Sebastião Leme, na época Arcebispo do Rio de Janeiro, promoveu na capital da República o primeiro Congresso Eucarístico Brasileiro, com o objetivo de celebrar o primeiro Centenário da Independência do Brasil e, ao mesmo tempo, apresentar o poder e a força social da Igreja Católica. Os discursos feitos durante este Congresso foram para enaltecer a importância da fé católica e, simultaneamente, insistir sobre a necessidade de reafirmá-la no cenário brasileiro. Neste sentido, pode-se dizer que os congressos foram um dos meios utilizados pelo clero brasileiro para incrementar o movimento da restauração católica aqui no Brasil.

Para entender a questão do movimento da restauração católica, precisamos voltar à Proclamação da República no Brasil. Com a República, a Igreja vivia duas situações: uma de liberdade, pois a Igreja não estava mais atrelada ao Estado, era o fim do padroado; a outra era de insegurança, pois antes a Igreja vivia sob uma proteção que a sufocava, mas lhe dava posição de destaque e ascendência. Agora, livre do Estado, a Igreja era um grupo religioso entre outros grupos e não tinha mais poder para interferir em nenhum assunto político. Com o surgimento da República, a Igreja se viu diante dos desafios e da problemática da laicização do Estado. No Estado laico, a liberdade das consciências e o direito de culto são de todos, de forma que a Igreja Católica passava a se nivelar a outras correntes ideológicas num mesmo pé de igualdade.

Diante desta realidade, a Igreja Católica reclama sua posição. Aceita a liberdade religiosa, mas quer manter sua posição de destaque e sua hegemonia no poder. Os bispos chamam os fiéis à militância em favor da restauração do catolicismo no Brasil. Assim se expressavam:

É hora de surgir do sono, de despertar da inércia, de estimular brios, de agir com valor e de concerto, de combinar um grande e generoso esforço para defender, restaurar e fazer reflorescer a nossa religião e a nossa pátria¹³.

A restauração do catolicismo no Brasil tinha o objetivo de fortalecer a instituição católica contra o processo de laicização do Estado. Segundo Daniel Soares Simões, o desejo

¹² LOMBAERDE, Sol Eucarístico, pp. 6-7.

¹³ RODRIGUES, A Igreja na República, p. 49.

da restauração católica já se fazia presente logo na separação entre Igreja e Estado, mas esta ideia vai ser consolidada apenas na década de 1920.

Embora a ideia de uma ‘restauração católica’ já estivesse presente desde 1890, foi somente a partir da década de 1920 que ela encontrou condições favoráveis para o seu florescimento. Foi quando a Igreja no Brasil, submetida à Santa Sé, passou a investir de modo mais efetivo na afirmação de sua presença na sociedade e na maior aproximação e colaboração com o Estado. A partir dessa época, começou a ganhar consistência o propósito de “recristianizar” o país, restabelecendo uma “ordem cristã” na qual a influência dos valores católicos fosse novamente sentida nas diversas instituições sociais. Ao mesmo tempo, a Igreja continuou a voltar-se contra as “heterodoxias” mantendo, em particular, acirrada polêmica com o protestantismo. Era a resposta da Igreja à secularização e ao pluralismo republicano¹⁴.

Em nível nacional, surgiram várias personagens que articulariam e animariam esse projeto. D. Sebastião Leme teve um destaque todo especial. Como já vimos, ele promoveu o primeiro Congresso Eucarístico Nacional no Brasil, motivou e liderou a construção do monumento do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, como símbolo do poder da Igreja Católica.

D. Sebastião Leme chamou à militância todos os fiéis e sacerdotes. Na sua formosa Carta Pastoral de 1916, D. Leme identificava a grande crise da Igreja do Brasil como crise de ignorância religiosa e de catolicismo apático. Em 1916, quando fora arcebispo de Olinda, se convenceu de que era preciso partir para um sério apostolado do ensino religioso em todos os níveis e por todos os meios viáveis. Neste sentido, D. Leme expressou sua indignação diante da frieza dos católicos frente à situação religiosa e política em que viviam: “Somos uma maioria asfixiada. O Brasil que aparece, o Brasil nação, esse não é o nosso. É da minoria. A nós católicos, apenas dão licença de vivermos. Que humilhação para a nossa fé”¹⁵. Nesta mesma carta D. Leme fez duras críticas à falta de militância dos cristãos católicos, e assim afirmava:

Somos católicos de clausura; a nossa fé se restringe ao encerro do oratório ou à nave das igrejas. Quando fora da porta dos lugares santos tremulam os nossos pendões, é certo que neles não frezem entusiasmos de uma reivindicação jurada; braçadas de flores é que eles levam em suas dobras perfumadas; não são bandeiras de ação, são vexilos de procissão¹⁶.

¹⁴ SIMÕES, O Rebanho de Pedro e os Filhos de Lutero, p. 34.

¹⁵ Carta pastoral de Dom Sebastião Leme, Arcebispo de Olinda, saudando seus diocesanos, p. 16.

¹⁶ Ibid.

Para uma verdadeira restauração católica no Brasil, era necessário o empenho dos sacerdotes junto aos seus fiéis. Neste sentido, fazia-se necessário que o clero saísse da sacristia. Aqui temos a passagem de uma militância defensiva, característica do séc. XIX, para uma militância ofensiva. O que vale agora é discutir, expor as verdades fundamentais da fé cristã e agir.

Lendo os livros e os artigos de jornal do Pe. Júlio Maria, não encontramos nenhuma referência explícita ao movimento de restauração católica ou à Carta Pastoral de Dom Leme ou à sua obra em Olinda ou no Rio de Janeiro. Mas é claro que o trabalho dele em Manhumirim se encaixa perfeitamente no diagnóstico e na terapêutica pastoral de Dom Leme.

Ao chegar a Manhumirim, em 1928, Pe. Júlio Maria diagnosticou toda a problemática religiosa de sua paróquia, a ignorância católica e a infiltração das ideias protestantes¹⁷. Diante desta realidade, era necessária uma luta declarada. Saiu para o campo de luta com a espada de soldado de Cristo, a palavra da verdade, demonstrando publicamente a fé sem medo de seus opositores.

Na trilha da Carta Pastoral de 16.07.1916, publicada pelo Arcebispo de Olinda, o pároco de Manhumirim enfrentou a ignorância religiosa dando catequese para todos os seus fiéis, crianças, jovens e adultos. Ensinava as verdades da religião católica com coragem e entusiasmo, dizendo que a fé não é magia, mas luz que ilumina a inteligência e força que movimenta a vontade. E mais: no labor da boa imprensa, escrevia semanalmente no jornal “O Lutador”, a fim de instruir e formar os seus leitores, esclarecendo, combatendo, de modo claro e até mordaz, as arremetidas espíritas e protestantes¹⁸.

Sem citar ou divulgar o movimento da restauração católica, ele fez todo esse movimento em Manhumirim, seguindo as diretrizes gerais de D. Leme, quando chamava todo o clero para a militância frente à frieza ou à indiferença dos fiéis católicos. Neste sentido, Paschoal Rangel nos oferece uma boa síntese das ações do Pe. Júlio Maria frente a essas questões em Manhumirim:

Em Manhumirim, o Pe. Júlio Maria conseguiu reunir em torno dele os católicos da Paróquia. No começo, foi difícil. Os maçons dominavam a cidade e estavam naturalmente infiltrados na Comissão da Igreja. Pe. Júlio foi exigente. Ninguém podia – era o que ele e a Igreja diziam na época – ser

¹⁷ Sobre o confronto do Pe. Júlio Maria com os protestantes, os maçons e os espíritas, Cf. SIMÕES, O Rebanho de Pedro e os filhos de Lutero.

¹⁸ Cf. RANGEL, Pe. Júlio Maria De Lombaerde em seu contexto histórico, p. 491.

católico e maçom ao mesmo tempo. Quem não quis desistir da maçonaria, foi obrigado a deixar seus cargos na Igreja. Houve uma separação, uma definição de campos. Isto teve repercussões políticas. Quem era de Igreja, apoiava os chefes políticos católicos. Esses chefes políticos, por sua vez, aderiram ainda mais estreitamente ao padre e à Igreja. E deu-se ali, não a luta dos coronéis contra os bacharéis, mas a luta dos católicos contra os protestantes e os maçons. O Pe. Júlio Maria não era homem de tomar partido político; parece, aliás, que não entendia muito de política propriamente dita. Ele queria unir e preservar os católicos e torná-los livres da influência maçônica. Qualquer resultado que essa atitude viesse a ter, não estava nos cálculos do “vigário”. Ele “pensava religioso”. Mas, organizando os católicos, transformava-os em força sociológica e política, sem querer isto explicitamente¹⁹.

Esta foi a ação do Pe. Júlio Maria diante destas duas situações: os congressos eucarísticos e o movimento de restauração da fé católica no Brasil. Ele segue o modelo de Igreja de sua época. Era um sacerdote tridentino, polemista, rebateu e lutou contra os protestantes, os espíritas e os maçons. Era um verdadeiro defensor da fé cristã.

1.2 Pe. Júlio Maria: contexto social e eclesial de Manhumirim²⁰

Na obra “*História de Manhumirim – Município e Paróquia*”, encontramos alguns dados estatísticos da cidade de Manhumirim referentes ao ano de 1928, que põem em xeque a ideia de uma cidade pobre, pequena e sem grandes perspectivas de futuro. Esta forma de apresentar a cidade de Manhumirim foi fruto de uma narração ideológica de Dom Miranda ao descrever a escolha do Pe. Júlio Maria por esta cidade. Vejamos:

Acostumado à simplicidade e à pobreza, e imbuído do Espírito de Deus, que criou obras semelhantes à sua em lugares humildes e difíceis, Pe. Júlio Maria não quis morar em centros de maior importância. Ao passar por Manhumirim – narra ele – ‘algo me atraiu a este lugarejo tristonho e feio, encaixado entre montanhas descalvadas. Via nele uma parecença com Macapá, onde iniciara, no Norte, a minha senda de Fundador, e com Grave, aldeia da Holanda, donde surgira, no sofrimento, a Congregação a que pertenço; e achei que Manhumirim era a paragem escolhida por Deus. Esta cidade me serve, Exa.’ O bispo responde: ‘Mas, Pe. Júlio, não é possível. Manhumirim nem é sede de paróquia. É um simples curato. Pior que tudo: neste lugar, por dois tostões e um copo de cachaça se mata a um homem. É um dos lugares mais temerosos da minha diocese!’ Pe. Júlio Maria responde ao bispo: ‘Pois é isto mesmo o que eu desejo, senhor bispo. Quero que o meu seminário seja erguido por entre dificuldades mil, para chamar as bênçãos de

¹⁹ RANGEL, Pe. Júlio Maria De Lombaerde em seu contexto histórico, p. 499.

²⁰ A respeito do contexto, Cf. também MATOS, Pe. Júlio Maria De Lombaerde no contexto histórico.

Deus'. Dom Carloto sorriu e disse: "Seja como quer, Pe. Júlio. E que Deus abençoe as suas obras"²¹.

A descrição de D. Miranda difere substancialmente daquela que encontramos na obra *História de Manhumirim – Município e Paróquia*. Segundo Demerval Alves Botelho, a cidade de Manhumirim, em 1928, possuía cerca de trinta e cinco mil habitantes. Contava com duas agências bancárias e várias firmas que se mantinham, sobretudo com a produção de café, e possuía uma vida urbana florescente²². Ainda:

Manhumirim presenciava, a cada dia, o progresso, ampliando as fronteiras, invadir suas ruas e se expandir para os distritos. Ia-se tornando uma cidade-dinamo, como fora cognominada mais tarde. A velha Pirapetinga, agora metamorfoseada, ia-se impondo diante dos municípios da redondeza, e também perante o Estado, e fazia jus aos foros de município que lhe foram outorgados. Ainda no primeiro semestre de 29, os Irmãos Barreto abrem uma agência de carros da Chevrolet na praça. Vendiam de preferência carros desta fábrica. Álvaro Vidal Soares, agente autorizado, abre também outra agência para venda dos carros da Ford²³.

Diante destes dados registrados por Demerval Botelho, fica claro que a escolha do Pe. Júlio Maria por Manhumirim não foi movida pela realidade de pobreza da região, nem por lembrar suas missões no Norte do país. A escolha por Manhumirim se deve ao crescimento do protestantismo naquela região, uma vez que na Diocese de Caratinga a força protestante se concentrava em Manhumirim.

A Revista *Mensageiro do Coração de Jesus*, de junho de 1926, divulga o crescimento do protestantismo na Diocese de Caratinga com os seguintes dados: "são 31 casas de oração, muitas delas na roça e nas fazendas; 7 ministros e vários propagandistas; cerca de 500 adeptos e três colégios"²⁴.

Em Manhumirim, Pe. Júlio Maria se deparou com uma presença protestante forte e articulada. Os protestantes apareceram nesta região na segunda metade do século XIX, quando ali se estabeleceram imigrantes suíços e alemães luteranos, vindos de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Esses imigrantes chegaram à região para cultivar café e ali lançaram as bases de sua comunidade religiosa cristã. Inicialmente construíram o primeiro templo em

²¹ MIRANDA, Pe. Júlio Maria, sua vida e sua missão, pp. 93-94.

²² BOTELHO, História de Manhumirim – Município e Paróquia, p. 32.

²³ Ibid., p. 51.

²⁴ Mensageiro do Coração de Jesus, jun. 1926, p. 376.

1897, em Alto Jequitibá, que na época era distrito de Manhumirim. Mais tarde, em 1902, a Igreja presbiteriana foi-se organizando e ganhando mais fiéis; aos poucos o presbiterianismo foi-se espalhando por outras cidades vizinhas de Manhumirim. Entre 1908 e 1927, o chefe religioso desse grupo era o Rev. Aníbal Nora. Juntamente com sua esposa, fundou a escola primária que deu origem ao Ginásio Evangélico de Alto Jequitibá. Esse colégio destinava-se aos filhos dos fazendeiros e pessoas de classe média²⁵.

Na cidade de Manhumirim, a Igreja Presbiteriana chegou em 1922, sendo pastoreada pelo Rev. Aníbal Nora. O ano de 1923 marcou o início das atividades da Igreja Batista, que inicialmente funcionava na casa do Pastor Alberto Vaz Lessa, sendo consolidado o trabalho dessa Igreja em 1927²⁶.

Quanto à vida eclesial dos fiéis, a Igreja Católica em Manhumirim se encontrava parada, sonolenta, sem nenhuma projeção, e não tinha nenhum destaque em sua ação pastoral. Numa linguagem de hoje, o contexto eclesial da paróquia do Senhor Bom Jesus de Manhumirim era de uma Igreja de manutenção. Chegamos a essa conclusão quando o próprio Pe. Júlio Maria descrevia a realidade encontrada por ele:

Retardei até janeiro deste ano a escrituração do Livro de Tombo, para ter o tempo de observar e estudar o povo e a situação, e não adiantar nada de duvidoso ou de incerto. É, pois, após 9 meses de residência e de trabalhos, que julgo a situação e os fatos da paróquia [...]. Passei na casa paroquial, junto com o Vigário, a Semana Santa, constatando com tristeza que o povo estava completamente imbuído de ideias protestantes, frequentando poucos e pouco a igreja, e de nenhum modo os sacramentos. O protestantismo solidamente implantado e protegido por uns ricos, possuía dois templos, um de Presbiterianos e outro de Batistas, funcionando um terceiro dos Evangelistas e em casa particular. Nenhuma irmandade canonicamente erigida existia. Encontrei umas 15 senhoras com a fita do Coração de Jesus, fazendo a comunhão mensal no 1º Domingo; também umas 18 Filhas de Maria, que nem apareceram no princípio, tendo apenas a fita e o véu, sem organização nenhuma. O catecismo das crianças não existia, nem havia pregação, de modo que reinava a mais completa ignorância religiosa²⁷.

Pe. Júlio Maria, como bom observador que era, logo percebeu que aquela realidade encontrada em Manhumirim se devia ao tipo de pastoral praticada pelo seu antecessor, o Pe. Frederico De La Barrera. Ele, sendo nomeado Cura de Manhumirim, antes de tomar posse do curato, passou alguns dias com o Pe. La Barrera e logo percebeu as

²⁵ Cf. BOTELHO, História de Manhumirim - Município e Paróquia, p. 151-155.

²⁶ SATHLER, História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá, p. 125-126.

²⁷ LIVRO DE TOMBO da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Manhumirim, fl. 09.

características pastorais daquele presbítero. Percebeu que o Pe. La Barrera tinha muita dificuldade em se comunicar com o povo, falava um português de difícil compreensão. Outra atitude, talvez não apreciada pelo Pe. Júlio Maria, foi a falta de coragem de enfrentar os problemas e as dificuldades da paróquia: o confronto com os protestantes e outros grupos que dominavam a situação. Na verdade, o antecessor do Pe. Júlio Maria era um presbítero mais afeito à administração dos sacramentos, sem aquela preocupação de atingir o coração da comunidade.

1.3 Pe. Júlio Maria e o seu trabalho paroquial em Manhumirim

Pe. Júlio Maria começou seu trabalho paroquial em Manhumirim, em 1928, quando assumiu a Paróquia do Senhor Bom Jesus, como pároco, trabalho interrompido em 1944, no ano do seu falecimento.

O novo pároco de Manhumirim chegou²⁸ sem alarde. Sabia muito bem o que a missão naquela terra lhe reservava. Sua primeira atitude foi observar a vida do povo e o trabalho do Pe. Frederico De La Barrera, seu antecessor. Como já sabemos, depois de nove meses de intenso apostolado em Manhumirim, Pe. Júlio Maria descreveu a seguinte situação: o povo estava tomado pelas ideias protestantes, sua participação na Igreja e nos sacramentos era muito fraca. A Igreja estava quase vazia. Os templos protestantes cresciam. Não havia nenhum grupo ou associações religiosas criadas canonicamente; apenas um pequeno grupo de senhoras do Apostolado de Oração e de Filhas de Maria. A catequese para as crianças não estava ativada, nem existia pregação para o povo. Reinava, no dizer do Pe. Júlio Maria, a mais completa ignorância²⁹.

No dia da posse do Pe. Júlio Maria como pároco de Manhumirim, reinava na comunidade paroquial um espírito de indiferença e de dispersão nos fiéis. Assim narra Dom Miranda:

Foi na páscoa da ressurreição, 8 de abril, que tomou posse, sendo-lhe imposta a estola pelo Pe. Frederico De La Barrera, à estação da missa.

²⁸ Pe. Júlio Maria chegou a Manhumirim no dia 24 de março de 1928. Passou 15 dias convivendo com o Pe. La Barrera. Nesse período, participa da Semana Santa naquela paróquia e nota a frieza e a falta de entusiasmo do povo em celebrar estes mistérios da nossa fé. Tomou posse da paróquia no dia 8 de abril do mesmo ano.

²⁹ Cf. LIVRO DE TOMBO da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Manhumirim, fl. 09.

Quantas foram as comunhões? Apenas cinco. E o Padre Júlio as enumerava: D. Edwiges, os velhos Cantamissa, o meu velho amigo Pedro... E foram só³⁰.

Diante da realidade descrita pelo Pe. Júlio Maria, qual seria seu projeto missionário para aquela paróquia? Uma vez que sua missão não era pesquisar a vida do povo, mas animá-lo a partir da fé cristã, a pergunta que esquentava sua cabeça e ardia em seu coração era: o que ele poderia ser e fazer para animar aquele povo?

Após uma escuta amorosa de Deus e da realidade que o cercava, seu projeto missionário foi aos poucos sendo traçado. Ele percebeu que, para animar e transformar a comunidade paroquial de Manhumirim, era preciso realizar muitas daquelas ações que fizera em Macapá. Ele logo se deu conta de que para ganhar a simpatia do povo era necessário dedicar um pouco de sua atenção às crianças. Então seu projeto começou assim:

Inicialmente, foi ele quem lhes foi ao encontro, acariciando-as e sorrindo-lhes com aquela bondade irradiante. Por fim, eram elas que lhe vinham pedir a bênção quando ele passava pelas ruas. A sua amizade aos pequeninos levou-o a visitá-los em suas casas e nas escolas. Tornou-se ele mais querido nas escolas que as próprias mestras³¹.

Pe. Júlio Maria utilizou outros meios para renovar a sua comunidade paroquial, a saber: catequese, pregação, organização das pessoas em grupos e o cuidado com os doentes. Ele narra:

Desde a minha chegada, fundei um catecismo para os homens, todas as noites na igreja; um outro para os meninos durante o dia; e um terceiro para as meninas, que confiei a uma jovem piedosa. [...] O povo gosta da pregação, o que é uma grande vantagem. É com esta finalidade que, já por cerca de seis anos, prego todas as noites, em estilo de conferências, visando a inculcar bem, pouco a pouco, conhecimento mais amplo e mais exato das verdades cristãs. Ainda outra vantagem – gostam de pertencer a uma irmandade. Peguei-os de novo pelo lado fraco, e organizei confrarias religiosas para homens, mulheres e crianças³².

Esse programa de pastoral citado pelo Pe. Júlio Maria foi sua atividade inicial em Macapá. Em Manhumirim ele repetiu o mesmo trabalho. Não gastou tempo nem forças com

³⁰ MIRANDA, Pe. Júlio Maria sua vida e sua missão, p. 95.

³¹ Ibid., p. 73.

³² LOMBAERDE, Diário Missionário, pp. 285-291.

obras paroquiais pesadas. Pelo contrário, dinamizou a vida paroquial através de coisas simples: visitas às famílias, pregação da Palavra de Deus, catequese às crianças, aos jovens e aos adultos, e se dedicou ao atendimento às pessoas que o procuravam para receber os sacramentos. Só mais tarde se dedicou à construção de colégios, abrigo para idosos, hospital e seminário, para que seus religiosos usassem desses meios para servir aos destinatários da missão.

É que, para ele, a paróquia era um campo de missão onde a Palavra de Deus devia ser anunciada, os fiéis alimentados pela ação sacramental da Igreja e terem os cuidados do seu pastor. O jeito de ser sacerdote missionário do Pe. Júlio Maria se manifestou em todas as suas ações. Bastava lembrar suas catequese e pregações, seus escritos, sua preocupação com a formação de novos missionários, sua dedicação no atendimento às pessoas, seu empenho na educação, na saúde, seu carinho com as crianças e com os idosos. Sua forma de ser sacerdote³³ movimentou uma paróquia que estava quase morta, sem liderança e sem projetos para a missão.

Ele tinha clareza de que a fecundidade do apostolado paroquial não dependia exclusivamente das estruturas que tinha, mas a transformação paroquial começava a partir do encontro dos fiéis com Jesus Cristo. Logo que chegou a Manhumirim, foi percebendo a frieza da fé dos cristãos católicos e sua pouca participação na vida da Igreja. Diante desta situação, a ação pastoral do Pe. Júlio Maria, segundo Demerval Botelho:

Não se limitava apenas às cerimônias litúrgicas e religiosas, ao atendimento e ao expediente paroquial. Ele partiu para a dinamização geral de todas as forças vivas da paróquia, como as irmandades e outras instituições, através de promoções, pregações de retiros, de missões, programações de páscoas coletivas. Além do mais, tinha um carinho especial pela instrução religiosa. Enfatizava a catequese para a meninada, a que ele mesmo presidia, criou o catecismo dos adultos que comumente era dado por ele³⁴.

O jeito do Pe. Júlio Maria ser sacerdote na paróquia e seu testemunho de pastor exemplifica aquilo que, mais tarde, o Documento de Aparecida diria sobre a renovação da paróquia:

A renovação da Paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela. A primeira exigência é que o pároco seja autêntico

³³ Sobre a forma do Pe. Júlio Maria viver seu ministério, Cf. RANGEL, Pe. Júlio Maria, mestre Espiritual, pp. 281-320.

³⁴ BOTELHO, História dos Missionários Sacramentinos, p. 212.

discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. Mas ao mesmo tempo deve ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não a simples administração³⁵.

Pe. Júlio Maria revolucionou a vida paroquial com poucos recursos. Dava gosto ser cristão, o povo tinha em seu meio um sacerdote que era outro Cristo. Isto entusiasmava os fiéis aos grandes heroísmos da fé. Demerval Botelho testemunha este tempo de renovação da Paróquia de Manhumirim:

Assumindo a paróquia, Pe. Júlio foi mostrando quem era: um apóstolo empenhado, homem de oração e de Palavra fácil; excelente pregador e um líder cativante, empreendedor, comunicava vida e entusiasmo pelo que propunha, pois saía dele uma força missionária que a todos atingia. Sacrificava-se pelo povo e o fazia vibrar pelas suas ideias. Isto empolgava os católicos e foi provocando um rebuliço geral por toda parte. A freguesia do Bom Jesus foi passando por uma transformação espiritual; a vida cristã foi-se tornando mais autêntica. Cresceu notavelmente a participação nos atos religiosos e celebrações litúrgicas. Reinava uma vibração em todo o curato. A comunidade estava toda feliz e contente com o seu dinâmico pastor³⁶.

Com seu carisma pessoal, Pe. Júlio Maria foi conquistando a todos. O povo criou vida nova: antes tínhamos uma Igreja envelhecida e fechada, agora temos outro rosto de Igreja. A partir da ação pastoral³⁷ dele, foi construída uma Igreja alegre, acolhedora e preocupada com as questões sociais.

1.4 Pe. Júlio Maria e sua produção literária eucarística

A produção literária eucarística do Pe. Júlio Maria foi relativamente pequena se comparamos com toda a sua obra escrita. Somente nos últimos anos de sua vida, o Pe. Júlio se dedicou a escrever sobre a Eucaristia, talvez influenciado pelos congressos eucarísticos de seu tempo, que criaram na Igreja um interesse por redescobrir e valorizar o sacramento da unidade. Mas acreditamos que a motivação primeira dele, ao escrever sobre o tema da Eucaristia, foi o seu desejo de aproximar dela os fiéis, a fim de provocar a transformação ou

³⁵ Documento de Aparecida (DA), n. 201.

³⁶ BOTELHO, História dos Missionários Sacramentinos, p. 212.

³⁷ Sobre a atuação missionária e política do Pe. Júlio Maria, Cf. SOARES, Pe. Júlio Maria De Lombaerde: Diálogo entre atuação missionária e política, pp. 7-52.

mudança em seus trabalhos paroquiais a partir da Eucaristia, principalmente quando ele trabalhou em Manhumirim.

Nossa pesquisa privilegiará suas obras ligadas ao tema da Eucaristia, sendo a obra fundamental de nossa pesquisa o *Comentário Eucarístico*. Nesta obra, Pe. Júlio Maria se propõe a ajudar os presbíteros e religiosos nas suas meditações dominicais, a fim de oferecer sugestões para catequizar a comunidade paroquial a partir da Eucaristia. Seu objetivo com essa catequese era levar os fiéis a um encontro com Jesus na Eucaristia. É interessante a estratégia do Pe. Júlio Maria ao publicar a obra *Comentário Eucarístico*. Com esse trabalho, ele queria fazer suas ideias circularem entre os padres e religiosos até atingir os fiéis e, assim, realizar seu ideal: “eucaristizar” os cristãos católicos. Irmã Lúcia Costa, no seu livro: *Aspectos fundamentais da espiritualidade do nosso fundador*, oferece-nos algumas ações do Pe. Júlio Maria que corresponderiam ao seu ideal de eucaristizar os fiéis. Vejamos:

E seu amor à eucaristia crescia... Crescia, invadia todo o seu ser e desabrochou. Transbordava mais e mais em contemplação diante do altar, em palavras escritas em seus livros, em anúncio em seus sermões e retiros, em ministério no seu confessionário, em testemunho de doação e partilha de vida. Tornou-se o profeta da eucaristia. Queria de todas as maneiras que o Cristo eucarístico fosse conhecido, amado e recebido. Para isso não calculava tempo nem forças. Não media sacrifícios. Dava-se e dava seus dias e parte de suas noites, lutando pela construção da unidade decorrente da eucaristia. Suas missas eram celebradas com indizível fervor, percebido pelas pausas, pelos gestos, por sua entonação de voz. Sua ação de graças³⁸ se estendia por longo tempo. O que se passava entre ele e o Cristo naqueles momentos? Segredos não revelados, mas desvelados por sua vida de missionário da eucaristia³⁹.

Pe. Júlio Maria De Lombaerde almejava “ser Eucaristia”⁴⁰, não pertencendo a si mesmo, nem existindo para si, mas para o apostolado da Igreja. Do seu amor à Eucaristia

³⁸ Essa ação de graças de que fala Irmã Lúcia, SDN, era uma prática do Pe. Júlio Maria nas celebrações da eucaristia. Depois da comunhão dos fiéis, Pe. Júlio Maria convidava todos a silenciar e ali ficava um bom tempo em silêncio, fazendo suas orações. Esta era uma prática piedosa do Pe. Júlio Maria, que revelava a mentalidade da teologia eucarística do segundo milênio de não compreender a celebração eucarística no seu todo, mas entendê-la de modo fragmentado.

³⁹ COSTA, Aspectos fundamentais da espiritualidade do nosso fundador, p. 5.

⁴⁰ O desejo de ser eucaristia fica claro quando o Pe. Júlio Maria revela a vontade viver uma vida íntima com Jesus Cristo, para conhecer seus pensamentos, sentimentos, e especialmente seu anseio de dar-se em alimento à humanidade. Assim se expressava o Pe. Júlio Maria: “Quero tornar-me uma alma eucarística. Ver-vos, ó Jesus, adorar-vos, visitar-vos, amar-vos e principalmente receber-vos no meu coração a fim de que possa dizer com o apóstolo Paulo: ‘Eu vivo, mas não sou eu que vivo, é Jesus que vive em mim’. Ó querido Salvador, velado pelas espécies eucarísticas, com que transporte eu vos adoro, vos exalto e prometo fazer de vós, o ideal de minha vida, como este sacramento divino parece ser o ideal de vossa própria vida terrestre” (Cf. LOMBAERDE, Contemplações Evangélicas, p. 381).

nasceu o desejo de fazer um povo eucarístico por meio da catequese, da *pregação* e da *participação dos fiéis na Eucaristia*. Seu projeto missionário era tornar o sacramento da Eucaristia conhecido e vivido pelos fiéis. Para isso, utiliza-se da celebração da missa para fazer suas catequeses eucarísticas.

Temos ainda dois livros do Pe. Júlio Maria sobre a Eucaristia. Apresentamos a seguir uma breve visão de conjunto desses livros.

O primeiro livro foi *Sol Eucarístico*⁴¹. É uma obra de teor apologético, enfoque adotado pelo autor quando veio trabalhar na região de Manhumirim, devido ao grande número de protestantes na paróquia a ele confiada. Como vimos, Pe. Júlio Maria faz uma réplica ao livreto publicado pelos protestantes, que falava contra o sacramento da Eucaristia e os Congressos Eucarísticos. O que nos interessa aqui não é a questão antiprotestante no Brasil, mas aquilo que o autor diz sobre a Eucaristia, onde encontramos uma boa síntese do que ele pensava, acreditava e ensinava sobre este sacramento.

Em sua segunda obra, *Maria e a Eucaristia*⁴², Pe. Júlio Maria faz um verdadeiro tratado sobre a Virgem Maria e sua ligação com a Eucaristia. A intuição sobre a união entre Maria e a Eucaristia não é sua. É fruto de uma devoção bem pessoal de São Julião Eymard, fundador da Congregação do Santíssimo Sacramento. Percebendo que faltava “*teologia*” a essa devoção mariana, ele fez várias pesquisas e procurou dar corpo ao ensinamento de Eymard. Nesta obra, o que nos interessa são os capítulos que falam sobre a Eucaristia, sem entrarmos nos pormenores sobre a relação entre Maria e a Eucaristia.

⁴¹ Manhumirim: O Lutador, 1937.

⁴² Manhumirim: O Lutador, 1937.

CAPÍTULO II

MISTAGOGIA

A palavra mistagogia lembra-nos a ação de conduzir os fiéis ao mistério. É um termo “[...] composto do substantivo *mystes* (mistério), que talvez derive do verbo *myo* (fechar os lábios, estar fechado) e do verbo *ago* (conduzir)”¹.

Mistagogia é um termo grego que apareceu na comunidade cristã como fenômeno literário e litúrgico somente no final do século IV. Ela será entendida como explicação teológica dos sacramentos e dos ritos litúrgicos da Igreja. Essa ação era realizada pelos Santos Padres no intuito de introduzir e de levar os fiéis ao entendimento dos sacramentos e dos ritos litúrgicos celebrados.

Quando escreveram suas catequese mistagógicas, os Santos Padres não estavam presos exclusivamente ao conceito grego de mistagogia como acesso ao mistério. Ao escrever suas catequese mistagógicas, eles queriam fazer uma teologia que ensinasse de modo ordenado aos fiéis a compreenderem o que os sacramentos significam para a sua vida. Neste sentido, a mistagogia poderia ser a própria celebração ritual dos sacramentos e aquilo que os fiéis aprendiam vivendo os sacramentos.

A mistagogia foi um recurso pedagógico desenvolvido pelos Padres da Igreja, com a finalidade de desenvolver uma catequese sobre os sacramentos da iniciação cristã, proporcionando aos novos membros da comunidade cristã uma compreensão aprofundada de sua fé. A mistagogia patrística esclareceu o sentido dos sacramentos a partir da explicitação do sentido dos ritos litúrgicos.

As catequese mistagógicas mais famosas do séc. IV são as de Cirilo de Jerusalém, Teodoro de Mopsuéstia e Ambrósio de Milão. Todos eles escreveram catequese nas quais desenvolveram conteúdos teológicos profundos. Um dado chama nossa atenção: os Santos Padres não têm o mesmo conceito ou mesmo modo de fazer suas mistagogias, que serão elaboradas a partir da realidade pastoral de cada comunidade eclesial, assim como o modo de entender a mistagogia de cada mistagogo da patrística.

¹ PESENTI, Mistagogia In: Dicionário de Mística. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 702-704, p. 702.

Na patrística, não encontraremos uma definição única para o termo mistagogia. Segundo Enrico Mazza, seu uso não é unívoco entre os Santos Padres. Ela pode ser compreendida pelo menos em três sentidos, mas percebemos certo fio condutor em cada conceito. As catequese mistagógicas dos Santos Padres serão sempre entendidas como caminho que introduz o fiel na vida sacramental da Igreja a partir da teologia dos sacramentos e dos ritos litúrgicos. A primeira definição de mistagogia aparece como a própria celebração dos Sacramentos da Iniciação (na visão de Crisóstomo); a segunda segue a linha de uma catequese que explica de modo teórico a experiência dos sacramentos recebidos (no pensamento de Cirilo [João] de Jerusalém); e a terceira concepção de mistagogia seria o desenvolvimento de uma teologia dos sacramentos que se nutre da experiência litúrgica (no sentido de Dionísio Pseudo–Areopagita)².

A segunda definição de mistagogia, na linha de Cirilo de Jerusalém, nos chama a atenção por ser justamente a proposta de Giraudo quando sugere a volta à mistagogia como um instrumental necessário para fazer uma teologia eucarística eficaz para a comunidade. Assim se expressa Giraudo:

Que se volte a estudar a Eucaristia ‘na Igreja’, como se fazia no tempo dos Santos Padres. Também quando somos chamados a estudá-la na sala de catequese ou de ensino superior, nas dependências de uma escola, não esqueçamos que será estudada olhando para a Igreja, com os olhos fixos no altar, com os ouvidos atentos ao ensino daquela oração, sem a qual a Igreja não pode fazer a Eucaristia. Se fizermos assim, voltaremos a descobrir de verdade a Eucaristia, voltaremos a descobrir a Igreja³.

Quando faziam suas catequese, os Santos Padres não estavam produzindo especulações e casuísticas em torno da teologia dos sacramentos, mas estavam introduzindo os fiéis no mistério celebrado com a verdade, espiritualidade e beleza da liturgia. Em outras palavras, os Santos Padres, em suas catequese mistagógicas, não estavam fazendo teoria sobre os sacramentos, mas introduziam os fiéis no mistério de Deus.

² Cf. MAZZA, La mistagogia, p. 15.

³ GIRAUDO, Redescobrimo a Eucaristia, p. 11.

2.1 Mistagogia e liturgia

A mistagogia do primeiro milênio era uma teologia que se construía no seio da Igreja, a partir da celebração dos mistérios. Os Santos Padres nos ofereceram uma mistagogia que se fazia dentro da liturgia. Essa teologia era a própria mistagogia que tendia a fazer o seguinte caminho:

Em relação à teologia dos sacramentos, os Padres primeiro rezavam e depois criam, rezavam para poder crer, rezavam para saber como e o que deviam crer. Para os Padres e para o teólogo de todo o I Milênio, o lugar privilegiado em que estudam os sacramentos é a Igreja⁴.

O local das catequese mistagógicas era a comunidade de fé; o mistagogo não se colocava em lugar de destaque ou como o centro das atenções em suas mistagogias. A fonte de toda atenção, tanto para os fiéis como para o mistagogo, no caso da celebração eucarística, era o altar.

Os Santos Padres buscavam conhecer a teologia dos sacramentos ou construí-la a partir da liturgia celebrada. A preocupação central era levar os fiéis, através de uma compreensão orante, ao conhecimento dos sacramentos e dos seus ritos. Neste sentido, as catequese mistagógicas seguiam a seguinte norma: “primeiro rezavam e depois criam, rezavam para poder crer, rezavam para saber como e o que deviam crer”⁵. Essa era a regra-padrão na Patrística. Sendo assim, só poderiam entender a teologia sacramental dentro da liturgia, participando ativamente do seu mistério e deixando-se envolver por ela.

As catequese mistagógicas de Ambrósio, Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia testemunham a profunda relação que há entre liturgia e teologia. Com a redescoberta da teologia sacramental da Patrística, chegou-se à sua fonte: a *liturgia*.

Os Santos Padres não se compreendiam como professores⁶ que tivessem a pretensão de oferecer à comunidade eclesial uma lógica racional da fé separada da liturgia. A

⁴ GIRAUDO, Num só corpo, p. 8.

⁵ Ibid.

⁶ Giraudo, em seu livro “Num Só Corpo”, exemplifica essa compreensão dos santos Padres em seus exercícios de mistagogos, quando cita os Padres gregos: “Orígenes (+ cerca. 245): ‘Mas quando oramos, não fazemos vanilóquios, e sim, teologia’; Basílio de Cesareia (+ 379): ‘Como fomos batizados, assim devemos crer’; Evágrio Pôntico (+ 399): ‘Se és teólogo, rezarás verdadeiramente; se rezas verdadeiramente, és teólogo’”. Cf. GIRAUDO, Num só corpo, p. 18-19. Para os Santos Padres, o elemento necessário na catequese dos fiéis não era o dado teórico, especulativo, mas a consciência,

norma apresentada por eles não era estudar, para depois rezar ou rezar na medida em que se estuda⁷. Seu anseio interior consistia em compartilhar com os fiéis o mistério provado e experimentado por eles, e não, apresentar um estudo sistemático da fé sem antes a ter celebrado e vivido na comunidade litúrgica.

Na Patrística, a liturgia será a fonte de inspiração para todo conhecimento teológico. Ela será o lugar teológico⁸ por excelência, onde se experimenta a fé numa relação de encontro com o mistério de Deus que se revela.

O axioma de Próspero de Aquitânia: “*lex orandi, lex credendi*”⁹ ajuda-nos a compreender a mistagogia como instrumental necessário para a comunidade cristã, em que se ligavam dois elementos de suma importância: a teologia dos sacramentos e a vida litúrgica da Igreja, a fim de ajudar os fiéis a experimentarem essas duas realidades. Com o axioma de Próspero de Aquitânia, temos uma retomada de todo o trabalho dos Santos Padres. Na verdade, Próspero formulou o princípio orientador do que esses luminares da Igreja antiga haviam realizado segundo a tradição vigente na iniciação cristã: introduzir no sentido dos mistérios os cristãos recém-batizados¹⁰.

As catequeses mistagógicas dos Santos Padres revelavam que a fonte por excelência da teologia era a liturgia.

A fonte da teologia da Igreja não é só a fé explicitada em dogmas e outras verbalizações, mas também a fé vivida concretamente em obras e celebrada nos símbolos e nos ritos. As expressões de fé citadas por último (prática e celebração cristãs) constituem a teologia primeira; o que fazem os teólogos e o magistério é teologia segunda. A primeira não é menos importante que a

envolvimento e adesão do fiel e da comunidade no sacramento ou na ação litúrgica que estavam celebrando.

⁷ Essa era a metodologia eucarística do segundo milênio: “*primeiro estudam e depois rezam, rezam na medida em que estudaram, rezam como estudaram*”. Cf. GIRAUDO, Num só corpo, p. 7.

⁸ “[...] quando se fala da liturgia como ‘lugar teológico’ [...] não se trata somente de citar textos litúrgicos, mas de levar em consideração a liturgia em ato [...], a liturgia como realização que compreende o espaço litúrgico (o edifício com seus componentes), o movimento e a posição dos atos no espaço, os atores, sua relação entre si e no espaço litúrgico, enfim, a simbólica não-verbal, que é justamente o essencial e mais importante na liturgia. Entretanto, é importante não confundir os distintos planos. ‘A liturgia é fundamentalmente celebração do mistério de Cristo’, enquanto a teologia aprofunda esse mesmo mistério no contexto de uma determinada cultura, com o instrumental da racionalidade própria a essa cultura. A liturgia expressa a fé de modo evocativo, poético, simbólico, existencial e assim nos põe em contato com o evento fundador. Sua finalidade primeira não é expressar a fé racionalmente, mas celebrá-la existencialmente e transportar-nos sacramentalmente ao evento-base de nossa fé”. TABORDA, O memorial da Páscoa do Senhor, p. 33.

⁹ Cf. Sobre a questão da origem e história desse axioma em: TABORDA, *Lex orandi – Lex credendi*, pp. 71-86.

¹⁰ TABORDA, O memorial da Páscoa do Senhor, p. 21.

segunda. Pelo contrário, sem a primeira a segunda perde o contato vivencial com o mistério, sua fonte originária, sai do caminho seguro, corre o risco de tornar-se árida, estranha à revelação. Dando atenção à teologia primeira, o teólogo mantém a modéstia e a atitude doxológica, glorificando a Deus que age na vida da Igreja¹¹.

Ao realizarem suas catequeses, os Santos Padres não estavam fazendo especulações e casuísticas em torno da teologia dos sacramentos, mas uma teologia que introduzia os fiéis por meio da liturgia no mistério dos sacramentos celebrados na comunidade eclesial.

2.2 A Palavra de Deus nas mistagogias

Nas catequeses mistagógicas, os Santos Padres utilizavam a Sagrada Escritura e faziam um tipo de hermenêutica em que buscavam interpretar os textos sagrados para o hoje de sua história, sem forçar o texto a dizer o que ele não queria dizer, mas encontravam um sentido na Escritura e na história para a sua interpretação. Neste sentido, podemos afirmar:

Na tradição eclesial, os primeiros intérpretes da escritura, os Padres da Igreja, consideravam que a exegese que faziam dos textos só era completa enquanto eles evidenciavam o sentido para os cristãos do tempo deles e na situação em que viviam. Só se é fiel à intencionalidade do texto bíblico na medida em que se tenta reencontrar no coração de sua formulação a realidade de fé que eles exprimem, e se esta se liga à experiência dos fiéis do nosso mundo¹².

As catequeses mistagógicas feitas pelos Santos Padres são fruto do conhecimento que eles têm da Palavra de Deus, um conhecimento não teórico ou especulativo, mas um conhecer que é fruto de sua proximidade da Palavra, de sua união com ela, da contemplação da manifestação de Deus na vida do seu povo. A Sagrada Escritura era o farol, a luz que iria iluminar suas catequeses com a finalidade de ajudar os fiéis na sua caminhada espiritual para se encontrarem com Deus. Em outras palavras, pode-se dizer:

É importante recordar, mais uma vez, que os Padres, antes de serem exegetas, ou teólogos, eram em sua maioria pastores inseridos, portanto, em uma comunidade eclesial. Sua preocupação não era a de fazer um estudo científico da Bíblia, mas a de explicar ao povo o mistério de Cristo encerrado nas Escrituras, para evitar que o povo, como nos recorda Orígenes, estando muito próximo ao poço da água viva da Escritura, não

¹¹ Ibid., pp. 31-32.

¹² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 90.

fosse capaz de tirar água e viesse a desfalecer de sede. Por outro lado, além de pastores, muitos padres eram ou tinham sido monges e, portanto, homens que haviam percorrido os caminhos da ascese e feito a experiência da união com Deus. Não liam, portanto, a Escritura sob uma perspectiva especulativa, nem somente sob um ponto prático enquanto busca de estabelecer um conjunto de normas, guias e atitudes de tipo moral ou social. Liam-na ajoelhados, na consciência de que a pastoral, em seu sentido estrito, é a ação de Cristo no mundo, continuada pela ação da Igreja, seu corpo¹³.

A tradição cristã no seu trato com a Palavra de Deus reconhece a existência de um duplo sentido na Sagrada Escritura: o *literal* e o *espiritual*. Vejamos cada um desses sentidos, pois os mesmos faziam parte do modo como os Santos Padres¹⁴ usavam a Sagrada Escritura no mistério celebrado.

O sentido literal¹⁵ corresponde à “*literalidade*” do texto bíblico. É aquilo que o texto está diz, respeitando o tempo e o espaço em que o mesmo foi escrito. Os estudos exegéticos contribuíram para se chegar a um conhecimento cada vez mais seguro do sentido literal. No entanto, quando ficamos presos a este sentido, acabamos “prendendo” a Palavra de Deus. São Paulo já nos advertia sobre isso: “A letra mata, mas o Espírito comunica a vida” (Cf. 2Cor 3,6b)¹⁶.

Quanto ao sentido espiritual, ele se subdivide em outros três sentidos: *alegórico*, que procura ver nos textos do Antigo Testamento aquilo que aponta para o Cristo; *moral*, que se inspira na Sagrada Escritura e dela tira o modo de viver do cristão; e o *anagógico*, que a partir da Palavra de Deus constrói o discurso escatológico¹⁷.

O sentido espiritual não se reduz a uma afirmação piedosa ou interessante que se faz da Sagrada Escritura. Se o compreendemos assim, banalizamos esse sentido da Escritura. Para ser de fato o sentido espiritual, é necessário que esteja de acordo com aquilo que a Escritura diz em outra parte literalmente. O sentido espiritual é a atividade de ler a Escritura

¹³ SILVA, O sentido teológico do texto bíblico, p. 26.

¹⁴ Cf. GARGANO, A metodologia exegética dos Santos Padres, pp. 75-110.

¹⁵ “O sentido literal da Escritura é aquele que foi expresso diretamente pelos autores humanos inspirados. Sendo o fruto da inspiração, este sentido é também desejado por Deus, autor principal. Ele é discernido graças a uma análise precisa do texto, situado em seu contexto literário e histórico. A tarefa principal da exegese é bem conduzir esta análise, utilizando todas as possibilidades das pesquisas literárias e históricas em vista de definir o sentido literal dos textos bíblicos com a maior exatidão possível.” (Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 95).

¹⁶ Cf. DUARTE, Mistagogia do Pe. Júlio Maria, p. 12.

¹⁷ Cf. TOMÁS DE AQUINO, S.Th. I q.1 a. 10.

segundo a analogia da fé, ou seja, relacionando o texto da Escritura com as confissões de fé. Primeiramente o sentido espiritual vale do Antigo Testamento, e é sua leitura feita à luz do Novo. Nesse sentido, a relação entre o sentido literal e o sentido espiritual é como a relação entre o Antigo e o Novo Testamento. Como afirmava João Escoto Erígena: “*o espírito da letra é Cristo*”. O sentido espiritual centra-se no âmbito da fé. Não está preocupado com especulações ou o desenvolvimento de uma imaginação criativa. O sentido espiritual não exclui a exegese científica, mas exige sua presença neste trabalho, porque sabe que não pode substituí-la¹⁸.

Com outras palavras, o sentido espiritual é toda lição ou mensagem que o leitor extrai da Palavra de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo, que faz com que a Palavra tenha sempre uma atualidade. Ainda mais, o sentido espiritual nos convence de que “o mistério de Cristo dá a chave de interpretação a todas as Escrituras, e a exegese antiga se esforçou por encontrar um sentido espiritual nos menores detalhes dos textos bíblicos”¹⁹.

Nas catequese mistagógicas dos Santos Padres esses sentidos se fazem presentes não de modo tão sistemático ou exegetico, como entendemos hoje. Lá está o germe e a semente do modo de interpretar a Sagrada Escritura, que foi passando de tempo em tempo, até chegar aos nossos dias com toda a sua evolução. Mas o interessante é perceber a força e fecundidade da Palavra de Deus nos textos litúrgicos dos Santos Padres, e como eles vão interligando a Palavra de Deus e os sacramentos.

2.3 Um método mistagógico

Enrico Mazza²⁰ estuda as catequese mistagógicas dos Santos Padres Ambrósio de Milão, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo, Cirilo (ou, mais provavelmente, João) de Jerusalém e Agostinho de Hipona. Observando a estrutura do desenvolvimento e o estilo dos textos, percebeu que nas catequese mistagógicas os textos da Sagrada Escritura são frequentes. Apesar das diferenças entre os textos e a intenção de cada autor, existe algo comum entre eles: o uso da tipologia bíblica como método a fim de explicar o sentido dos sacramentos.

¹⁸ Cf. DE LUBAC, Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'Écriture, I, 305-363.

¹⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A interpretação da Bíblia na Igreja, pp. 99-100.

²⁰ Cf. MAZZA, La mistagogia, pp. 194-198.

Segundo Mazza, essa tipologia bíblica aplicada à liturgia não é fruto de inspiração ou de capacidade intelectual dos autores, mas sim, de um método rigoroso, sabiamente aplicado pelos seus autores, como também de seus carismas pessoais. Para o sucesso das catequeses mistagógicas, primeiro vem o conhecimento da Escritura Sagrada, depois a capacidade de escrever dos autores.

O método mistagógico apresentado e sistematizado por Enrico Mazza, fruto do seu estudo das catequeses dos Santos Padres, inclui cinco passos, todos eles importantes e fundamentais para o desenrolar das catequeses mistagógicas. Vejamos:

1) No primeiro passo, o mistagogo começa a descrever o rito, gesto, ação ou formulário litúrgico que vai explicar.

2) Já no segundo passo, o mistagogo tenta identificar na Escritura, seja no AT ou NT, as perícopes da Escritura que explicitam a salvação que se celebra nessa liturgia.

3) No terceiro passo, temos o momento de aprofundar o evento salvífico narrado nos textos escolhidos de forma que se mostre, com recurso a outros textos e à reflexão teológica, seu significado para a salvação. Neste passo, o enfoque é o evento salvífico, e não o sacramento como tal.

4) Agora, no quarto passo, retorna-se ao rito, aplicando o que foi visto nos passos anteriores. A liturgia é assim interpretada a partir dos textos bíblicos que se referem ao evento que a fundamenta.

5) No último passo, o mistagogo explica o dinamismo do conjunto a partir de uma terminologia propriamente sacramental, recorrendo à gama de textos específicos para designar a dinâmica sacramental: mistério, sacramento, figura, imagem, semelhança, e os pares semânticos imagem-verdade e tipo-antítipo. Principalmente nestes últimos, pode-se ver o evento salvífico que lhes serve de relação de identidade e diferença²¹.

Esses cinco passos estão presentes, de forma direta ou indireta, nos trabalhos dos mistagogos da patrística. São de fundamental importância para o sucesso ou o bom desenvolvimento das catequeses mistagógicas. Sem eles, o objetivo das catequeses mistagógicas ficaria comprometido, pois sua pretensão era introduzir os fiéis no mistério celebrado.

²¹ Ibid., p. 197.

Os cinco passos do método mistagógico são, na verdade, os passos usados pelos Santos Padres para a construção da teologia dos sacramentos. Dos passos apresentados do método mistagógico, o segundo e o quarto são fundamentais para a construção da teologia sacramental. Estes dois passos querem justamente apresentar

a identificação da passagem ou das passagens da Escritura que descreve(m) o evento salvífico ao qual o sacramento se refere, e a aplicação à liturgia de tudo o que se encontra ao aprofundar o evento de salvação. O método-base nesse modo de fazer teologia é, portanto, a tipologia bíblica que permite unificar o Mistério, sua celebração e explicitação do sentido do Mistério para nós²².

O conteúdo das mistagogias não são as especulações ou as pesquisas dos Santos Padres, mas a própria revelação de Deus celebrada na ação litúrgica da comunidade eclesial iluminada pela Sagrada Escritura, pela qual se revela o evento de salvação nos sacramentos.

Segundo Mazza, o objetivo deste método mistagógico é assegurar a ligação ontológica entre o rito e o evento de salvação, mas sempre levando em conta a superioridade do evento salvífico em relação ao rito. Aqui nós estabelecemos a ligação entre mistagogia e teologia. Na verdade, a mistagogia é um modo de fazer teologia. E essa teologia se constrói a partir da ação litúrgica da Igreja e da contemplação da Sagrada Escritura, com a finalidade de ajudar o fiel a fazer a experiência de Deus em sua vida.

2.4 Gênese da catequese mistagógica do Pe. Júlio Maria

A atuação missionária do Pe. Júlio Maria em Manhumirim pode ser interpretada de vários modos. Nosso trabalho privilegiará a catequese eucarística, como um instrumento usado por ele a fim de renovar e transformar sua comunidade paroquial.

Pe. Júlio Maria sempre deu atenção ao trabalho catequético. Aqui no Brasil, ele se dedicou com muita intensidade a essa tarefa. Mas foi em Manhumirim que ele elaborou uma catequese eucarística para os paroquianos, com o intuito de renovar a comunidade paroquial. Do seu amor à Eucaristia nasceu o desejo de fazer um povo eucarístico por meio da catequese, da pregação e da participação dos fiéis na Eucaristia. O seu projeto missionário era tornar o sacramento da Eucaristia conhecido e vivido pelos fiéis. Assim ele se expressava:

²² Ibid., p. 39.

Faça Deus que cada vigário institua em sua paróquia, um ano de pregação eucarística, instruindo, deste modo, os fiéis no grande dogma do amor, aumentando, cada vez mais a assistência da missa, a comunhão, as visitas ao SSmo. Sacramento! Tal pregação produz resultados inesperados, sendo o bastante para reformar uma paróquia inteira²³.

As catequese eucarísticas feitas pelo Pe. Júlio Maria em Manhumirim nos lembram as mistagogias eucarísticas dos Santos Padres. Quando afirmamos isto, temos consciência de que o nosso autor não utilizou em suas obras a palavra *mistagogia* para significar o processo de introduzir os fiéis no mistério da eucaristia. Ele fez esse trabalho “mistagógico” tendo em mente o significado da palavra catequese em sua ação pastoral, segundo ele mesmo define como: “a ação de introduzir os fiéis no mistério da Eucaristia naquilo que é possível de forma simples, metodológica e orante”²⁴.

Nós é que “batizamos” a sua catequese dominical como uma catequese mistagógica. Vemos nessas catequese uma intenção de introduzir os fiéis na vida sacramental eucarística. Quando o Pe. Júlio Maria fazia suas catequese, ele não estava apenas motivado a doutrinar os fiéis, mas queria levá-los a penetrar no mistério da Eucaristia. Assim ele se expressava: “Muitos já compreendem o que é a Eucaristia: o Deus conosco. Entretanto, poucos ainda sabem rasgar o véu do divino mistério e descobrir o que se pode chamar o senso da eucaristia”²⁵.

A obra *Comentário Eucarístico*, idealizada a partir da prática do Pe. Júlio Maria, foi um trabalho catequético que podemos chamar mistagógico. Ele foi desenvolvendo sua catequese eucarística a partir da leitura espiritual que fazia dos textos da liturgia dominical, com a finalidade de explicar teoricamente a experiência dos sacramentos recebidos pelos fiéis, de modo especial o da Eucaristia, a fim de que o fiel pudesse conhecer de forma profunda a Eucaristia e assim se deixasse transformar por ela.

Enrico Mazza, no livro “*La mistagogia. Le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo*”, apresenta-nos três modos de entender o termo mistagogia. Por questão de interesse e de proximidade com aquilo que estamos estudando, optamos pelo segundo conceito de mistagogia, que segue a linha das catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, a fim de ler as catequese eucarísticas do Pe. Júlio Maria.

²³ LOMBAERDE, *Comentário Eucarístico*, p. 15.

²⁴ *Ibid.*, p. 12.

²⁵ LOMBAERDE, *Maria e Eucaristia*, p. 17.

Cirilo de Jerusalém usa o termo mistagogia pelo menos em dois sentidos. Verificamos isso nas Catequeses Pré-Batismais e nas Catequeses Mistagógicas²⁶; em ambas a mistagogia indica tanto a celebração dos sacramentos como a explicação sobre os sacramentos²⁷.

A compreensão de mistagogia na linha de Cirilo, como explicação teórica dos sacramentos, ilumina aquilo que queremos dizer do trabalho catequético do Pe. Júlio Maria em Manhumirim. Com a sua catequese eucarística, segundo o nosso modo de entender, ele tem a intenção de introduzir os fiéis no mistério de Deus, a partir da explicação que ele oferecia sobre a Eucaristia. Por isso, chamamos suas catequeses eucarísticas de mistagógicas, porque elas nos lembram ou evocam às mistagogias dos Santos Padres.

Embora a ideia de catequese do Pe. Júlio Maria se aproxime do conceito de mistagogia, é preciso lembrar que ele é um homem do seu tempo: sua teologia é do segundo milênio da era cristã, pensa segundo essas categorias. Sua forma de entender a Eucaristia era marcada por um método teológico sistemático, próprio da teologia do segundo milênio, que

(...) acabou por reduzir o mistério do altar a sistema, a um sistema - note-se - que responde a uma dinâmica de tipo mecanicista. Foi exatamente essa que induziu o teólogo especulativo a seccionar, separar, desunir, manipular, desmontar, cortar e classificar até o limite dos recursos lógicos o fato sacramental, sempre, obviamente, na tentativa sincera de aclarar, organizar, sistematizar²⁸.

Quando afirmamos que as catequeses do Pe. Júlio Maria apresentam uma analogia com as mistagogias dos Santos Padres, reconhecemos a fragilidade da comparação, pois estas apresentavam estruturas totalmente diferente das catequeses eucarísticas dele. Falta nas catequeses do Pe. Júlio Maria a ideia da celebração do mistério pascal, da Eucaristia como elemento fundamental para formar o corpo eclesial, do envolvimento dos fiéis com o social etc.

A teologia que ele reproduz em suas catequeses é uma teologia do seu tempo, e difere da teologia das mistagogias dos Santos Padres. Os Santos Padres nos ofereciam uma teologia eucarística que se fazia a partir do todo da liturgia, superando qualquer tipo de fragmentação da celebração. Eles explicavam os sacramentos, de modo especial a Eucaristia,

²⁶ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM, Catequeses pré-batismais; Id., Catequeses mistagógicas.

²⁷ Cf. MAZZA, La mistagogia, pp. 193-194.

²⁸ GIRAUDO, Num só corpo, p. 5.

a partir da celebração. A preocupação central estava em levar as pessoas, através de uma compreensão orante, ao mistério que se estava celebrando. Neste sentido, para os Santos Padres, a Eucaristia só poderia ser entendida dentro da celebração eucarística, participando ativamente do seu mistério e deixando-se envolver por ela.

Entretanto, as catequese dominicais do Pe. Júlio Maria sobre a Eucaristia podem ser vistas em analogia com as catequese dos Santos Padres no sentido de que elas buscam explicar o sentido dos sacramentos para os fiéis. Não uma mistagogia no sentido pleno da palavra, mas uma catequese eucarística que se destinava aos fiéis que já tinham recebido os sacramentos da iniciação cristã e, no entanto, careciam de um conhecimento aprofundado do sentido dos sacramentos recebidos. Como já dissemos, esse conhecimento não é uma teoria, uma abstração, nem uma doutrinação sobre a Eucaristia. Era um conhecimento que procurava envolver toda a vida do fiel. Para deixar claro, o Pe. Júlio Maria dizia qual era o sentido de sua catequese:

Fazer conhecer Jesus-Eucaristia: é a grande missão sacerdotal da nossa época. É a grande necessidade da hora presente. [...] É preciso, porém, que tal entusiasmo seja permanente, e para isso deve ser baseado sobre o conhecimento da Eucaristia. É de toda necessidade o fato da presença de Jesus Cristo na Eucaristia; é mister mostrar-lhes a doutrina, a possibilidade, o porquê e como de um mistério impenetrável, em sua essência, mas tão palpável em sua possibilidade, tão belo em suas harmonias, tão profundo em seus efeitos²⁹.

Entendemos que a catequese eucarística dele pode, sim, ser vista como uma analogia com as catequese dos Santos Padres, porque manifesta a intenção de introduzir os fiéis nos mistérios dos sacramentos, e não numa ideia doutrinária eucarística. Ele queria que o conhecimento da Eucaristia levasse o comungante à transformação. Para isso, elaborou catequese dominicais eucarísticas a fim de transformar a sua comunidade paroquial.

²⁹ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, pp. 12-13.

2.5 Método catequético do Pe. Júlio Maria

O teólogo Enrico Mazza, através de suas pesquisas sobre as catequeses dos Santos Padres, nos apresentou um método a fim de compreender a dinâmica interna das catequeses mistagógicas dos Padres da Igreja. Este método se fundamenta da relação entre a Sagrada Escritura e os sacramentos. Vimos isto a partir dos cinco passos apresentados por Mazza. As catequeses eucarísticas apresentadas pelo Pe. Júlio Maria revelam também essa proximidade entre Palavra de Deus e sacramentos, mas a forma da construção do seu método catequético é totalmente diferente daquele apresentado por Mazza.

O que Pe. Júlio Maria fazia em suas catequeses era uma leitura espiritual do texto bíblico, procurando no texto algum elemento que pudesse ligar à teologia do sacramento. Não encontramos em suas catequeses um método teológico bem elaborado, mas sim, um modo de catequizar a comunidade paroquial, aplicando a Palavra de Deus àquilo que a Igreja ensinava sobre os sacramentos, de modo especial a Eucaristia.

Na obra *Comentário Eucarístico*, verificamos esse trabalho catequético do Pe. Júlio Maria, por exemplo, quando ele ensinava que o Natal era uma festa essencialmente eucarística³⁰. Para fundamentar seu ensinamento, recorria ao texto de Lc 2,1-14, em que se narra o nascimento de Jesus e a visita dos pastores. Na meditação deste texto, ele dizia que o Natal é uma festa eucarística porque contemplamos na criancinha do presépio o Deus feito homem e o homem feito Deus. Na Eucaristia, temos o mesmo mistério: “o tabernáculo é um novo presépio, onde nasce o Salvador, na mesma pobreza, envolto em paninhos e deitado numa manjedoura, onde Ele quer ser tomado pela comunhão”³¹.

As catequeses eucarísticas do Pe. Júlio Maria vão nesta mesma direção do texto que citamos acima. Ele usa um texto da Sagrada Escritura e liga-o a seu modo com um aspecto da Eucaristia. Na forma como ele cita e interpreta o texto bíblico, percebemos alguns problemas: sua interpretação é um pouco forçada e, às vezes, o que sobressai não é a mensagem do texto bíblico, o dado da revelação ou rito litúrgico celebrativo, mas a doutrina sacramental que ele quer ensinar.

³⁰ Ibid., pp. 47-53.

³¹ Ibid., p. 47.

Embora tenham sido percebidas essas dificuldades no modo como o Pe. Júlio Maria interpreta a Palavra de Deus ligada à vida sacramental, por outro lado, vemos no agir dele o uso de certo método pastoral para alcançar seu objetivo nessas catequese.

O primeiro aspecto desse método foi perceber a importância da catequese eucarística como fator de transformação da comunidade paroquial. Para o Pe. Júlio Maria, essa catequese acontecia em três momentos: começa “no catecismo, continua no púlpito e termina na mesa da Eucaristia”³². Tal catequese se destinava a ajudar os fiéis a vislumbrarem o sentido profundo da Eucaristia. Para ele, não era importante apenas o ensinamento sobre a presença real de Jesus na Eucaristia, mas fazia-se necessário apresentar todo o sentido da Eucaristia a fim de tocar o existencial dos fiéis, de modo que o sacramento causasse seus efeitos na vida dos cristãos³³.

O jeito dele ser catequista transformou a sua comunidade paroquial. Ele centrou sua ação pastoral nessa catequese eucarística que chamamos de mistagogia eucarística. Com dias, horários e público específicos, ele movimentou toda a paróquia com sua mistagogia. “Para as crianças as quintas e domingos. Para as mulheres aos sábados. Para os homens domingo à noite e dias santificados”³⁴. A catequese acontecia na igreja, em torno do altar-mor. Assim descreveu um catequizando do Pe. Júlio Maria:

Tal figura carismática nos esperava à porta do seminário para o catecismo [...]. Era uma grande alegria e por isso chegávamos cedo, pois o vovozinho animava a criançada no adro da matriz antes da hora marcada. Mas logo aquela figura ímpar se dirigia à igreja e todos o seguiam. Era o padre, pároco, pai, vovozinho, que em pé, à frente do altar-mor [...] iniciando a catequese começava com o canto: “Ó Maria concebida sem pecado original”³⁵.

A mesma catequese eucarística acontecia na celebração eucarística, de modo que todos ouviam seus ensinamentos e assim se deixavam tocar e conduzir por ele até a mesa da comunhão. Como vimos, a catequese mistagógica do Pe. Júlio Maria era um processo que começava com uma catequese fora da missa, ampliando-se o mesmo assunto dentro da própria celebração eucarística, que culminava com a participação de todos na comunhão.

³² Ibid., p. 13.

³³ Ibid.

³⁴ MIRANDA, Pe. Júlio Maria sua vida e sua missão, p. 95.

³⁵ BARRETO, O sacerdote que eu conheci, Jornal Semente, jan/fev – 2008.

Quanto a um método sistematizado pelo Pe. Júlio Maria, não o pudemos encontrar, mas ele constrói essa catequese mistagógica eucarística a partir de um esquema: *Palavra de Deus e sacramentos*. A Palavra de Deus é a luz do seu ensinamento. Ele extraía do Evangelho alguns aspectos que podiam ser ligados aos sacramentos. Ele assim explicava seu esquema catequético:

A leitura do Evangelho Dominical é de praxe sagrada em todas as igrejas. Sem contrariar esta santa prática, mas aproveitando-a, tirei do próprio Evangelho dominical o assunto eucarístico que mais se coaduna com ele; e por meio de uma transição suave e quase natural, faço a exposição de um ponto da doutrina eucarística, de tal modo que, no fim do ano, os auditórios possuam um conhecimento sólido e completo de todo o dogma e moral eucarísticos³⁶.

Segundo ele, essa catequese não poderia ser como um discurso sobre a Eucaristia. Neste sentido, ele fazia uma distinção entre retórica e catequese. A primeira está preocupada com a eloquência ao escrever um belo discurso, decorá-lo e recitá-lo. Aqui não se faz necessariamente uma experiência de Deus. O objetivo primeiro da retórica era causar impacto e emoção nos fiéis. Já a catequese nasce do alto, do segredo do pregador com Deus. E seu objetivo era levar o fiel a fazer uma profunda experiência do Deus revelado por Jesus na vida da comunidade. A mensagem anunciada quer penetrar na vida do ouvinte com o intuito de ajudá-lo em seu processo de fé.

Para que esta catequese alcançasse seu objetivo, segundo o Pe. Júlio Maria, eram necessárias as seguintes qualidades do catequista:

A convicção pessoal do pregador é o primeiro elemento do bom resultado na pregação. [...] A convicção dá qualquer coisa de vigoroso, de penetrante, que fixa o espírito do ouvinte e excita nele o desejo de conhecer mais a fundo a verdade. E o amor à assembleia é o segundo elemento de sucesso. É preciso que a assembleia sinta que o pregador quer fazer-lhe bem. Trata-se de ganhar os corações e de entregá-los a Deus³⁷.

Por fim, ele adverte os catequistas, padres e religiosos que vão fazer esse trabalho, que tomem cuidado na preparação destas catequese. Que elas sejam populares e claras.

O sacerdote é homem do povo, e a sua palavra deve ser compreendida por todos. A eloquência acadêmica é uma profanação da eloquência sacra. O

³⁶ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 14.

³⁷ Id., Comentário de Vida Litúrgica, pp. 9-10.

grande modelo a imitar é e sempre será a palavra de Jesus Cristo. Nunca homem algum falou como este homem, diziam os judeus. E nós podemos dizer: nenhum homem falará melhor do que aquele que mais se aproximar da linguagem de Jesus Cristo. A clareza é a segunda qualidade do discurso; clareza na expressão e no sentimento. O povo nada entende das abstrações especulativas da razão. É necessário conduzi-lo do conhecido ao desconhecido, do sensível da religião às altas verdades dos dogmas. A palavra clara agrada a todos e faz o bem a todos, enquanto a fraseologia bombástica diverte alguns espíritos, mas não penetra no coração³⁸.

Para o Pe. Júlio Maria, a catequese eucarística partirá sempre da Palavra Deus, recolhendo algum detalhe do texto que poderá ser ligado ao mistério da Eucaristia. A sua dinâmica consiste em ligar a Palavra Deus na liturgia com a vida sacramental na Igreja. Isto porque a

Palavra de Deus possui o seu atrativo próprio, que sempre agrada às almas sinceras e não precisa de adornos mundanos; convém, entretanto, que seja anunciada com dignidade, firmeza, clareza e entusiasmo, para conservar a sua virtude própria e ser um instrumento de conversão³⁹.

Ele fez este trabalho catequético na sua paróquia e conseguiu a renovação paroquial. Encarou um trabalho pastoral com simplicidade e humildade, em que o sacerdote não precisa aparecer, mas sim, a própria Palavra e ação sacramental da Igreja.

2.6 Finalidade da catequese eucarística do Pe. Júlio Maria

A mistagogia tende a conduzir e guiar os fiéis para dentro do mistério. No caso da mistagogia eucarística, ela tinha o objetivo de dar aos fiéis o sentido deste sacramento. A catequese eucarística do Pe. Júlio Maria tinha este mesmo objetivo: tocar, levar o fiel ao mistério, e o fiel por sua vez, depois de assimilado o processo, expressaria isto numa vida diferenciada na comunidade eclesial.

Sua catequese consistia em conduzir os fiéis já batizados para o sentido da Eucaristia, a fim de serem transformados por esse mistério. Na verdade, ele queria propor com essa catequese um processo de redescoberta da eucaristia na vida dos fiéis e na vida da própria Igreja.

³⁸ Ibid., pp. 9-10.

³⁹ LOMBAERDE, Comentário Dogmático, p. 10.

Para o Pe. Júlio Maria, a catequese eucarística que ele preparava para o povo seria o fator da renovação e da transformação na sua comunidade paroquial. No caso de Manhumirim, isto aconteceu. Antes do seu trabalho catequético, tínhamos uma paróquia fria, sem entusiasmo e sem definição. A comunidade paroquial foi aos poucos se animando, ganhando vida com o seu jeito de pastorear. A igreja, que antes estava vazia, começou a encher-se. Podemos conferir o efeito deste trabalho catequético a partir das informações que encontramos no Livro de Tombo da Paróquia Senhor Bom Jesus de Manhumirim.

Ele mesmo foi enumerando os movimentos que existiam na Paróquia. Vale lembrar que, quando ele chegou a Manhumirim, só existia o movimento do Sagrado Coração e as Filhas de Maria. Os demais grupos foram formados e animados pessoalmente por ele.

Pe. Júlio Maria não registrou no Livro de Tombo da Paróquia todos os acontecimentos ou movimento paroquiais⁴⁰ durante o período em que esteve à frente da Paróquia Senhor Bom Jesus de Manhumirim. Temos apenas o registro de alguns anos de seu apostolado, e aqui escolhemos os seguintes: 1928 [início de sua atividade em Manhumirim] a 1938 [ano que antecede a publicação do “Comentário Eucarístico”]. Em 1939, ele lançou a sua obra “Comentário Eucarístico”, fruto de seu apostolado em Manhumirim. Vejamos o movimento:

Movimentos	1928	1929/30	1931/32	1933	1934	1935	1936	1937	1938
Liga Católica	350 Sócios	550 Sócios	680 Sócios	-	450 Sócios	-	400 Sócios	-	-
Sagrado Coração de Jesus	240 Sócios	600 Sócios	730 Sócios	-	530 Sócios	-	480 Sócios	-	-
Filhas de Maria	60 Sócios	100 Sócios	108 Sócios	-	102 Sócios	-	92 Sócios	-	-
Cruzada Eucarística	82 meninos	100 meninos	132 meninos	-	85 meninos	-	112 meninos	-	-
Catecismo	215 crianças	200 crianças	-	-	320 crianças	-	412 crianças	-	-
Vicentinos	-	-	20	-	26	-	23	-	-
Congregação Mariana	-	-	-	-	-	-	-	22 jovens	-

⁴⁰ LIVRO DE TOMBO da Paróquia Senhor Bom Jesus de Manhumirim, fl. 09.

Voltando ao quadro acima, percebemos uma queda na participação dos fiéis nesses movimentos a partir de 1934. Pe. Júlio Maria tenta dar uma explicação para esse quadro do movimento paroquial. Segundo ele, esse quadro revela “as diversas irmandades que continuam ora aumentando ora diminuindo em número, pela retirada ou morte dos sócios”⁴¹.

Essa explicação dele é insuficiente, pois a queda na participação é significativa, se analisada ano por ano. Mas acontece que ele não registrou no Livro de Tombo da Paróquia Senhor Bom Jesus de Manhumirim nenhum crescimento ou queda nos anos 1933, 1935, 1937 e 1938. O que aconteceu de fato nesses anos citados? Houve uma queda na participação dos fiéis ou um crescimento?

Tudo indica que o Pe. Júlio Maria não quis ou não se interessou em enumerar o crescimento ou a queda na participação dos fiéis nestes movimentos, durante esses anos que faltam. Dizemos isso porque Demerval Alves Botelho, no seu livro *História de Manhumirim – Município e Paróquia*, registra uma concentração da Congregação Mariana em Manhumirim, no dia 7 de setembro de 1939, na época, Dia da Pátria e de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Só de Manhumirim, eram trezentos marianos, sem contar os marianos de outras cidades da região como Manhauçu, Tombos, Porciúncula, Divino e Muriaé⁴².

Outra coisa que nos chama atenção são os números dos participantes nos diversos movimentos paroquiais de Manhumirim, nos anos de 1930 e 1931. Qual a causa desse crescimento? A resposta é simples: nesses dois anos temos os embates do Pe. Júlio Maria com os protestantes e maçons, e o incentivo, por parte dele, para que os fiéis se envolvam nas questões sociais.

Os grupos ou movimentos que existiam na paróquia de Manhumirim revelam o crescimento dos trabalhos paroquiais. Esse crescimento é divulgado pelo Pe. Júlio Maria como sinal do triunfo da Igreja católica sobre os protestantes e outros grupos que eram contrários à fé católica. Eis como ele se expressa:

Hoje o triunfo é completo. O templo batista fechou por falta de frequência – o evangélico seguiu e o presbiteriano está em completa decadência. Em vez de uma frequência de 200 pessoas com que contava, está reduzido a uma

⁴¹ Ibid.

⁴² Cf. BOTELHO, *História de Manhumirim – Município e Paróquia*, pp. 240-244.

frequência de 15 a 20 pessoas. Os outros se envergonham de frequentar o templo, ou voltaram à religião católica⁴³.

Com a ajuda desses movimentos, Pe. Júlio Maria começou um trabalho firme em Manhumirim e Alto Jequitibá. Depois da investida contra os protestantes em Manhumirim, ele partiu para uma intervenção no Alto Jequitibá, uma vez que essa comunidade era conhecida como a fortaleza dos protestantes. O início dos trabalhos se deu em maio de 1930. Vejamos como ele descreveu esse trabalho de reconquista da fé:

Hoje há o solene encerramento dos exercícios do mês de Maria em Jequitibá. Com pontualidade e com sacrifícios os católicos têm assistido às novenas, durante o mês inteiro, ao ponto que, diariamente a capela não cabia o povo concorrido de todos os cantos do arraial e das fazendas vizinhas. É mais uma prova de que o catolicismo está conquistando o terreno perdido neste lugar, pelo proselitismo protestante. Estamos reconquistando o terreno e havemos de reconquistá-lo inteiramente; pois somos um povo católico, e não permitimos aos blasfemadores da nossa fé nacional, implantar em nossa pátria a semente da cizânia e da discórdia. Eu ouvi da boca de um protestante que Jequitibá era a sua fortaleza no Brasil. Fortaleza! Pode ser! Porém não é uma fortaleza inexpugnável, e breve haveremos de recristianizá-la fazendo flutuar sobre ela o estandarte, sempre triunfante da cruz⁴⁴.

Pe. Júlio Maria contou com todos esses movimentos acima citados para a transformação não só religiosa, mas também social de Manhumirim. A Liga Católica⁴⁵, a Conferência de São Vicente de Paulo e a Congregação Mariana eram destinadas aos homens; já o Sagrado Coração e as Filhas de Maria eram movimentos para as donas de casa, e a Cruzada Eucarística e o Catecismo para as crianças. Com esses grupos ele atingia todos os fiéis de sua comunidade, e assim alcançava seu objetivo: o controle social, político e religioso de Manhumirim.

⁴³ LIVRO DE TOMBO da Paróquia do Bom Jesus de Manhumirim, p. 10.

⁴⁴ O Lutador, Manhumirim, 08 junho de 1930, p. 04.

⁴⁵ Para o Movimento da Liga Católica o Pe. Júlio Maria aceitava todos os homens, maçons ou não. O interesse do Pe. Júlio Maria era fazer uma catequese com esses homens a fim de perceberem que ser católico e ser maçom era uma coisa inviável. Por isso, era melhor ser católico, pois são caminhos e objetivos diferentes. Só em 1930 acontece a cisão entre maçons e católicos, quando o Pe. Júlio Maria foi contra a construção do templo dos maçons próximo à Igreja matriz. Dessa separação nasceram dois grupos políticos: os católicos e os maçons. Pe. Júlio Maria nunca demonstrou interesse em assumir um cargo político, mas queria que os católicos, de modo especial os membros da Liga, assumissem uma posição de destaque na política de Manhumirim, a fim de defender os interesses da Igreja. Isto aconteceu quando, em 1930, Pe. Júlio Maria, junto com esse grupo, derrubou do poder o grupo que liderava politicamente Manhumirim. Cf. BOTELHO, História de Manhumirim – Município e Paróquia, pp. 73-78.

Com o apoio desses grupos, construiu o Patronato Agrícola Santa Maria para as crianças pobres e abandonadas; o Hospital São Vicente, e o Asilo São Vicente para acolher os idosos. Ainda construiu dois colégios: um para a educação das moças, Colégio Santa Teresinha, que confiou aos cuidados das Irmãs Sacramentinas, e o Colégio Pio XI, que fundou para educar os rapazes. Com a ajuda do povo, o Pe. Júlio Maria foi transformando a realidade de Manhumirim.

Agora podemos dizer que o grande motor da mudança foi o clima religioso criado por ele. Sua preocupação catequética em ajudar os fiéis a se encontrarem com Deus foi o elemento central dessa transformação. No Livro de Tombo da Paróquia Senhor Bom Jesus de Manhumirim, percebemos o entusiasmo do Pe. Júlio Maria com essas transformações, mas ele vê tudo isso como fruto da vida sacramental do seu povo. Confira na tabela abaixo esse crescimento:

Sacramentos Ano	1928	1929/30	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938
Comunhões	11.200	30.250	41.130	57.276	57.191	63.325	83.737	74.284	79.957	97.909
Batizados	466	579	790	644	686	912	514	626	717	672
Casamentos	61	64	143	118	157	146	101	101	100	72

Como vemos, o Pe. Júlio Maria fez um balanço sobre a vida sacramental⁴⁶ de sua paróquia durante os anos 1928-1938. Ele viu um crescimento de sua comunidade paroquial. E mais: percebeu que o povo estava não só recebendo os sacramentos, mas procurava reproduzir em suas vidas a graça sacramental que recebia em cada sacramento.

Dom Miranda, na obra biográfica: *Pe. Júlio Maria, sua vida e sua missão*, nos oferece uma observação que resume todo o apostolado mistagógico do biografado:

O Pe. Júlio Maria conseguiu uma transformação grandiosa, senão total, do seu povo. A missa dominical era frequentada. As comunhões se elevavam. [...] Havia um entusiasmo e estímulo entre as associações religiosas. O catecismo era uma esperança promissora das gerações futuras⁴⁷.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ MIRANDA, Pe. Júlio Maria, sua vida e sua missão, p. 121.

A mudança ou transformação que houve em Manhumirim foi fruto deste trabalho catequético eucarístico do Pe. Júlio Maria. Ele acreditou e se lançou no cuidado pastoral por meio desta catequese, que foi aos poucos introduzindo o povo no coração de Deus.

CAPÍTULO III

A CATEQUESE EUCARÍSTICA DO PE. JÚLIO MARIA

A catequese eucarística feita pelo Pe. Júlio Maria nas quintas-feiras, sábados e domingos, e concluída com a celebração da missa, foi o elemento base para formar os seus paroquianos, incutir neles um conhecimento aprofundado sobre a Igreja, de modo especial o sentido dos sacramentos, em destaque a eucaristia.

Ele acreditava na catequese como fator de transformação para a vida paroquial. Como já dissemos, para ele esse movimento de conhecimento da vida sacramental começava na catequese fora da missa, continuava na celebração da eucaristia e terminava na comunhão dos fiéis na hóstia consagrada. Agora, essa comunhão não era apenas algo intimista, uma relação amorosa espiritual entre Jesus e o comungante, mas a comunhão na eucaristia levava também aqueles que se aproximavam da mesa eucarística a comungar com os seus irmãos. Assim nos lembrava o Pe. Júlio Maria: “A comunhão eucarística é também uma união comum, não entre Deus e os homens, mas entre os próprios homens”¹.

Essa catequese eucarística levava os fiéis a perceberem que a eucaristia era a fonte, o sustento e o centro de toda a vida cristã². Por isso, era necessário ser alimentado por esse sacramento que, por sua vez, gerava nos comungantes algumas atitudes, como a expansão do bem, fruto do amor a Deus e aos irmãos que era despertado pela comunhão. Da comunhão eucarística feita pelos fiéis nasciam as ações transformadoras que atingiam as áreas religiosa, social e política em Manhumirim.

Na dimensão religiosa a paróquia crescia em movimentos, atendimentos das famílias, na recepção dos sacramentos etc. Já na dimensão social e política, Pe. Júlio Maria foi influenciando os católicos a tomarem posições significativas na direção da cidade, com o objetivo de proteger os interesses da Igreja, da família e dos pobres. Os católicos, de modo especial o grupo da Liga Católica e os Congregados Marianos, vão-se organizar a ponto de assumirem cargos públicos e serão os grandes defensores dele durante o mal-estar gerado pelo confronto do Pe. Júlio Maria com a maçonaria em Manhumirim.

¹ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 272.

² Id., Maria e a Eucaristia, p. 17.

É neste sentido que entendemos a atuação missionária, política e catequética do Pe. Júlio Maria em Manhumirim. Ele utilizou a catequese eucarística para atingir a todos os seus paroquianos, a fim de imprimir neles um conhecimento da eucaristia que não ficasse só para eles, mas que atingisse suas vidas, relações e estruturas. Isto porque a eucaristia que os fiéis comungavam, segundo o seu ensinamento, era alimento divino que despertava na vida dos fiéis o querer realizar a obra de Cristo nas suas diversas relações. Por isso, os comungantes não deveriam ficar indiferentes diante dos apelos do Cristo eucarístico. Eis sua explicação:

A comunhão é o foco e a fonte do amor de Deus que ilumina e aquece as almas fervorosas, ela é também o foco e a fonte da caridade fraterna. É Jesus amado por si: e o próximo amado por Jesus: ou melhor, são duas almas nos braços e sobre o coração de Jesus, iluminadas pela mesma luz divina, aquecidas pelo mesmo amor divino. [...] A caridade fraterna junto com o amor de Deus torna-se, deste modo, o efeito da comunhão, e fica ao mesmo tempo a sua mais fecunda preparação, como fogo é o produtor do calor, e este a preparação ao fogo³.

A catequese eucarística do Pe. Júlio Maria, não era algo puramente doutrinário. Ao expor a doutrina católica sobre o sacramento da eucaristia, ele ligava a Escritura à teologia eucarística da época. A forma como ele fazia esse processo tocava o existencial dos fiéis, levava-os a fazerem uma experiência profunda da eucaristia e, ao mesmo tempo, exigia deles uma transformação, uma assimilação da eucaristia.

Das diversas catequese ministradas por ele, só temos acesso às escritas no seu livro *“Comentário Eucarístico”*. Das catequese sobre a eucaristia que ele fazia fora da missa não temos nenhum texto escrito, pois, segundo consta, era algo mais espontâneo e devocional. Quanto às catequese escritas nesta obra citada, podemos dizer de início que são escritos fáceis, simples, que seguem certa lógica de argumentação e nos dão certa noção de espiritualidade eucarística com os elementos próprios da época. Nesta obra ele faz uma catequese eucarística para a comunidade, ligando o tempo litúrgico da Igreja com a eucaristia e, por sua vez, procurando na Escritura um elemento que firmasse essa ligação.

A catequese eucarística do Pe. Júlio Maria era elaborada a partir da leitura do Evangelho dominical ligado ao tema da eucaristia. O texto bíblico já estava escolhido pela Igreja, pois era o mesmo da liturgia dominical; então, cabia agora a ele procurar no texto do

³ LOMBAERDE, *Comentário Eucarístico*, p. 275.

Evangelho um elemento que lembrasse ou que apontasse para a eucaristia; depois de encontrado, fazia toda a sua catequese eucarística em torno a ele. Nos títulos de suas catequese eucarísticas verificamos esse trabalho descrito, vejamos: “*O Natal eucarístico*”; “*A Epifania eucarística*”; “*O encontro eucarístico*”; “*O primeiro milagre*”; “*Mistério da fé*”; “*O sono eucarístico*”; “*A vinha eucarística*”; “*O semeador eucarístico*”; “*A amizade eucarística*”; “*Multiplificação eucarística*”; “*O Pastor eucarístico*”; “*O dom eucarístico*”; “*A união eucarística*”; “*O alimento eucarístico*”; “*O pão eucarístico*”; “*Os convidados eucarísticos*”; “*O coração eucarístico*”; “*A comunhão eucarística*”; “*A caridade eucarística*”; “*Os frutos eucarísticos*”; “*Os administradores eucarísticos*”; “*Milagres eucarísticos*”; “*Samaritano eucarístico*”; “*A misericórdia eucarística*”; “*O Senhor eucarístico*”; “*A palavra eucarística*”; “*O contraste eucarístico*”; “*O mandamento eucarístico*”; “*Os dois sacramentos*”; “*O Banquete eucarístico*”; “*Deus escondido*”; “*O apostolado eucarístico*”; “*O sacrifício da Missa*” e “*Os templos eucarísticos*”.

Quando fazia suas catequese eucarísticas, dava o sentido espiritual dos textos bíblicos aos fiéis, ou seja, oferecia uma interpretação tirada da Palavra de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo, a fim de ajudar os seus paroquianos a viverem bem sua fé cristã na ótica da eucaristia.

Percebemos nestas catequese algumas fragilidades. Por exemplo, o autor quer apresentar uma catequese eucarística que seja embasada na Sagrada Escritura, mas em muitas dessas catequese a impressão que se tem é que o autor força o texto bíblico a dizer aquilo que ele não tinha a intenção de afirmar. Assim, na catequese sobre a “*Palavra eucarística*”, o texto do Evangelho usado é o de Lc 7,11-15, que narra a ressurreição do filho da viúva de Naim. Nesta catequese, o Pe. Júlio Maria centra a sua atenção no poder da palavra de Jesus, quando ordena ao moço que estava morto que se levantasse. Pelo poder da Palavra de Jesus, o milagre acontece. Segundo ele, isto se dá porque “a Palavra divina realiza o que significa”⁴. Por isso, no seu entendimento, o moço voltou a viver; e mais tarde a mesma palavra dirá que o pão será o corpo do Senhor, assim como o vinho se transformará no seu sangue. Vejamos como o Pe. Júlio Maria liga esse texto da ressurreição do filho da viúva de Naim com a eucaristia:

Diante do cadáver do jovem de Naim, Jesus faz parar os carregadores do defunto, e movido de compaixão pelas lágrimas da desolada viúva, Ele toca no esquife e diz: *moço, eu te ordeno, levanta-te*; e logo o que estivera morto se levantou, começou a falar e Jesus o restituiu a sua mãe. É este mesmo

⁴ Ibid., p. 334.

Jesus revestido deste mesmo poder que, mais tarde, sobre o pão ázimo que tinha nas mãos, disse esta outra palavra divina: *Isto é o meu corpo*. E era verdadeiramente o seu corpo; como o jovem ressuscitado, era o cadáver que antes carregavam para o cemitério. Transportemos a cena de Naim para a Eucaristia, e contemplemos os mesmos efeitos produzidos pela palavra de Jesus Cristo [...]. Depois de ter preparado seus apóstolos pela humildade do lava-pés, e ter alimentado a ideia de pureza, de caridade mútua, Jesus Cristo instituiu o grande Sacramento do amor: a Eucaristia. [...] Eis a fórmula sagrada: *“Enquanto ceavam, Jesus tomou o pão, o benzeu, e o partiu, e deu-o a seus discípulos e disse: Tomai e comei: isto é o meu corpo. E tomando o cálice, deu graças e o deu a eles, dizendo: bebei dele todos, porque isto é o meu sangue do novo testamento, o qual será derramado por muitos para a remissão dos pecados”* (Cf. Mt 26,26). Isto é o meu corpo – Isto é o meu sangue! Já antes Ele havia dito: *O pão que eu darei é minha carne para a vida do mundo* (Cf. Jo 6,52). Ora, o que havia prometido no deserto, Ele o executa: *Isto é o meu corpo*⁵.

Como podemos observar, em suas catequeses eucarísticas, Pe. Júlio Maria pegava uma palavra, uma expressão da Sagrada Escritura e construía o seu pensamento teológico que, muitas vezes, não tinha nada a ver com o texto lido e meditado. A Palavra de Deus, neste caso, era usada para confirmar uma ideia ou um pensamento. Esta é outra deficiência nestas catequeses do nosso autor, fortemente alimentadas e desenvolvidas pelo ensinamento doutrinário da Igreja, e a Palavra de Deus fica às vezes só para ilustrar um ensinamento eclesiástico.

Em sua catequese sobre o *“Sacrifício da missa”*, o texto usado é Mt 22,15-22. Nessa passagem temos a questão colocada para Jesus: a obrigatoriedade, ou não, de pagar o tributo a César. Como o texto fala da obrigação de pagar o tributo a César, logo o Pe. Júlio Maria usa palavra “tributo” para refletir sobre o preceito dominical de participar da eucaristia. Demos a palavra a ele:

Os fariseus perguntaram ao Divino Mestre se eram obrigados a pagar o tributo ou imposto a César, de quem dependiam nesta época. Em vez de responder: *sim*, o que Jesus teria feito, se a pergunta tivesse sido sincera, e não apenas uma armadilha, Ele respondeu, pedindo que lhe mostrassem uma moeda. ‘De quem é esta imagem gravada?’ Responderam-lhe: ‘De César’. E Jesus conclui: ‘Pois bem, dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus’. Todos nós somos tributários de Deus, como obrigação rigorosa de pagar-lhe o tributo estipulado no tempo determinado. É um direito de Deus, como

⁵ Ibid.

Soberano; é um dever nosso, como súditos. E qual é este tributo que devemos a Deus? Um deles é a assistência à Missa no Domingo. O Domingo é o dia do Senhor. Deus gravou o seu selo sobre o domingo, para que seja santificado pela assistência à Santa Missa. É o tributo que exige de nós⁶.

Era assim que o Pe. Júlio Maria fazia suas catequeses: apresentava a Palavra de Deus para os fiéis e logo pegava um elo que ligasse à eucaristia; depois tirava suas conclusões, com a finalidade de ajudar os fiéis a crescerem no conhecimento da vida sacramental, da espiritualidade e do compromisso com as causas da Igreja. E foi deste modo que sua catequese eucarística foi entrando no coração e na mente das pessoas que o escutavam.

3.1 A Eucaristia segundo o Pe. Júlio Maria

O ser humano é filho de um espaço e de um tempo. Mas isso não o impede de ultrapassar sua realidade social, política, econômica e religiosa para adotar um novo paradigma. Ele é capaz de vislumbrar uma nova realidade, ainda não vista nem percebida por muitos. Os grandes gênios, os santos e os profetas são assim. Veem longe. Partilham suas descobertas por meio de invenções, testemunhos, escritos, palestras e catequeses. A beleza desta realidade é que estes iluminados não se fecham em si mesmos. Querem que outras pessoas experimentem o novo vislumbrado por seus olhos.

Esta é uma dimensão que encontramos em muitos autores que estudamos. Existe uma postura de abertura, criatividade e originalidade. Mas, por outro lado, no mesmo autor se acentua um fechamento em questões tão simples e banais, que nem se comparam com questões já desenvolvidas por ele. Às vezes, parece que o escritor estacionou no tempo e no espaço, não vai mais além daquilo que já disse. Essa postura nos lembra do estudo da consciência possível⁷ em cada autor, a fim de não o julgar ou adotar atitudes preconceituosas com relação ao seu pensamento.

⁶ Ibid., p. 379.

⁷ “A consciência possível, como diz a própria expressão, possibilita chegar a uma consciência real a respeito de uma realidade. É o fundamento dela. É o máximo grau de adequação à realidade que uma consciência consegue alcançar sem por isso provocar mudança de sua natureza. A consciência real é a adequação objetiva à realidade. A consciência possível indica a forma-limite: o máximo de

Quando visitamos o pensamento eucarístico do Pe. Júlio Maria, é preciso tomar esse cuidado ou ter essa atenção com a consciência possível do autor. Ele é fiel ao pensamento eucarístico da Igreja de sua época. Gasta tinta, papel e voz para falar e explicar este assunto aos fiéis em suas catequese. Às vezes, temos a impressão de que ele repete mais a doutrina da Igreja sobre a eucaristia do que apresenta algo novo sobre esse tema. Mas, por outro lado, em seu jeito de pensar, ensinar e viver a eucaristia, podemos perguntar-nos se não existe algo próprio dele, da sua espiritualidade eucarística, do seu modo de contemplar e viver a Eucaristia.

A questão é bastante difícil, pois o Pe. Júlio Maria pensa e sente com a Igreja. Ele é fiel a todas as definições dogmáticas da Igreja, é incapaz de desviar uma só vírgula do ensinamento oficial. Agora, o que podemos encontrar no pensamento eucarístico dele são expressões e formas de falar da eucaristia que se identificaram muito com o seu jeito de falar e de viver o sacramento, que de certa forma ele imprimiu na vida do povo de Manhumirim.

Vamos apresentar o pensamento eucarístico do Pe. Júlio Maria em dois momentos. Vejamos primeiro, em linhas gerais, sua forma tradicional de expor o tema eucarístico aos fiéis e, num segundo momento, tentaremos expor um pensamento mais pessoal do nosso autor sobre a Eucaristia.

3.1.1 Eucaristia: “*Mistério da Fé*”

Pe. Júlio Maria inicia sua catequese sobre a eucaristia ligando-a à fé. Toma o texto bíblico do centurião romano, Mt 8,5-13, e destaca a fé desse homem diante de Jesus como o exemplo a ser seguido pelos fiéis, na sua relação com a eucaristia. Assim como o centurião acreditou na força da Palavra de Jesus, assim o homem de fé deve acreditar na presença real de Jesus na eucaristia e na comunhão que recebe, pois Jesus eucaristia provoca a fé e a sustenta pela sua força sacramental. Eis o que ele ensinava:

Este Evangelho é tão eucarístico que a Igreja adaptou para a cerimônia mais augusta: a comunhão, as palavras do Centurião ao Salvador: *Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa, dize, porém, uma só palavra, e o*

conhecimento ou compreensão que um indivíduo, um grupo, uma classe social ou toda uma época pode alcançar sobre um problema, dados os condicionamentos que limitam sua visão. É o horizonte de conhecimento que não se consegue ultrapassar em dado momento cultural” (Cf. LIBANIO, Introdução à vida intelectual, pp. 71-72).

meu servo ficará curado. Esta disposição de fé do Centurião mereceu, da parte do divino Mestre, o mais belo elogio: *Em verdade, vos digo, não achei fé tão grande em Israel.* Foi esta fé convicta que mereceu ao Centurião o milagre pedido... é esta mesma disposição que deve formar a base das nossas relações eucarísticas, tanto para visitar Jesus sacramentado, como para recebê-lo na sagrada comunhão⁸.

Para o Pe. Júlio Maria, só poderemos compreender a eucaristia com os olhos da fé, porque a “eucaristia é antes de tudo o ‘mistério da fé’, como intercalou a Igreja no texto da Consagração”⁹. “É um sacramento da fé, porque Nosso Senhor não se manifesta a nossos olhos físicos, mas só aos olhos da nossa fé”¹⁰. A fé é o farol que ilumina e dá sentido à eucaristia. Por isso, afirmava: “Jesus quer ser visto pela fé... quer experimentar a nossa fé... quer ser o prêmio de nossa fé. Aliás, a vida íntima com Jesus é um convite à fé”¹¹.

Segundo ele, a fé nos faz reconhecer Jesus Cristo na sua humanidade e divindade. Ela nos faz redescobrir o Deus humano e divino que se esconde na Eucaristia. Assim como nos fez reconhecer o menino Deus que se escondia na criança do presépio, a fé nos fará ver no homem Jesus, o Cristo, o Filho de Deus. Assim explicava o Pe. Júlio Maria:

Quando contemplamos o Menino Deus, deitado na miserável manjedoura, numa estrebaria, ficamos assombrados pelo aniquilamento da majestade divina; porém a sua humanidade, pelo menos, nos aparece, e entrevemos qualquer coisa da sua divindade, nos anjos que cantam por cima de sua gruta, o seu: “Glória a Deus nas alturas”. Mais tarde, vendo o Filho do homem suspenso entre o céu e a terra, pregado numa Cruz, como o maior dos celerados, um espanto mais profundo se apodera de nós: e instintivamente nós nos perguntamos: Será possível que este homem reputado celerado, seja o Filho de Deus? Examinando, porém, o cenário vemos as trevas cobrirem a terra, o sol desaparecer como num mar de sangue – trevas estranhas envolverem a terra como numa mortalha fúnebre, a terra tremer, os rochedos se abrirem, os sepulcros restituírem os seus cadáveres à vida... e no meio deste cenário horrendo ouve-se ecoar a voz do Centurião: ‘Este era verdadeiramente o Filho de Deus!’¹².

Para ele, a fé é o fundamento da Eucaristia, porque pela fé reconhecemos que a hóstia consagrada torna-se sacramentalmente o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo. Então,

⁸ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 91.

⁹ Ibid., p. 154. Há que se considerar que, segundo o Missal de Pio V, a exclamação ‘mistério da fé’ (*mysterium fidei*), era incluída nas palavras da instituição a respeito do cálice: “*Hoc est calix sanguinis mei, novi et aeterni testamenti – mysterium fidei – qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum*”. Sobre o sentido da exclamação ‘mistério da fé’. Cf. JUNGSMANN, *Missarum Solleminia*, p. 244.

¹⁰ Ibid., p. 369.

¹¹ Ibid., p. 185.

¹² Ibid., p. 94.

pode-se dizer que a fé tem a missão de conduzir cada fiel nesta experiência de encontro com o Cristo na Eucaristia. Assim nos lembra o Pe. Júlio Maria:

Na cruz, só a divindade estava escondida: mas aqui também a sua humanidade se esconde. A vista, o tato ou o gosto podem exercer a sua sagacidade, nenhum indício de vida percebem os sentidos. Pelo menos, não haverá qualquer voz angélica que cante, chore ou implore diante desta Hóstia insensível? Nada, nada! Tudo o que a rodeia, conserva-se calado, frio e insensível. Silêncio, trevas: eis o que cerca este mistério. Este Sacramento confunde, por completo, as investigações humanas, as experiências da ciência, a observação dos sentidos, deixando exclusivamente persistir a fé divina: Deus falou... Creio!¹³.

Por fim, ele nos ensina que Jesus Cristo, querendo permanecer no meio do seu povo, instituiu a Eucaristia como elemento nutriente da fé.

A fé nos ensina que Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, querendo permanecer no meio da Igreja até o fim dos tempos e experimentar continuamente a fé dos fiéis para torná-la meritória, instituiu o Sacramento da Eucaristia¹⁴.

Nesta catequese eucarística ele queria propor para os fiéis a seguinte atitude: diante das certezas humanas, de suas ciências e descobertas, nunca se pode aceitá-las como verdades absolutas, pois a razão, segundo o seu entendimento, pode nos enganar e nos induzir ao erro. A fé, não! Ela sempre nos levará a acreditar em Jesus eucaristia. Por isso, é necessário ter a mesma postura do centurião de que fala o Evangelho: Deus falou, então devemos crer.

3.1.2 Presença real do Cristo na Eucaristia

A Eucaristia é, ainda, segundo o Pe. Júlio Maria, o **Cristo, real, vivo** neste sacramento. Na compreensão de nosso autor, Jesus na Eucaristia chega a ser uma “presença física”, onde se vê pela fé sua humanidade e divindade. A forma como ele descreve a presença real do Cristo na Eucaristia é bastante forte. Essa forma de falar da Eucaristia como presença real do Cristo tomou páginas e mais páginas, devido ao confronto do sacerdote com os protestantes em Manhumirim. Estes negavam a presença de Jesus na Eucaristia, apenas

¹³ Ibid., p. 95.

¹⁴ Ibid., p. 18.

falavam de um simbolismo ou de uma representação da Ceia de Jesus na ceia que eles celebravam.

Diante disso, ele afirmava a fé no Cristo presente na Eucaristia. No seu modo de pensar, assim como damos crédito à palavra do homem e das ciências, por que não acreditar nas palavras de Jesus, que nos afirma sua presença na Eucaristia? Assim nos diz o Pe. Júlio Maria:

De fato, diariamente nós cremos nas palavras de homens, porque julgamos que são verídicos, cremos nas palavras dos cientistas, nas narrações dos viajantes, nos cálculos dos economistas e nos ensinamentos dos professores, qualquer que seja a matéria que desenvolvem; como é que não acreditaríamos nas palavras do próprio Jesus Cristo, do próprio Deus que nos afirma a sua presença na Hóstia divina? Meditemos as palavras da instituição: “Tomai e comei, isto é meu corpo, que é dado por vós”. (Cf. Lc 26,19.) “Bebei deste todos, porque isto é o meu sangue do Novo Testamento”. (Cf. Mt 26,2.) Quanto às promessas feitas por Nosso Senhor, não são menos claras e positivas. Citemos apenas uns textos seguidos, do Evangelho de S. João: ‘Eu sou o pão vivo que desci do céu’ (Cf. Jo 6,5); ‘O pão que darei é a minha carne’ (Cf. Jo 6,52); ‘O que comer a minha carne e beber o meu sangue, terá a vida eterna’ (Cf. Jo 6,55); ‘A minha carne é verdadeiramente comida e o meu sangue é verdadeiramente bebida’ (Cf. Jo 6,56). Que página divina, expressiva, clara, indiscutível! Jesus Cristo afirma, reafirma, repete, explica, reforça... Como pode haver homens tão incrédulos e rebeldes que não acreditem nesta palavra divina?¹⁵.

Esse tema da *presença real* do Cristo na Eucaristia pode ser encontrado em quase todas as catequeses eucarísticas e nos escritos dele¹⁶, mas acreditamos que no texto “*De joelhos*”, composto por ele, este pensamento fica bem claro:

De joelhos, ó homens, diante deste Deus escondido, mas vivo, que é o Mestre de todos! De joelhos diante d'Aquele que manda às ondas humanas como manda às ondas do mar! De joelhos diante do Criador e nosso Redentor, diante da criança do Presépio e do crucificado do Calvário! Deixai o Deus de amor atravessar as linhas da humanidade, e dizei o canto da libertação que os anjos cantaram sobre o seu berço: ‘Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!’ É o mesmo Jesus, o nosso Redentor, o mesmo Deus escondendo ali a sua divindade, sob as frágeis aparências de uma criancinha, ocultando aqui a sua divindade e humanidade, sob as aparências mais frágeis ainda, de uma pequena e branca Hóstia. Mas é sempre Ele, real e substancialmente presente. De joelhos, diante de sua majestade que se esconde! De joelhos diante de seu amor que se irradia! De joelhos! Lembremo-nos de que o homem nunca é maior que quando se

¹⁵ Ibid., pp. 96-97

¹⁶ Pe. Júlio Maria desenvolve com toda propriedade o tema da presença real de Cristo na eucaristia de modo especial nos seguintes livros: O Sol Eucarístico; Comentário Eucarístico; Maria e a Eucaristia.

prostra de joelhos! “Aquele que se humilha é que será exaltado”, – disse o divino Mestre. AMÉM¹⁷.

Neste texto, “*De joelhos*”¹⁸, ele confessa sua fé na presença real do Cristo na Eucaristia. Para ele o Cristo está vivo, presente e atuante na Eucaristia, como também se faz presente em cada tabernáculo para a adoração dos fiéis. É por isso que fará inúmeras catequeses a fim de despertar nos fiéis o interesse pela adoração a Jesus Cristo na Eucaristia.

A eucaristia não é simplesmente uma lembrança, uma doutrina, um meio, uma devoção, como muitos pensam, mas sim, Jesus Cristo vivendo entre nós, como Ele vivia em Jerusalém, em Nazaré, durante a sua vida mortal. É Ele pessoalmente presente em nossos Tabernáculos – Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos (Mt 28,20). Não é preciso, pois, procurá-lo ao longe, nas nuvens do passado, nas brumas do futuro ou nas vacilações das ideias modernas; é preciso procurá-lo onde ele reside. E a sua residência corporal e divina é a eucaristia. É ali que o Cristo continua a ser o único caminho, a única verdade, a única vida (Jo 14,6) de todo homem que vem a este mundo¹⁹.

No pensamento eucarístico do Pe. Júlio Maria, é forte a ideia da adoração à hóstia consagrada. Ele incentiva a visita diária ao tabernáculo para um profundo colóquio com Jesus eucarístico e para o crescimento espiritual progressivo de cada fiel. Ele orientava os fiéis a essa prática com as seguintes palavras:

A qualquer hora tu podes visitá-lo: ali, os teus passos ecoarão no silêncio... Nenhuma voz importuna perturbará o teu colóquio com Ele! Uma pequena lâmpada, de luz tímida, tal uma estrelinha no céu, guiar-te-á e, na pobreza de um estreito tabernáculo, tu encontrarás Jesus. Ajoelha-te: pois Ele é Deus! Fala-lhe com teu coração: pois Ele é nosso irmão! Conta-lhe as tuas penas: pois Ele é amigo! Expande a tua generosidade: pois Ele é grande! Implora a sua misericórdia: pois Ele é bom! Envergonha-te das tuas misérias: pois Ele é puro! Fala-lhe da vida dele, de outrora, de seus trabalhos, de seus ensinamentos, de seus sofrimentos... Fala-lhe daqueles que o amaram e o amam ainda hoje: Ele se sentirá consolado em seu abandono. Sai, depois, um instante, em espírito, do estreito espaço e contempla este grande Deus, atravessa o espaço e contempla-O no céu! Oh! Como Ele é belo, grande, feliz... Alegra-te de tanta grandeza, e das adorações que envolvem o seu trono na glória. Lembra-

¹⁷ LOMBAERDE, Formulário dos Exercícios e Orações da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora, p. 89.

¹⁸ Este texto, intitulado “De Joelhos”, fazia parte do momento da Adoração Sacramentina, exercício espiritual feito pelos religiosos (as) de suas congregações e aparece também num livreto feito pelo Pe. Júlio Maria para o momento de adoração para o Apostolado da Oração.

¹⁹ LOMBAERDE, Maria e a Eucaristia, p. 41-42.

te que o teu lugar é ali com estes anjos; perto dele... E que ele te fita com o seu olhar amoroso. Não é assim que fazem os amigos da terra?²⁰.

Para o Pe. Júlio Maria, a adoração eucarística não era um simples ver, tocar, beijar e adorar a Hóstia Santa. Ele vai para, além disso, pois

[...] a Eucaristia não é um sacramento isolado da vida cristã, como não é isolada da vida física a mesa, onde se tomam os alimentos; não é, tampouco, um ponto isolado da vida: ela é o centro da vida, é o seu sustento, é a fonte²¹.

Ele tinha dificuldade em acreditar num Cristo eucarístico estático, sem vida, que não fala nem age no meio do seu povo. Um Cristo que fica sempre à espera dos fiéis, não pode ser o Cristo eucarístico. Isto porque o Cristo está vivo, e não morto, no meio do seu povo. Então, o Pe. Júlio Maria faz a seguinte afirmação:

[...] Não! Não! Isto seria um Cristo morto, um Cristo sepultado, um Cristo esquecido! O que quero é um Cristo vivo, um Cristo que ame, um Cristo que fale! – Um Cristo escondido, se quiserem, mas visível de qualquer modo. Se isto fosse impossível, Jesus Cristo teria mentido. Por que disse Ele, então: não vos deixarei órfãos (Cf. Jo 15,18)? Por que, então, exclamou Ele com tanto ardor: eu amarei a quem me ama? “Quem se apega a meus mandamentos e os observa, este me ama: ora, aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu, por minha vez, o amarei e me manifestarei a ele.” (Cf. Jo 14,21.) Oh! Não. É impossível que isso não seja a verdade; sendo-o, nós temos o direito a um Jesus Cristo vivo, amante, cujo olhar nos converta como converteu a Pedro, e cuja voz nos ensine como ensinava as multidões de outrora²².

Segundo o seu pensamento, Jesus Cristo está na eucaristia, isto é um fato indiscutível, mas ainda é uma presença estática e sem vida. Sobre essa presença do Cristo o Pe. Júlio Maria desenvolve um silogismo sobre os três véus misteriosos²³, a fim de indicar a *pessoa* de Jesus Cristo, a sua *voz* e o seu *amor*. A eucaristia é o primeiro véu, onde podemos contemplar o Cristo, sua pessoa. O segundo véu é a pessoa do sucessor de Pedro. Ele é a voz de Jesus que ensina o caminho do bem e da verdade. A figura do papa representa a ação do Cristo eucarístico no meio do seu povo. O terceiro véu é Maria, que demonstra o amor de Deus para o mundo. Com esse silogismo, que não tem nenhum fundamento teológico, o Pe.

²⁰ Id., Comentário Eucarístico, pp. 78-79.

²¹ Id., Maria e a Eucaristia, p. 17.

²² Ibid., p. 42.

²³ Cf. LOMBAERDE, Maria e a Eucaristia, pp. 25-31.

Júlio Maria quis salvar o pensamento de um Cristo completo no meio do seu povo, mas também quis dar realce às três devoções brancas que eram negadas pelos protestantes: a eucaristia, o papa e Maria.

Voltando ao tema da adoração eucarística, em uma oração chamada “*Louvores a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento*”, ele ensinava para os fiéis e para os seus religiosos o efeito do encontro dos fiéis, a partir da visita ao Cristo eucarístico. Vejamos:

De dia e de noite, [...] queremos adorar e amar a Jesus, e nos impregnar de amor e sacrifício. Virgem Santa, suscitai vocações eucarísticas, levantai uma legião de ardorosos missionários que, pelo exemplo e pela palavra, espalhem no mundo o amor e o interesse pela Eucaristia. Fazei, ó terna Mãe, que todos [...] estejam repletos dos vossos sentimentos eucarísticos e sejam ardorosos apóstolos da Sagrada Eucaristia. Deve ser um distintivo de nossa humilde congregação um amor apaixonado pelo Santíssimo Sacramento e o esforço contínuo para reproduzir a vossa vida eucarística. Nossa vida interior deve ser uma contemplação eucarística contínua, e nossa vida exterior, uma luta firme e persistente para que todos descubram o verdadeiro sentido da Eucaristia²⁴.

Era essa a ideia que o Pe. Júlio Maria transmitia para aos seus paroquianos, religiosos e leitores. A adoração eucarística só tinha sentido quando o fiel contemplava a eucaristia com todo o seu significado e se enchia dos seus interesses. A adoração não era um encontro sentimental com Jesus na eucaristia, mas era algo que deveria despertar no coração dos adoradores o ideal de viver o projeto de Cristo, na sua entrega e sua oferenda ao Pai e aos irmãos.

A adoração eucarística, na forma como ele praticava e ensinava, foi uma bela ocasião para inquietar o coração do fiel diante da realidade do mundo e da Igreja em que vivia. A prática da adoração eucarística permanece aí em nosso meio. Talvez nos falte aquela determinação de penetrar no mistério eucarístico com a vontade de nos encharcar com a eucaristia para ser eucaristia no mundo em que vivemos. O exercício da adoração à eucaristia ensinado pelo Pe. Júlio Maria ia nesta direção: adorar para se encher dos interesses do Cristo.

²⁴ LOMBAERDE, Formulário dos Exercícios e Orações da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora, pp. 91-95.

3.1.3 Eucaristia e o relato da instituição

Seguindo o modo de pensar da teologia eucarística do segundo milênio, o Pe. Júlio Maria destacava a *figura do sacerdote* na celebração eucarística, porque ele pronunciava as palavras do *relato da instituição* e, por meio deste ato, acontecia a transubstanciação do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo. Neste momento, o destaque é para o sacerdote, as palavras ditas e a presença real de Cristo na Eucaristia.

[...] No momento da consagração o Espírito Divino²⁵ desce invisivelmente sobre o altar, cobre a hóstia com a sua sombra, estende-se sobre as profundezas do cálice, como, no começo do mundo, se estendia sobre a superfície das águas para fecundá-las (Cf. Gn 1,1) e, em um instante, enquanto o sacerdote pronuncia umas breves palavras,²⁶ o corpo de Jesus Cristo está sobre o Altar²⁷.

Esta compreensão eucarística gerava uma fragmentação da liturgia em sua totalidade, porque separa o momento da consagração do conjunto da anáfora e do todo da celebração eucarística. Na celebração da eucaristia, o elemento de destaque era o momento do relato da instituição, com a eucaristia marcada por uma mentalidade mecanicista e reducionista, onde bastavam as “*palavras mágicas*” da consagração para que o pão e o vinho se tornassem o corpo e o sangue do Senhor.

Pe. Júlio Maria comunga deste mesmo pensamento. Pronunciada as palavras do relato da instituição pelo sacerdote, o milagre acontecia, ou seja, a transubstanciação. O pão

²⁵ Neste texto percebemos que o Pe. Júlio Maria tinha consciência da ação do Espírito Santo no momento da consagração, embora a anáfora romana não mencionasse em nenhum momento a Terceira Pessoa da Trindade. A Igreja sempre professou a fé trinitária, mas nem sempre a Terceira Pessoa da Trindade foi devidamente valorizada nos sacramentos e na teologia sacramental, de modo especial em relação à Eucaristia, onde havia uma supervalorização das palavras da consagração. Assim, a Igreja de Rito Romano, durante muitos séculos, e até o Concílio Vaticano II, usou somente o “Cânon Romano” que possui uma epiclese não pneumatológica. Mesmo não havendo menção explícita à Terceira Pessoa da Trindade, os Santos Padres e os teólogos da Igreja ao longo dos séculos (Pascácio Radberto, São João Damasceno, Floro de Lyon, Simeão – bispo de Tessalônica, entre outros), reconheceram com clareza a epiclese no Cânon Romano, sobretudo nos parágrafos *Te igitur*, *Quam oblationem*, e *Supplices te rogamus* (Cf. TABORDA, A ação do Espírito Santo na Eucaristia, p. 902-925).

²⁶ Esta é a mentalidade da teologia eucarística do segundo milênio da Igreja, que supervaloriza a transubstanciação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo, através das palavras do sacerdote (a narração da instituição da Eucaristia: *Tomai e comei... Este é o meu corpo... Tomai e bebei... Este é o meu sangue...*). As Igrejas de tradição oriental continuaram com a teologia eucarística do primeiro milênio, que dá grande importância às duas epicleses: sobre as oblatas e sobre os comungantes. Atualmente, a teologia caminha nas sendas de um fecundo diálogo entre estas duas tradições cristãs, a ocidental e a oriental, proporcionando uma maior fidelidade na vivência da Eucaristia.

²⁷ LOMBAERDE, Maria e a Eucaristia, p. 21.

não era mais pão, mas o corpo de Jesus Cristo, assim como o vinho se transformaria no sangue do Senhor²⁸.

Para explicar o sentido da transubstanciação aos fiéis, o Pe. Júlio Maria usou o texto de Jo 2,1-11. Para ele, o milagre de Caná era um sinal daquilo que Jesus iria realizar na última ceia com os seus discípulos. Vejamos como ele explicava esse tema aos seus fiéis:

O Evangelho nos apresenta hoje o primeiro milagre operado publicamente pelo Salvador. Este primeiro milagre tem uma relação íntima com o último, que é a instituição da Sagrada Eucaristia. Neste primeiro milagre Jesus Cristo mudou a água em vinho, como na última ceia mudará o vinho em seu sangue. Ele faz aqui uma transubstanciação, mudando a substância da água na substância do vinho; como para preludiar a esta outra transubstanciação, na qual mudará a substância do vinho, na substância de seu sangue. O milagre de Caná é, pois, uma figura e um símbolo do que diariamente se opera sobre os nossos altares. Há uma admirável aproximação entre o primeiro milagre, com que Jesus Cristo começou a sua carreira, e aquele com que a terminou: a última ceia. É um fato do mesmo gênero: em ambos estes fatos há uma mudança real, um verdadeiramente vinho, como o vinho do cálice se torna realmente sangue. O banquete de Caná é a figura do banquete nupcial da nova Lei. Aos servos dos esposos Maria disse: *Fazei tudo o que ele vos disser*; aos ministros da nova lei; Jesus Cristo diz: *Fazei isto em memória de mim!* Pode-se dizer que Jesus começa num destes fatos o que deve terminar em outro. Em Caná, Ele inaugura o seu poder, preparando a matéria que deve servir-lhe no cenáculo: o vinho, de certo modo, aproxima-se mais do sangue, e tem com este mais afinidade [...]. Possui a cor do sangue e exprime a força e a alegria que nos comunica o cálice da salvação. [...] É o que fez pensar a S. João Crisóstomo²⁹, que o salvador, pelo milagre de Caná, quis dar-nos uma como introdução e prelúdio da Sagrada Eucaristia. Tais são as belas lições que nos ministra o primeiro milagre de Jesus Cristo. Em sua vida, em suas palavras e atos, tudo é significativo, pois tudo obedece a um plano divinamente delineado e executado. O Salvador, sem revelar o íntimo de seus segredos e as tramas escondidas da sua providência, prepara no silêncio, pouco a pouco, a relação dos mais sublimes mistérios. Indo do conhecido ao desconhecido, do sensível ao espiritual, Ele prepara o espírito dos apóstolos para que na última ceia, sem dizer uma palavra explicativa, sem o mínimo comentário, Ele possa realizar, em termos claros e positivos o que havia mostrado, em parábolas, em símbolos, no decurso da sua vida. Vemo-lo aqui mudar a água em vinho, fazer uma verdadeira conversão de substância ou transubstanciação, para preparar a grande conversão da substância do vinho em seu próprio sangue. E para que a relação seja mais perfeita e sensível, aqui Ele não diz uma Palavra. Podia ter dito: Isto é o vinho, ou isto é a água mudada em vinho... Não! Ele reserva a palavra explicativa para a realidade, na última ceia. Então, sim, Ele dirá, do vinho transubstanciado: *Isto é o meu sangue!*³⁰.

²⁸ Id., Sol Eucarístico, pp. 34-39.

²⁹ Pe. Júlio Maria comete um lapso ao chamar São João Crisóstomo de São João Crisólogo. Sabemos que existe São Pedro Crisólogo, mas tudo indica que o Santo Padre que o Pe. Júlio Maria deseja citar é São João Crisóstomo, que nos deixou um sermão sobre as Bodas de Caná.

³⁰ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, pp. 83-90.

Pe. Júlio Maria repete o ensinamento da Igreja do seu tempo sobre o tema da transubstanciação sem nenhuma alteração. Ele estava convencido de que o termo transubstanciação dizia bem aquela realidade celebrada na eucaristia. Ele desenvolve essa temática com toda a força, devido a seu embate com os protestantes, pois os mesmos negavam a transubstanciação e a presença de Jesus na eucaristia; daí todo o seu esforço de apresentar e ensinar aos seus paroquianos a verdade sobre a realidade e a verdade deste mistério na eucaristia.

3.2 Eucaristia: pão, alimento, comunhão, compromisso social e missão

Em suas catequeses eucarísticas, Pe. Júlio Maria transmite o ensinamento da Igreja, mas percebemos nelas que existe um jeito de entender e de ensinar sobre o sacramento da eucaristia com o qual ele se identifica pessoalmente. Mais ainda: esse seu jeito de entender a eucaristia, que, arriscamos dizer, é o mais relevante em seu pensamento, tem a ver com o seu projeto missionário em Manhumirim. É com essa ideia de eucaristia que ele quer provocar a mudança e a transformação na comunidade paroquial.

Na sua obra *Comentário Eucarístico*, em quase todas as suas meditações, aparecem os conceitos de eucaristia como pão, alimento, comunhão, missão e compromisso social. Com esse seu jeito especial de ser catequista, ele quis despertar no coração dos seus paroquianos essa ideia de eucaristia a fim de que os fiéis pudessem despertar para esse sacramento e se deixassem envolver por ele.

A eucaristia como pão, alimento, comunhão, missão e compromisso social não é vista como uma coisa abstrata, fora da vida e do cotidiano das pessoas, mas algo bem próximo da vida dos fiéis e que os provocava a serem pessoas diferentes pela força da eucaristia.

Então, podemos dizer que é esse conhecimento que o Pe. Júlio Maria quer deixar inscrito nos corações dos seus fiéis. É esse o senso de eucaristia que ele quer criar entre os católicos de Manhumirim.

3.2.1 Eucaristia, pão eucarístico

A eucaristia é o pão eucarístico, segundo o Pe. Júlio Maria. Esse pão é o nosso outro pão cotidiano; assim como carecemos do pão material, necessitamos de um pão espiritual que seja capaz de matar nossa fome de Deus e de nos transformar em sujeitos novos pela força da comunhão. A base para essa catequese sobre eucaristia como pão está na meditação do texto do Evangelho de Jo 6,56-59, quando nosso autor afirmava: “Jesus é o nosso pão... o pão que dá a vida eterna. Nós queremos a vida eterna: é preciso, pois, recorrer a este pão, e excitar em nós uma fome espiritual por este pão dos anjos”³¹.

Para ele, não basta ensinar que a eucaristia é pão. É necessário dizer que esse pão eucarístico se transforma em nós, e nós nos transformamos nele. O grande efeito deste pão na vida dos comungantes é que ele transforma os fiéis numa raça divina. Assim ensinou nosso sacerdote:

Sendo o corpo de Jesus Cristo o alimento da nossa alma, o seu primeiro efeito é *ser transformado* em nosso corpo e sangue; porém há um segundo efeito, divinamente terno, é que o alimento por sua vez nos *transforma*. O gênero de alimentos contribui a formar as raças, e se contribui para este efeito geral, produz necessariamente efeitos sobre cada indivíduo em particular. É um fato muito estudado e bem verificado, que tal alimento desenvolve a força dos músculos, tal outro o vigor do cérebro: um provoca uma vida intensa, outro uma ação pacífica. A divina Eucaristia é o alimento que deve formar uma raça divina. A graça é chamada por S. Pedro: uma participação à natureza divina (Cf. 2Pd 1,4). Chama-se natureza de um ser: o princípio da sua atividade. Pela graça adquirimos, pois, a possibilidade de agir divinamente, de fazer obras sobrenaturais, merecedoras da vida eterna. E aqueles que agem deste modo constituem verdadeiramente uma raça divina: somos da linhagem de Deus, como diz S. Paulo (Cf. At 18,28)³².

O pão eucarístico gera uma raça divina, segundo o Pe. Júlio Maria, porque no contato do fiel com o Cristo eucarístico, a eucaristia vai transformando aquelas inclinações ou paixões para o mal, que estão no coração do homem e da mulher, em desejo para as coisas de Deus, ou para uma vida orientada por Deus. Este é o efeito do pão eucarístico na vida dos fiéis. Explicitando melhor o tema, dizia ele:

O próprio corpo não fica estranho a tal transformação, nem pode ficar, pois o corpo e a alma formam uma única pessoa, e esta pessoa participa necessariamente das transformações da alma e do corpo. Reflitamos bem. É o corpo que recebe realmente Jesus eucarístico e o conserva durante a sua

³¹ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 243.

³² Ibid., pp. 243-244.

passagem, infelizmente tão curta. Ora, um tal contato não pode ficar sem efeito. Logo, divinizando a nossa alma, a eucaristia deve comunicar qualquer coisa desta divinização a nosso corpo. Durante a sua vida, Jesus Cristo curava os doentes pelo contato da sua mão; tocando-nos pelas santas espécies, porque não santificaria nossas lutas e abrandaria nossas inclinações malignas? O estado normal da alma é a união com o corpo. É preciso, pois, que o corpo participe de qualquer modo às influências da alma. A alma pervertida comunica ao corpo qualquer coisa de duro, de irrequieto; enquanto a alma divinizada pela graça lança sobre o semblante do homem uma como irradiação de bondade e de paz [...] ³³.

Depois de explicitar o papel transformador do pão eucarístico na vida do comungante, ele destacou a necessidade de receber com frequência esse pão celeste, a fim de que a transformação eucarística aconteça na vida dos fiéis. A necessidade de participar da eucaristia deve ser uma coisa natural na vida dos fiéis, assim como é natural nos alimentarmos com o pão material. Sobre a necessidade destes dois pães, material e espiritual, afirmou o Pe. Júlio Maria:

[...] O pão material de cada dia é uma necessidade, porque além das forças a refazer, por dentro, pelo gasto da atividade, temos de resistir a mil micróbios que nos espreitam de fora, e ameaçam a estrutura do nosso organismo. O pão espiritual devia ser, por sua vez, de cada dia, pois temos também, por dentro, forças que se perdem e que devem ser restituídas, como temos por fora milhares de micróbios de perdição que procuram roer a nossa alma e lançá-la no abismo da tríplice concupiscência, como é a inclinação da carne, a volúpia dos olhos e orgulho da vida. Eis porque o Mestre divino nos faz pedir o *pão de cada dia*. Este é Deus. É Ele que deve alimentar o elemento divino em nós, para conservá-lo em sua força dominadora. Todo cristão, em estado de graça, tem, pois, o direito de desejar, como tem a obrigação de pedir este pão divino. Deve recebê-lo não obstante seu pouco valor pessoal, em vista das suas necessidades menores da vida sobrenatural ³⁴.

Com essa exposição da eucaristia como pão eucarístico por parte do Pe. Júlio Maria, fica claro o sentido da eucaristia como pão transformador. Por isso, é necessário este alimento na vida dos comungantes para que a transformação e a renovação na vida dos fiéis se realizem o quanto antes, por meio da recepção do pão eucaristizado.

³³ Ibid., p. 244.

³⁴ Ibid., pp. 245-246.

3.2.2 Eucaristia, alimento

Para o Pe. Júlio Maria, a eucaristia, antes de ser adorada, existe para ser alimento. Alimento que é recebido e assimilado. Veremos mais adiante o que significa o assimilar a eucaristia. Segundo nosso autor, a ordem de Jesus na última ceia é bastante clara: “*Tomai e comei... Tomai e bebei*” (Cf. Mt 26,26-27). O fim último da Eucaristia é gerar vida no ser humano, por isso é alimento. Neste mesmo sentido, afirmou ele:

Quando uma alma piedosa se aproxima do tabernáculo, para adorar o seu divino hóspede, Jesus fica-lhe sorrindo ternamente; mas quando esta alma se aproxima da Mesa da Comunhão, o divino menino, velado pelas aparências da hóstia, estende os bracinhos ao que vai recebê-Lo. Que alegria para ele, quando chega o momento da comunhão, quando ouve ranger a chave do tabernáculo; quando a sua prisão se abre! Não pode conter-se. O sacerdote não se apressa bastante, e às vezes a hóstia sagrada escapa das suas mãos e voa até os lábios do comungante: Jesus tem fome de ser comido: *tomai e comei* este é o meu corpo! O fim da Eucaristia é alimentar. Ora, alimentar é dar mais vida. Recebendo mais vida, temos mais ser, e na medida que cresce nosso ser espiritual, Deus se estende nele mais largamente, ampara-se nele mais fortemente, e une-se com ele mais intimamente. Pela sagrada comunhão recebemos realmente o corpo de Jesus Cristo, porém o que assimilamos é qualquer coisa da sua vida divinizada. Digamos melhor: é esta própria vida que se apodera de nós, como o oceano se apodera de uma gota d’água caída em sua imensidade, incorpora-a, absorve-a; somos como absorvidos pela divindade [...] ³⁵.

Com estas palavras, fica claro que a adoração ao Santíssimo Sacramento tem seu valor e importância no pensamento do Pe. Júlio Maria. Ele mesmo incentivava a visitação a Jesus sacramentado, mas a comunhão tinha sua primazia, porque a eucaristia nos diviniza, faz crescer em nós a graça de Deus. Isto porque, para o Pe. Júlio Maria, o fim último da eucaristia era alimentar a vida divina no ser humano. Foi para isto que Jesus instituiu a eucaristia na última ceia.

A eucaristia é alimento normal aos comungantes, porque os fiéis necessitam de um alimento que gere neles a vida divina, e não poderia ser outro alimento senão a eucaristia. Assim explicou ele:

O homem, pela graça, que é vida divina, participa da natureza divina; é preciso, pois, que haja um alimento que sustente e desenvolva esta participação à natureza divina: e este alimento deve ser o corpo de Jesus Cristo. Por que o corpo de Jesus Cristo? Porque este corpo foi a causa instrumental da vida divina em nós... Logo este mesmo corpo deve ser também a causa instrumental, do acréscimo desta vida divina. Eis que esses

³⁵ Ibid., pp. 30-31.

dois dons invisíveis por si nos são manifestados sob aparências conformes a nossa natureza sensível. *O Verbo se fez carne e habitou entre nós*: Eis a vida. *Tomai e comei, isto é o meu corpo*: Eis o alimento desta vida. [...] A mesa eucarística nos alimenta fazendo-nos participar deste sangue divino. Como é admirável a providência divina! Pelo Batismo, o sangue de Jesus nos dá a vida; pela Comunhão este mesmo sangue sustenta esta vida. Deus se parece com a mãe, que dá a vida pelo seu sangue e sustenta esta vida pelo seu leite, que é ainda o seu sangue, mas transformado em alimento. O acréscimo da vida sobrenatural nos vem ainda por outros canais, sem dúvida, como são o mérito pessoal, os outros sacramentos, etc. Porém só a Eucaristia é o seu alimento normal³⁶.

Deus tem seus planos divinos em relação ao ser humano, “pelo batismo nos comunicou a vida divina. E pela eucaristia ele alimenta esta vida”³⁷. É neste sentido que o Pe. Júlio Maria ensina que a vida divina necessita de um alimento divino, e para ele o alimento divino que alimenta o ser divino no ser humano é a eucaristia. É por isso que ele vai insistir na comunhão. Não basta saber que a eucaristia é pão, é alimento; é necessário comungá-la.

3.2.3 Eucaristia, comunhão

Em suas catequese eucarísticas, Pe. Júlio Maria falava da eucaristia como transformação dos comungantes pela comunhão. Ele não tinha a noção da celebração no seu todo como elemento fundamental dessa transformação, mas, para ele, era a comunhão eucarística que gerava nos comungantes essa transformação. Julgamos que aqui repousa seu pensar eucarístico: despertar no coração dos fiéis a comunhão, para serem transformados pela Eucaristia. Ao modo dos Santos Padres, Pe. Júlio Maria levava os fiéis ao coração da Eucaristia. Seu objetivo era ajudar os fiéis a criarem um “*senso da Eucaristia*” na vida cotidiana.

Esse senso se formaria a partir do momento em que o fiel compreendesse a Eucaristia como

(...) fonte, sustento, e centro da vida cristã. Mas, para que assim seja, é preciso que haja, não simplesmente recepção do alimento divino; deve

³⁶ Ibid., pp. 237-241.

³⁷ Ibid., p. 237.

haver, como na ordem natural, assimilação, circulação e irradiação pelo organismo inteiro³⁸.

Para o Pe. Júlio Maria, a Eucaristia é a fonte, o sustento e o centro de toda a vida cristã. É por isso que convidou os fiéis à comunhão diária: “a comunhão deve ser o pão de cada dia, para que, cada dia, tenhamos a força de vencer os inimigos da alma”³⁹.

A comunhão diária, no pensar dele, gerava o “*senso da Eucaristia*”. Este “*senso da Eucaristia*” equivale àquela disposição interior de participar da eucaristia, comungar e viver na radicalidade do seguimento a Jesus Cristo. Ter o “*senso da Eucaristia*” significa, no pensamento do Pe. Júlio Maria, saber a importância, o valor e a necessidade deste sacramento na vida do cristão. É saber que a Eucaristia é mistério central da vida cristã; sua finalidade é alimentar, nutrir e formar aqueles que deste mistério se aproximam. Por outro lado, aquele que participa do corpo e sangue de Cristo é convidado a assimilar, identificar-se com aquilo de que se alimentou.

Para o Pe. Júlio Maria, a comunhão eucarística só tem sentido quando acontece o processo de assimilação, que não é o comungar por comungar, mas o comungar para se identificar com aquele que recebemos como alimento. Segundo ele, quando comungamos a eucaristia que recebemos, começa em nós

um novo mistério de assimilação cristificante, a vida divina de Cristo eucarístico se apodera de nós, como o oceano se apodera da gota d’água caída em sua imensidade, incorporando-a completamente⁴⁰.

Pe. Júlio nos explica melhor esse processo de assimilação:

O alimento entra em nossa boca, infiltra-se em todas as dobras do nosso ser, onde se transforma para unir-se a ele. O seu primeiro ato é dar-se (Comunhão) – o segundo é unir-se (assimilação). E este segundo ato é o seu fim. Ninguém come somente para entrar em contato com o alimento, mas sim para fortalecer-se pela assimilação da parte nutritiva do alimento. [...] Ora, alimentar é dar mais vida. Quem recebe mais vida, recebe mais ser. E à medida que o nosso ser espiritual se vai dilatando, Deus estende-se em nossa alma, apodera-se mais desta alma e une-se a ela mais intimamente. Diz-se muitas vezes: pela Comunhão a carne de Cristo une-se a nossa carne, e o seu sangue entra em nosso sangue. A sua substância confunde-se com a nossa substância, tais dois pedaços de cera que se fundem num pedaço único. Estas

³⁸ LOMBAERDE, Maria e a Eucaristia, p. 17. A comunhão é algo muito sério para o Pe. Júlio Maria. Comungar é se envolver por inteiro com Cristo. É comungar com sua vida, com seu projeto. É reproduzir a comunhão que tomamos em nosso ser e agir.

³⁹ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 247.

⁴⁰ Ibid., p. 77.

palavras exprimem uma realidade, porém uma realidade muito mais elevada do que se pensa comumente. A mistura, a fusão, opera-se realmente, porém não é na recepção, mas sim na assimilação do corpo de Jesus Cristo. Tal fusão consiste no acréscimo da vida divina, para a qual a Comunhão é o meio normal, o instrumento, o veículo. Pela Comunhão, recebemos realmente o Corpo de Jesus Cristo, mas é qualquer coisa da sua vida divinizada que nós assimilamos. Digamos melhor: é a própria vida divina que se apodera de nós, tal o oceano se apodera de uma gota d'água lançada em sua imensidade; incorpora-a a si e a absorve completamente⁴¹.

O “*senso eucarístico*” evita certos abusos, a saber: fazer da Eucaristia uma devoção entre tantas, fazer da Eucaristia um amuleto de sorte ou ficar “catando” missas durante o dia para “*assistir*” e “*comungar*” sem uma devida preparação. O próprio Pe. Júlio Maria, percebendo estes desvios, orienta: “Não basta comungar, é preciso comungar bem”⁴². “Não é o número de comunhões que vale; é a aplicação para fazê-las bem, que agrada a Deus”⁴³.

3.2.4 Eucaristia, compromisso social

Pe. Júlio Maria compreende a Eucaristia como uma ação social dos comungantes ao comungar e fazer outras pessoas comungarem. Essa ação social não seria um engajamento social do fiel na sociedade, mas em primeiro lugar poderia ser experimentar o dom de Deus na sua vida e ajudar outras pessoas a fazerem o mesmo caminho. A fonte que o inspirou nesta concepção de Eucaristia foi o texto do Evangelho de Mt 18,23-35. Nosso autor interpretou a parábola do devedor implacável como sendo uma parábola eucarística.

Segundo ele, o servo de que fala o Evangelho devia ao seu patrão uma quantia que nunca conseguiria pagar. O servo pediu perdão pela dívida e o patrão misericordioso o perdoou. Mas esse mesmo empregado tinha um companheiro que lhe devia uma quantia menor do que aquela que ele devia ao seu senhor. O seu amigo lhe suplicou que o perdoasse, pois iria pagar depois, mas ele não cedeu. Fechou o coração e não perdoou a dívida do companheiro. O patrão soube do episódio e castigou o seu empregado por causa da dureza do seu coração em relação ao outro.

⁴¹ Ibid., pp. 233-234.

⁴² Ibid., p. 101.

⁴³ Ibid., p. 51.

Para ele, essa parábola nos ajuda a entender que recebemos um tesouro de Deus que nunca conseguiremos pagar, por ser um dom divino. Esse tesouro é a Eucaristia que recebemos, e ela não pode terminar em nós mesmos. Recebemos esse tesouro que nos alimenta, mas devemos também alimentar os nossos irmãos. Assim explicou o Pe. Júlio Maria:

Nesta parábola Jesus quer nos fazer compreender que todos nós somos devedores à sua divina justiça. Felizmente Ele é a bondade infinita, e vendo a nossa incapacidade de saldar a nossa dívida nos põe entre as mãos um tesouro divino [...]. Esse tesouro é a divina Eucaristia. Mas, se Deus é tão bom para conosco, Ele exige que nós estendamos sobre os outros este benefício que d'Ele recebemos⁴⁴.

Aqui está o sentido da Eucaristia como ação social: saber partilhar os bens que recebemos de Deus com aqueles que ainda não os têm. Segundo ele, essa ação social eucarística nasce de dois movimentos: saber comungar e fazer comungar. Assim ele nos explicou:

Comungar é bom. Fazer comungar é melhor ainda! Jesus Cristo tomou as aparências de um pouco de pão, para nos fazer compreender que Ele quer ser aproveitado, explorado como alimento. Alimento que farta e fortalece. Nós precisamos tanto dele: a nossa vida é exaustiva precisando continuamente de um alimento tonificante. E esse alimento és tu, ó Jesus, tu que disseste: a minha carne é verdadeiramente um alimento (Jo 6,56). Mas em redor de nós, quantas almas anêmicas, exaustivas, que procuram um alimento e não o encontram, porque não o conhecem ou conhecem erradamente. Comuniquemos este dom aos outros como Jesus no-lo comunicou⁴⁵.

A ação social eucarística é receber a Eucaristia, mas também distribuí-la com tantas pessoas que estão longe deste mistério. Neste sentido, o convite do Pe. Júlio Maria aos comungantes é para que sejam “*apóstolos eucarísticos*” e façam a ação eucarística: levar até as crianças, aos pobres, aos indiferentes o conhecimento da eucaristia e o desejo de comungar sempre.

⁴⁴ Ibid., p. 374.

⁴⁵ Ibid., pp. 376-377.

3.2.5 Eucaristia, missão

Para o Pe. Júlio Maria, a Eucaristia é missão⁴⁶. Ela é a fonte de todo o apostolado da Igreja, porque é “[...] o maná que sustenta as forças dos lutadores. [...] É o foco e centro do amor divino. É o banquete da humanidade em demanda para o céu”⁴⁷.

Quem preparou esse banquete celestial para toda humanidade foi o próprio Jesus Cristo, porque ele é o bom pastor que cuida de cada ovelha de acordo com as suas necessidades. Para ele, “Jesus exerce seu pastoreio na eucaristia”⁴⁸. Ele chega a essa conclusão a partir da catequese eucarística, que faz do Evangelho de Jo 10,11-18, em que Jesus na eucaristia é o bom pastor que conhece as suas ovelhas e alimenta e dá a vida por elas.

Jesus eucarístico está atuando na vida e na história dos comungantes. É assim que ele realiza sua missão. Não é um Cristo estático e sem vida. Assim nos exorta o Pe. Júlio Maria:

É um erro pensar que Jesus Cristo está ali no tabernáculo, como sentado num trono de majestade, em êxtase, ou olhos voltados para o céu. Jesus está ali como um pai amoroso ou, para não sair da parábola de hoje, como um *Pastor Zeloso*, o cajado na mão, os olhos sobre cada uma de suas ovelhas, conhecendo cada uma em particular, e chamando-a pelo próprio nome. Os pastores zelosos, não somente conhecem o número de suas ovelhas, mas dão um nome próprio a cada uma, para discerni-la das outras. O próprio do mistério eucarístico é aplicar e tornar particular a cada um, o que foi feito para todos. A Redenção é mistério universal: é o resgate do mundo inteiro. A Eucaristia é um mistério particular, próprio a cada um. Jesus está ali presente, não para o mundo, em geral, mas sim, para cada um em particular, para cada um dos que se apresentam diante do seu tabernáculo, para implorá-lo ou na mesa sagrada, para recebê-la. Tal é o testemunho que Jesus nos dá da sua ternura, que nos conhece pelo nome, e nos tem em particular um amor íntimo, como se só nós existíssemos neste mundo⁴⁹.

A missão do Cristo eucarístico é fazer comungar, é alimentar seu rebanho. Essa é a primeira dimensão missionária da eucaristia ensinada pelo Pe. Júlio Maria:

O Bom Pastor alimentará as suas ovelhas, não simplesmente por meio de um alimento colhido do céu, como o maná dos israelitas, pois tal maná, apesar da sua origem milagrosa, não deixava de ser material; mas Ele as alimentará

⁴⁶ Cf. Sobre a interpretação do tema eucaristia e missão: RANGEL, Para uma espiritualidade sacramentina, pp. 347-355; Id., Para uma espiritualidade sacramentina II, pp. 399-406; Id., Para uma espiritualidade sacramentina III, pp. 499-509.

⁴⁷ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 11.

⁴⁸ Ibid., p. 188.

⁴⁹ Ibid., p. 189.

com um alimento puramente espiritual, celeste, divino... O seu próprio corpo e o seu próprio sangue! E este alimento divino é tão necessário para a conservação da vida espiritual, como é necessário o alimento material para a manutenção da vida corporal. Como é bom, como é terno o nosso Bom Pastor, e com quanta razão Jesus pode aplicar-se este título: só Ele pode exercê-lo na plenitude de seu sentido, pois só Ele pode sustentar a vida das suas ovelhas, como um alimento apropriado à sua natureza, às suas necessidades e a seu fim⁵⁰.

Outra missão da eucaristia é a transformação dos comungantes por meio da recepção do corpo e do sangue do Senhor. Segundo o Pe. Júlio Maria, quando o fiel assimila a Eucaristia, ele se torna o Cristo. Ele realiza as obras do Cristo eucarístico. Assim ele escreveu:

E quando Ele jaz ali sobre os lábios, quando desce por estes canais invisíveis só conhecidos por Ele, até ao âmago do homem, que faz Ele? Termina Ele a sua vida como alimento? Permanece inativo? Ele, inativo? Ele: o fogo? Ele: o amor? Ele: o alimento divino? Não! É o momento de seu triunfo! Como Ele deixa explodir o invólucro... as espécies sacramentais! Como ele rasga o véu que esconde. Agora não precisa mais d'ele: está no coração daquele a quem ama, de quem o deseja. É um novo mistério que começa. Jesus une-se a esta alma transforma-a em si mesmo. É uma espécie de compenetração mútua: *Tu em mim e eu em Ti*⁵¹.

Ainda falando desta transformação dos comungantes em Cristo, afirmou o Pe. Júlio Maria:

Na Sagrada Comunhão, recebemos a Pessoa divina de Jesus Cristo, e tal recepção não é simplesmente uma dádiva por contato, é uma *participação à natureza divina*, como diz São Pedro (Cf. 2Pd 1,4), mas o chefe dos apóstolos ajunta logo a condição indispensável desta participação, *fugindo da corrupção da concupiscência que há no mundo*. Ora, notemos bem que tal *participação à natureza divina* não é uma comunicação da substância divina, a qual é incomunicável, mas ao *modo de agir de Deus*. O homem não pode ser Deus em nada; porém ele pode receber a faculdade de agir como Deus, de agir divinamente. Mas, para agir divinamente, o homem necessita de faculdades divinas; e nossas faculdades são todas humanas. É preciso, pois, que tal participação se faça por transformação. Uma flor, por exemplo, para poder distinguir os objetos que a cercam, precisaria receber em suas pétalas uma transformação, que as mudasse em olhos: seria um ser novo com sentidos novos. A nossa alma, para ser capaz de ver a Deus necessita também tornar-se um ser novo, dotado de sentidos novos. É o que nos faz dizer, por metáfora, que a nossa transformação pela graça, é uma espécie de divinização. Esta transformação deiforme chama-se graça; de modo que se

⁵⁰ Ibid., p. 193.

⁵¹ Ibid., p. 80.

pode definir a graça, dizendo que é a própria transformação que nos diviniza⁵².

A Eucaristia que o fiel recebe gera nele as ações de Cristo. Deste modo, o comungante sempre agirá ao modo do Cristo eucarístico, seja no seu desejo de matar a fome espiritual ou física do seu povo, na dimensão da entrega, da doação, da oblação, da partilha, da salvação e na organização do povo. Fica bem claro este pensamento na seguinte oração composta pelo Pe. Júlio Maria, onde expressa seu espírito missionário que nasce da intimidade com Jesus eucarístico. Vejamos:

Como poderiam fechar-se os nossos corações e calar-se a nossa língua, à vista da ilusão com que o mal seduz as pessoas e lhes tira o ideal da vida cristã? Como é possível vivermos sossegados e quietos quando Jesus Cristo é esquecido, seu Evangelho desprezado, e as pessoas se entregam a todo tipo de vícios? Oh! Não. É impossível, meu Deus, não posso mais viver no meio de tal situação; retirai-me deste mundo, ou concedei-me a graça de ajudar esses irmãos a retomarem o caminho da felicidade! Vosso próprio Coração, ó Jesus, transborda de amor para os pecadores. Como bom Pastor, correis atrás das ovelhas perdidas, e vossa voz repete: ‘Vinde a mim, todos vós que sofreis!’ Convosco, ó Jesus, quero amar os irmãos, quero procurar as ovelhas feridas e perdidas, quero levantar a voz, de dia e de noite, para chamá-las para perto do vosso Coração. Eis-nos aqui, Senhor, mandai-nos e levaremos a nossos irmãos a Palavra do Evangelho, o sorriso fraterno e o sacrifício de nossa vida. Nada somos e nada podemos por nós mesmos, porém tudo nos será possível com a força da graça divina que nunca nos há de faltar⁵³.

A Eucaristia nos transforma no Cristo e nos faz realizar a sua missão no mundo. Segundo ele, o Cristo eucarístico que recebemos na comunhão é um Cristo vivo, e vive missionariamente na Igreja. É assim que ele entendia a Eucaristia como missão. Do Cristo eucarístico nasce e renasce e se forma constantemente a Igreja povo de Deus pelo batismo, a penitência, a santificação das famílias (sacramento do matrimônio), o culto do povo (liturgia), a ação libertadora em todos, tudo, enfim na Igreja. A Eucaristia não nos deixa quietos, tranquilos em nosso mundo ou presos a estruturas pesadas, somos enviados a viver missionariamente a partir da Eucaristia. A Eucaristia nos lança no campo do apostolado da Igreja para realizar a obra de Cristo no mundo.

⁵² Ibid., pp. 107-108.

⁵³ LOMBAERDE, Formulário dos Exercícios e Orações da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora, pp. 195-198.

A catequese eucarística do Pe. Júlio Maria não pode ser entendida como mistagogia segundo a exatidão do termo, mas nos faz lembrar, ou melhor, apresenta certa analogia com as catequese mistagógicas dos Santos Padres. Segundo Enrico Mazza, entre as definições de mistagogia existe um conceito que afirma a mistagogia como catequese sobre os sacramentos, a fim de explicar seu sentido e seus ritos litúrgicos. Quando fazia suas catequese, Pe. Júlio Maria não estava preocupado em fazer uma doutrinação eucarística, mas, queria criar um senso de eucaristia no coração dos fiéis. Esse senso de eucaristia implicava um conhecimento mais aprofundado sobre este sacramento.

A intenção dele, segundo seus escritos, era fazer uma catequese que levasse os fiéis ao conhecimento da eucaristia. Por mais teórico que pudesse ser esse conhecimento, a intenção do autor era levar seus paroquianos a um conhecimento experimental da eucaristia. Com essa catequese ele queria tocar no coração das pessoas, e desta forma provocaria uma transformação da vida da comunidade paroquial. Era um tipo de conhecimento não intelectualizado, mas existencial, no sentido de transformar seus interlocutores pela força da eucaristia. Os fiéis que compreendiam o sentido da eucaristia participavam melhor da vida da comunidade e atraíam outras pessoas para esse conhecimento. Era esse o movimento ou a transformação que o Pe. Júlio Maria queria realizar em Manhumirim. Pelo conhecimento da eucaristia, ele ia formando uma paróquia eucaristizada, a seu modo e com seus interesses religiosos e também políticos.

Analisando o conteúdo eucarístico exposto pelo Pe. Júlio Maria, podemos dizer que em grande parte seu discurso era reflexo dos grandes tratados da teologia eucarística do segundo milênio da era cristã. Neste terceiro capítulo, tentamos expor a forma como ele compreendia a eucaristia, mas logo percebemos que seu jeito de apresentar esse tema expressava muito bem aquilo que Giraudo chamou, no estudo sobre a teologia eucarística do segundo milênio, de “duplo mal-estar: celebrativo e especulativo”⁵⁴ que essa teologia gerava na Igreja.

Este mal-estar celebrativo de que fala Giraudo pode ser conferido no jeito de o Pe. Júlio Maria falar da eucaristia. Em muitas de suas catequese, ele reduz a eucaristia à

⁵⁴ GIRAUDO, Num só corpo, p. 2.

consagração. Esta compreensão eucarística gera uma fragmentação da liturgia em sua totalidade, porque separa o momento da consagração do todo da oração eucarística. Devido a isso, a celebração será marcada por uma mentalidade mecanicista e reducionista, onde bastam as “*palavras mágicas*” da consagração para que o pão e o vinho se tornem corpo e sangue do Senhor.

Pe. Júlio Maria não fala da celebração eucarística no seu todo, nem explica a celebração no seu conjunto. Ele está mais preocupado com o tema da presença real de Jesus na eucaristia, da eucaristia como adoração, com o relato da instituição (consagração), com o tema da transubstanciação, do que em apresentar uma catequese eucarística a partir dos textos litúrgicos ou dos ritos.

Quanto à Liturgia da Palavra, o Pe. Júlio Maria dá uma atenção especial para este momento litúrgico, mas esta se dá pelo seu interesse em apresentar o tema da eucaristia iluminado pela Palavra de Deus. Para explicar os textos bíblicos, ele usa o método espiritual, relacionando Palavra de Deus com o sacramento da eucaristia. Ele queria fazer uma ligação entre a Palavra e a eucaristia. Esta é sua intenção, mas nem sempre consegue realizá-la. Estudando essas catequese eucarísticas, vimos que o autor força, às vezes, o texto a dizer o que ele não tem a intenção de afirmar. Isto se dá porque sua preocupação está antes em afirmar a teologia dogmática do sacramento do que fazer uma exegese bíblica do texto, a partir dos meios que ele conhecia.

Outro *mal-estar* que podemos constatar nestas catequese do nosso autor, segundo aquilo de que fala Giraud, são suas especulações acerca da eucaristia como presença real, como sacrifício e como sacramento. O Pe. Júlio Maria se preocupa em tratar desse assunto longamente. Mas quando fala desses temas, eles são tratados por si, sem que se busque uma visão global. Esta forma de entender a eucaristia faz com que se perca todo o mistério e a simbologia que ela possui. Esta forma de entender a eucaristia era fruto do método teológico sistemático, que aparece não só na forma como ele fala da eucaristia, mas era o jeito de fazer a teologia eucarística do segundo milênio.

Essa forma de entender ou de construir o discurso sobre a eucaristia não deixou os fiéis entenderem a eucaristia como memorial⁵⁵, como elemento formador do corpo eclesial.

⁵⁵ Sobre eucaristia e memorial, Cf. BUYST; SILVA, O mistério celebrado: memória e compromisso I; BUYST, FRANCISCO, O mistério celebrado: memória e compromisso II; BUYST, A missa: memória de Jesus no coração da vida.

Embora se falasse da força transformadora da eucaristia, essa transformação estava mais no nível pessoal do que no coletivo. Alimentava-se da eucaristia mais para ter os elementos necessários para um crescimento espiritual pessoal do que alimentar-se do corpo do Senhor para ser corpo eclesial. Essas ideias não estão presente nas catequeses do Pe. Júlio Maria.

Agora, por outro lado, podemos dizer que a catequese eucarística do Pe. Júlio Maria foi a grande responsável pela transformação de Manhumirim. Pela catequese ele exortava, cativava e impulsionava os seus paroquianos a viver de modo eucarístico influenciando a sociedade de sua época. Quanto ao senso da eucaristia que ele queria imprimir nos fiéis, parece que nosso autor o alcançou, assim como a transformação da paróquia. Os católicos que se identificaram com seus ensinamentos e se definiram como homens e mulheres eucarísticos, foram marcando presença no ambiente religioso e político. Esse conhecimento da eucaristia levava os cristãos católicos a viver uma fé comprometida com a Igreja e com seus dogmas, e aos poucos isso também chegava ao ambiente social.

Não podemos exigir nada mais do que isso que ele nos oferece. Esta é a sua consciência possível. Por outro lado, porém, sabemos que o Pe. Júlio Maria tinha um conhecimento do movimento litúrgico, ele mesmo fala da finalidade desse movimento: *“Hoje, o movimento litúrgico é intenso e consolador. Este movimento tem por fim fazer os católicos saírem de si para integrar-se no grande corpo da Igreja e participar melhor dos sublimes mistérios da religião”*⁵⁶.

Embora o Pe. Júlio Maria fale do Movimento Litúrgico inicialmente de forma positiva, nesta mesma obra demonstra certas ressalvas com relação a ele. Vejamos um simples caso que ele coloca sobre um impasse que, segundo a sua compreensão, este movimento trouxe:

Chegou-se ao ponto de exigir que todos tivessem o seu missal em vernáculo, seguissem as orações litúrgicas, e participassem ativamente do santo sacrifício. Seria o ideal, sem dúvida. Tal ideal, porém, supõe instrução, preparo, aplicação, concentração, que não se encontra em todas as pessoas mesmo piedosas. Daí a luta litúrgica, travada entre os dois extremos: os que querem absolutamente o missal e os que querem a liberdade de seguir a sua devoção pessoal, como seja meditar a paixão do Senhor, recitar um terço⁵⁷.

⁵⁶ LOMBAERDE, Comentário da Vida Litúrgica, p. 12.

⁵⁷ Ibid., p. 13.

Pe. Júlio Maria é filho de seu tempo, nem podia ser diferente. No modo como ele pensa a eucaristia, podemos encontrar várias lacunas. Basta observar. Mas o que julgamos importante é a iniciativa dele de não se acomodar com a realidade que encontrou em Manhumirim, procurando resolver seus problemas pastorais pela força da catequese eucarística. Muitas vezes, suas catequeses não têm ordem nem método na sua exposição de ideias sobre a eucaristia. Parecem mais uma partilha de suas convicções mais profundas acerca do sacramento.

Desta sua partilha podemos destacar, como algo muito próprio seu, a dimensão da eucaristia como pão, alimento, comunhão, ação social e missão. Essas ideias aparecem em outros autores também, mas quando dizemos que é algo próprio seu, é porque ele o repete muito, e a partir dessas ideias é que ele vai construir seu discurso sobre a eucaristia.

Em síntese, o Pe. Júlio Maria queria despertar as consciências dos fiéis para a vida eucarística comprometida com a Igreja e com a sociedade do seu tempo, a partir do senso da eucaristia, que implicava reconhecer a eucaristia como pão celestial, alimento que nutre o ser divino no coração do homem. Foi este o caminho que nosso autor procurou traçar do seu amor à eucaristia, procurando formar um povo, uma paróquia eucarística ao modo bem tridentino.

CAPÍTULO IV

A CATEQUESE EUCARÍSTICA DO PE. JÚLIO MARIA, INSPIRAÇÃO PARA O TRABALHO PASTORAL HOJE

O trabalho pastoral do Pe. Júlio Maria em Manhumirim serve de inspiração para muitos presbíteros que querem renovar sua comunidade paroquial por meio de um processo formativo acompanhado. Com suas catequese eucarísticas, ele oferecia a sua comunidade paroquial uma sólida formação. Sabemos que o Pe. Júlio Maria não fazia mistagogia nos seus encontros catequéticos, como a entendemos a partir da teologia patrística, mas suas catequese podem ser vistas como uma analogia às mistagogias eucarísticas dos Santos Padres.

Nossa pretensão não é salvar a teologia eucarística do Pe. Júlio Maria, mas sua intuição: *fazer catequese eucarística para renovar a paróquia*¹. Em outras palavras: formar leigos para transformar tanto a comunidade cristã como a sociedade. Quando afirmamos que a catequese dele pode inspirar os ministros ordenados em sua ação pastoral, não estamos falando da sua tendência apologista, nem do seu conteúdo teológico, por sinal, superado hoje em vários aspectos. A compreensão eucarística dele prende-se ao contexto eclesial em que foi formado, e a partir dos embates da Igreja com a teologia protestante, de modo especial em Manhumirim. A forma como ele anunciava e ensinava este tema revelava seu objetivo: sanar uma situação de indiferença religiosa causada pela presença dos protestantes, espíritas e maçons na região de Manhumirim.

O que de fato queremos é afirmar que a intuição do Pe. Júlio Maria em fazer uma catequese dominical sobre a eucaristia foi de suma importância para a comunidade paroquial de Manhumirim. Esta catequese eucarística não era uma doutrinação, mas sim, uma tentativa de explicar o sentido da eucaristia com toda precisão, a fim de causar uma mudança na vida dos fiéis que participavam da vida da comunidade. Ele acreditava que a eucaristia transformava a vida dos fiéis, como também a vida da Igreja, pois, segundo o seu entendimento, era a eucaristia a fonte de toda a vida cristã.

Para ele a questão de trabalhar o tema da eucaristia na catequese dominical já era

¹ Segundo o Pe. Júlio Maria, a catequese e a pregação eucarística aumentava o número de comunhões, a participação nas missas, as visitas ao Santíssimo Sacramento e, de modo inesperado, transformava e renovava a paróquia inteira. Cf. LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 15.

algo muito claro. Ele falava da eucaristia dentro da celebração da missa, usando a liturgia da Palavra e ligando-a ao tema da eucaristia. Deste seu trabalho surgiu a obra “*Comentário Eucarístico*”, onde encontramos todas as suas reflexões sobre a eucaristia, ligadas ao tema da Palavra de Deus. Os textos desta obra revelam a profundidade espiritual do nosso autor, ainda que, por outro lado, possamos perceber muitas coisas superficiais e sem muita lógica ou sem sentido para a fé eucarística hoje. O que vale realmente nesta obra e nas catequeses dele é sua intuição e o seu desejo de formar um povo eucarístico, pela força da Palavra e da eucaristia.

4.1 Aprendendo com a catequese eucarística do Pe. Júlio Maria

As catequeses eucarísticas do Pe. Júlio Maria são de iniciativa sua. Ele viveu numa época de grande entusiasmo pelos congressos eucarísticos. Eram esses congressos a ocasião de grande divulgação do culto eucarístico. Estes movimentos falavam alto ao coração do povo. Ele vibrou com tais congressos; por outro lado, porém, percebia que o povo ficava entusiasmado com eles, mas não sabia o verdadeiro sentido da eucaristia. Numa expressão do nosso autor, o povo ficava deslumbrando ao contemplar a Hóstia consagrada, mas não tinha aquele senso da eucaristia². Este foi um dos motivos que levaram o Pe. Júlio Maria a fazer suas catequeses eucarísticas para a comunidade paroquial, com a finalidade de renová-la e transformá-la pela força da eucaristia.

Das suas catequeses eucarísticas, podemos destacar vários elementos usados por ele e que poderiam ajudar-nos hoje numa catequese sobre a eucaristia. Entre os vários elementos pensados, resolvemos destacar alguns.

O primeiro que sobressai na ação pastoral do Pe. Júlio Maria é a sua proposta de *encontros de catequese*. Já vimos que ele movimentou toda a sua paróquia pela catequese que administrava. A catequese acontecia em dois momentos: antes da celebração da eucaristia, durante um dia da semana, para públicos distintos; o outro momento era na própria celebração da eucaristia. Ele usou de um estratagema que envolveu toda a comunidade paroquial nas suas catequeses.

Quando nosso autor chegou a Manhumirim, os grupos e associações religiosas eram poucos, e ele os foi criando e acompanhando-os por uma catequese semanal. Como já dissemos, ele formou grupos bem específicos para as catequeses, de modo que atingiu toda a sua paróquia. Todos os paroquianos que frequentavam a vida paroquial passavam pela

² Cf. LOMBAERDE, Maria e a Eucaristia, p. 17.

catequese do Pe. Júlio Maria. Assim ele imprimia um sentido sobre os sacramentos, sobre a Igreja, e seus ensinamentos entravam no coração dos fiéis.

O importante aqui não era tanto o conteúdo, mas a presença do ministro ordenado junto ao seu rebanho. Isso fazia toda a diferença e, ao mesmo tempo, podemos dizer que era uma atitude que cativava o coração do povo de Manhumirim.

Os homens, as mulheres e as crianças que participavam da catequese administrada por ele encerravam sua catequese semanal com a participação na eucaristia. Esse era o objetivo do Pe. Júlio Maria: instruir pela catequese e levá-los à comunhão eucarística.

Era assim que ele pensava na transformação da paróquia. Fiéis bem instruídos e participantes da sagrada comunhão geravam a mudança, a transformação da comunidade paroquial. Essa mudança não era tanto dentro do nível social, comprometendo-se com a dimensão ética da eucaristia, mas uma transformação pessoal que gerava algumas mudanças nas suas relações pessoais; já no campo social e político, seria para defender os interesses da Igreja. Essa era a mentalidade da época, que se manifesta no pensamento do Pe. Júlio Maria.

Deste trabalho catequético dele, fica hoje para nós uma proposta de ação importantíssima: *a dimensão da formação dos leigos e a presença do presbítero durante esse processo formativo*. Não vamos copiar ou reproduzir as catequese do Pe. Júlio Maria, mas podemos assumir essas duas ações pastorais que encontramos hoje em vários documentos da Igreja: a dimensão da formação e a presença do presbítero na formação dos leigos.

Quanto à importância e a necessidade da formação dos leigos, encontramos vários itens do Documento de Aparecida que chamam nossa atenção para o cuidado com a formação dos leigos, para que assim aconteça a transformação na comunidade paroquial. Sabemos que a realidade eclesial do Pe. Júlio Maria e a nossa são totalmente diferentes, assim como o conceito de formação dos fiéis e sua missão. Não queremos dar azo aqui a nenhum anacronismo. A formação dentro das catequese dele era uma instrução religiosa sobre algumas matérias em que os católicos precisavam ficar bem formados. Já o conceito de missão ainda era bastante restrito; na sua compreensão, o leigo ainda era visto como os braços do clero. Os leigos não tinham a consciência do seu protagonismo missionário, o que viria a ser uma questão posterior. Mas a missão do leigo era viver a fé cristã em família e defendê-la quando fosse atacada pelos inimigos da Igreja.

Entretanto, a prática do Pe. Júlio Maria ao querer formar seu povo para transformar a paróquia é algo sempre atual. É esta sua atitude pastoral que nos interessa, e não o conteúdo, o método que ele desenvolve em sua ação pastoral. Sobre a necessidade da formação dos leigos, que foi uma realidade encontrada pelo autor em Manhumirim, podemos

dizer que é também hoje uma necessidade nossa. Basta recordar o que diz a Conferência de Aparecida:

A vocação e o compromisso de ser hoje discípulos e missionários de Jesus Cristo na América Latina e no Caribe, requerem uma clara e decidida opção pela formação dos membros de nossas comunidades, a favor de todos os batizados, qualquer que seja a função que desenvolvem na Igreja. Olhamos para Jesus, o Mestre que formou pessoalmente a seus apóstolos e discípulos. Cristo nos dá o método: “Venham e vejam” (Jo 1, 39), “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Com Ele podemos desenvolver as potencialidades que estão nas pessoas e formar discípulos missionários. Com perseverante paciência e sabedoria, Jesus convidou a todos para que o seguissem e introduziu aqueles que aceitaram segui-lo no mistério do Reino de Deus. Depois de sua morte e ressurreição, enviou-os a pregar a Boa Nova na força do Espírito. Seu estilo se torna emblemático para os formadores e cobra especial relevância quando pensamos na paciente tarefa formativa que a Igreja deve empreender no novo contexto sociocultural da América Latina³.

A formação de todos os fiéis é uma necessidade vital para o bom desenvolvimento da missão paroquial. A comunidade paroquial só se transformará a partir do momento em que levar a sério a formação de todos os seus membros. Assim nos lembra a Conferência de Aparecida: “Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de missionários leigos. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual”⁴.

A formação dos fiéis não deve se prender exclusivamente ao âmbito religioso. Não é uma doutrinação ou uma catequese exclusiva para a vida sacramental. A formação para os leigos deve envolver todas as situações em que vivem os cristãos no seu mundo. Para isso, a Conferência de Aparecida pensou nas seguintes áreas em que a formação deveria realizar-se:

Destacamos que a formação dos leigos e leigas deve contribuir, antes de mais nada, para sua atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. É urgente uma formação específica para que possam ter uma incidência significativa nos diferentes campos, sobretudo, “no mundo vasto da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização”⁵.

³ Documento de Aparecida (DA), n. 276.

⁴ Ibid., n. 176.

⁵ Ibid., n. 283.

A Conferência especifica melhor as áreas em que se deve trabalhar na formação junto aos leigos. Assim, aponta:

Para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de uma sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e um adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural⁶.

Esta formação não é apenas algo interno, em que ensinamos as verdades da fé, mas a formação dos leigos deve ser algo que os ajude a compreender sua fé no diálogo com o mundo em que vivem. Então, esta formação tem que ser multidisciplinar.

Já que destacamos a questão da formação dos fiéis; agora vale lembrar a presença dos sacerdotes neste processo de formação. Pe. Júlio Maria nos dá este testemunho, foi um pároco empenhado em sua missão pastoral de formar seu rebanho. Sua vida, sua preocupação estava nas necessidades do seu rebanho. É claro que as demandas pastorais de hoje são outras, mas em seu tempo ele foi atento às necessidades do seu povo.

Para o trabalho pastoral atual, o Documento de Aparecida apresenta as seguintes características do presbítero:

O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e de compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério. Consciente de suas limitações, ele valoriza a pastoral orgânica e se insere com gosto em seu presbitério⁷.

Ainda falando sobre as qualidades e o tipo de presbítero que o povo de Deus espera, o Documento afirma:

O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham uma profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários; movidos pela caridade pastoral, que os leve a cuidar do rebanho a eles confiados e a procurar os mais distanciados pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros-servos da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais

⁶ Ibid., n. 212.

⁷ Ibid., n. 198.

pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos e promotores da cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação⁸.

Segundo o Documento de Aparecida, para a renovação da comunidade paroquial são necessárias algumas atitudes por parte dos presbíteros: empenho, ardor e doação, e que eles estejam por conta da comunidade. Mas aquilo que sobressai das exigências para a renovação da paróquia é que os ministros ordenados sejam encantados por Jesus Cristo, sejam leves, sem estruturas burocráticas pesadas e saiam em busca daqueles irmãos que se afastaram da Igreja⁹.

Olhando para as catequese eucarísticas do Pe. Júlio Maria, vemos estas duas atitudes pastorais tão necessárias para o sucesso pastoral. O zelo pela formação dos leigos e o testemunho de um sacerdote encantado por Jesus Cristo e pela missão de atrair sempre o rebanho de Cristo em torno do seu mistério. Esta foi a missão dele no seu tempo. Hoje, continua sendo a nossa missão: formar e animar a comunidade paroquial com a leveza do Evangelho.

Um segundo elemento da prática pastoral do Pe. Júlio Maria que nos chama atenção é *a forma como nosso autor constrói seu pensamento eucarístico e o seu desejo de transmitir aquilo que ele experimentara da eucaristia*.

Pe. Júlio Maria não teve uma formação teológica acadêmica nas grandes universidades do seu tempo. A formação que recebeu foi caseira, mas isso não lhe tirou o mérito de ser um sacerdote inteligente e um pesquisador nato.

Seus estudos foram-se aprimorando quando foi reitor do seminário de sua Congregação em Wakken, na Bélgica. Lá, nosso autor teve contato com vários autores importantes do seu tempo, e teve também oportunidade de estudar a literatura dos Santos Padres e outras que o marcaram profundamente. Em suma, podemos dizer que o Pe. Júlio Maria não apresentou grandes novidades no seu pensamento sobre a eucaristia. Por suas convicções e devoções pessoais, o que fica de fato como a fonte de seu pensamento eucarístico, é a eucaristia como pão, alimento, comunhão, força transformadora e missão. Essa era a ideia mais forte em seus escritos. No mais, ele repete o que a Igreja da época ensinava.

Hoje, dizer que a teologia eucarística do Pe. Júlio Maria é atual ou caduca, seria cair em dois extremos. Acreditamos que a melhor postura seria a de conhecer sem preconceito

⁸ Ibid., n. 199.

⁹ Ibid., n. 201.

o seu pensamento, para depois posicionar-se. Sua teologia eucarística não pode ser apresentada na íntegra como um pensamento atual sobre a eucaristia, mas sua intuição de que a eucaristia é a fonte de toda a vida do cristão e da Igreja é algo que fica. Assim como o seu desejo de nos fazermos homens eucarísticos, a fim de eucaristizar outras pessoas. Eis como se expressou o Pe. Júlio Maria:

Comuniquemos este dom aos outros como Jesus Cristo no-lo comunicou. [...] façam, pois, irradiar sobre os outros, sobre os que a ignoram e sobre os que a desprezam, a luz e o amor que a eucaristia faz irradiar na alma. Há duas partes constitutivas neste dom sublime da eucaristia, e muitas almas, embora boas e generosas, contentam-se com a primeira parte, não se lembrando bastante da segunda. Receber Jesus Cristo, presente na Hóstia adorável é o nosso dever, é a nossa consolação, é a nossa força. Mas, lembremo-nos que vivemos em sociedade, e que em redor de nós há milhares e milhares de cristãos ignorantes, ou indiferentes ou materializados, que vivem longe do tabernáculo sagrado. Oh! Façamo-nos Apóstolos eucarísticos! Façamos conhecer a bondade, o amor de Jesus Sacramentado e a necessidade que temos de recebê-lo para podermos amá-lo e servi-lo¹⁰.

Pe. Júlio Maria acreditava que, a partir do conhecimento da eucaristia, os cristãos se transformariam e poderiam transformar o seu ambiente paroquial. Essa transformação está carregada de uma veste toda espiritual. Ele não se envolveu com nenhuma questão social de luta e defesa dos pobres por causa da eucaristia, nem se perguntou sobre o porquê das injustiças sociais do seu tempo. Sua causa é puramente espiritual e, quando toma o partido dos pobres, ainda é movido pela virtude da caridade na forma de assistencialismo religioso.

No desejo de tornar a eucaristia o centro da vida cristã, como foi ensinado pelo Pe. Júlio Maria, poderíamos fazer hoje esse trabalho junto aos paroquianos, apresentando-lhes a importância de rezar e estudar a espiritualidade eucarística na Igreja, e de viver essa espiritualidade em nossa vida cotidiana. Este é todo um programa a ser construído em nossas comunidades paroquiais¹¹.

¹⁰ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, pp. 377-378.

¹¹ Na atual realidade em que vivemos, faz-se urgente que se volte a estudar a eucaristia à maneira dos Santos Padres, para compreendê-la naquilo que ela é. A intuição do Pe. Júlio Maria de tornar a eucaristia conhecida deve ser, hoje, uma de nossas preocupações. Não, porém, segundo seus esquemas teológicos ou seu jeito de pensar, mas segundo uma linha apontada por Giraudo: “Que se volte a estudar a eucaristia ‘na Igreja’, como se fazia no tempo dos santos Padres. Também quando somos chamados a estudá-la na sala de catequese ou de ensino superior, nas dependências de uma escola, não esqueçamos que será estudada olhando para a Igreja, com os olhos fixos no altar, com os ouvidos atentos ao ensino daquela oração, sem a qual a Igreja não pode fazer a eucaristia. Se fizermos assim, voltaremos a descobrir de verdade a eucaristia, voltaremos a descobrir a Igreja”. (GIRAUDO, Redescobrimo a Eucaristia, p. 11). Sobre uma teologia eucarística atual, Cf. GIRAUDO, Num só corpo; ALDAZÁBAL, A Eucaristia; RUIZ DE GOPEGUI, A eucaristia: uma reflexão a partir da

Destacamos ainda o terceiro elemento da ação pastoral do Pe. Júlio Maria: *o uso de uma linguagem popular na catequese*. Uma das principais características dele, nas suas catequeses, era o uso de uma linguagem fácil e popular. Ele apresenta em seus escritos a doutrina da Igreja, de modo especial o seu pensamento eucarístico, numa linguagem bastante acessível aos fiéis. Seu modo de escrever é bastante claro e segue certa lógica na organização de suas ideias.

Tanto nos livros escritos por ele, como no jornal “O Lutador”, assim como nas homilias e catequeses, seus leitores são unânimes em reconhecer que o Pe. Júlio Maria apresentava a proposta cristã de um modo profundo, refinado, mas com uma linguagem bem fácil.

Quanto à linguagem usada pelos sacerdotes em suas catequeses, ele ensina que ela precisa ser popular e clara. A linguagem popular na pastoral nasce da proximidade do sacerdote com seu rebanho. Isto porque o sacerdote conhece seu povo e, assim, fala uma palavra que todos possam compreender. Quanto à clareza na catequese ou nos escritos, segundo o Pe. Júlio Maria, “a palavra clara agrada a todos e faz o bem a todos, enquanto a fraseologia bombástica diverte alguns espíritos, mas não penetra no coração”¹².

Esse cuidado dele em suas catequeses, homilias e escritos deve ser algo levado a sério por todos os ministros ordenados: falar de forma que seja compreendido por todos. Uma linguagem compreensível não significa palavras ocas, vulgares ou falar a partir da suposição de que o povo é ignorante. Seria um desserviço à comunidade paroquial se nos prendêssemos aos discursos estereis que nada falam ao coração do homem.

Na ação pastoral do Pe. Júlio Maria o quarto elemento que se destaca é *o uso da Palavra de Deus na sua catequese*. Nas catequeses eucarísticas dele, a Palavra de Deus se fazia presente. Vimos como ele usava a Sagrada Escritura nessas catequeses de modo muito simples. Quando lemos suas catequeses, percebemos que ele fazia uma leitura espiritual dos textos bíblicos, procurando estabelecer uma relação entre a Palavra proclamada e a eucaristia. Em muitas dessas catequeses, percebemos que o nosso autor fazia mais uma abordagem teológica sistemática do que uma interpretação do texto bíblico. Ele estava mais preocupado em afirmar as verdades dogmáticas do que em fazer uma exegese do texto bíblico.

Olhando a iniciativa do Pe. Júlio Maria em fazer uma catequese eucarística alimentada pela Palavra de Deus, podemos dizer que foi algo inovador. Reconhecemos a

tradição litúrgica; Id., *Experiência de Deus e catequese narrativa*; Id., *Eukharistia – Verdade e caminho da Igreja*; TAVARES, *Eucaristia: pluralidade e unidade*.

¹² LOMBAERDE, *Comentário da Vida Litúrgica*, p. 9-11.

fragilidade do método seguido por ele. Por esse método, a Palavra de Deus estava engessada pela força dos comentários teológicos que ele fazia sobre a eucaristia. A Palavra se calava para o dogma ser anunciado.

Não é neste sentido que destacamos o uso da Palavra de Deus na catequese eucarística do Pe. Júlio Maria. A atuação do nosso autor nos inspira a fazer uma catequese em que a Palavra de Deus esteja em profunda relação com a Eucaristia, deixando a Sagrada Escritura sempre livre de qualquer comentário dogmático. Isto porque a Palavra de Deus tem sua força e sua dinâmica própria. Ela se projeta além de qualquer pensamento ou discurso eclesialístico.

Neste sentido, para esse trabalho ou uso da Palavra de Deus em nossas catequese, podemos nos recordar o que diz a Conferência de Aparecida sobre a Palavra de Deus como encontro e alimento na vida dos cristãos:

Encontramos Jesus na Sagrada Escritura, lida na Igreja. A Sagrada Escritura, “Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo”, é, com a Tradição, fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação evangelizadora. Desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo e renunciar a anunciá-lo. Daí o convite de Bento XVI: “Ao iniciar a nova etapa que a Igreja missionária da América Latina e do Caribe se dispõe a empreender, a partir desta V Conferência em Aparecida, é condição indispensável o conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus. Por isto, é necessário educar o povo na leitura e na meditação da palavra: que ela se converta em seu alimento para que, por experiência própria, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (Cf. Jo 6,63). Do contrário, como vão anunciar uma mensagem cujo conteúdo e espírito não conhecem profundamente? É preciso fundamentar nosso compromisso missionário e toda nossa vida na rocha da Palavra de Deus”¹³.

Nesta catequese que estamos propondo como elemento importante para a renovação da paróquia, é bom levar a sério aquilo que o Concílio Vaticano II nos ensinou sobre o equilíbrio que se deve ter na relação entre a Palavra de Deus e a eucaristia. Ambas têm o mesmo valor e a mesma importância na prática pastoral da Igreja. Assim nos ensinou a Constituição Dogmática *Dei Verbum*:

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus, quer da do Corpo de Cristo¹⁴.

¹³ Documento de Aparecida (DA), n. 247.

¹⁴ *Dei Verbum*, n. 21.

Hoje, em nossas liturgias, a partir de uma catequese bem feita, precisamos recuperar a unidade entre a Palavra e a eucaristia¹⁵, tão bem ensinada pelo Concílio Vaticano II. A liturgia da Palavra e a liturgia eucarística estão profundamente ligadas. O que é anunciado na mesa da palavra é realizado na mesa da eucaristia. Por isso, não cabe em nossa ação pastoral um destaque exacerbado para nenhuma dessas mesas, o mesmo cuidado e atenção seja dado para as duas, assim já nos orientou o Concílio.

O Papa Bento XVI, na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, retomou a relação entre Palavra e eucaristia, afirmando e acenando à íntima relação que existe entre uma e outra. Assim afirma Bento XVI:

Palavra e Eucaristia correspondem-se tão intimamente, que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-se carne, sacramentalmente, no evento eucarístico. A Eucaristia abre-nos à inteligência da Sagrada Escritura, como esta, por sua vez, ilumina e explica o Mistério eucarístico. Com efeito, sem o reconhecimento da presença real do Senhor na Eucaristia, permanece incompleta a compreensão da Escritura. Por isso, “à palavra de Deus e ao mistério eucarístico a Igreja tributou e quis e estabeleceu que, sempre e em todo o lugar, se tributasse a mesma veneração, embora não o mesmo culto. Movida pelo exemplo do seu fundador, nunca cessou de celebrar o mistério pascal, reunindo-se num mesmo lugar para ler, “em todas as Escrituras, aquilo que Lhe dizia respeito” (Lc 24, 27) e atualizar, com o memorial do Senhor e os sacramentos, a obra da salvação”¹⁶.

Em suas catequese, Pe. Júlio Maria não chegou a fazer essa relação equilibrada, embora talvez fosse a sua pretensão¹⁷. Ele dá mais realce à mesa eucarística do que à mesa da Palavra. A Sagrada Escritura é lembrada exclusivamente por causa da eucaristia. Por outro lado, porém, a prática catequética dele nos desperta hoje para um trabalho paroquial onde a Palavra de Deus e a eucaristia sejam a fonte inspiradora de todo o nosso apostolado.

Ainda falando da relação entre Palavra de Deus e eucaristia, é necessário lembrar o tema da pregação nestas catequese eucarísticas do Pe. Júlio Maria e quais os cuidados que precisamos ter no trato com a Palavra de Deus.

¹⁵ “As duas partes, de que consta de certa forma a missa, a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, estão tão estreitamente unidas, que formam um único ato de culto” (*Sacrosanctum Concilium*, 56).

¹⁶ *Verbum Domini*, n. 55.

¹⁷ LOMBAERDE, Comentário Eucarístico, p. 14.

Geralmente, nas introduções dos seus Comentários da Sagrada Escritura¹⁸, Pe. Júlio Maria lembrava a forma como os ministros ordenados deveriam colocar-se diante da Palavra de Deus, e o método que deveriam seguir para falar da Escritura aos seus fiéis. Quanto ao tema da pregação da Palavra de Deus, ele lembrava aos sacerdotes que eles não eram oradores, mas sim pastores do povo de Deus e anunciadores de sua Palavra. Na sua concepção, os oradores ficavam presos às técnicas de falar bem, causar impacto nas pessoas, mas não se deixavam mover pelo Espírito de Deus. Já os pastores se deixavam conduzir por Deus, e também falavam uma linguagem simples, popular e clara ao povo porque estavam no meio do seu rebanho¹⁹.

O sucesso da pregação do ministro ordenado na sua catequese, segundo o Pe. Júlio Maria, estava na sua proximidade com a Palavra de Deus e com o seu povo. Este foi o método que ele próprio seguiu para preparar ensinamentos catequéticos²⁰.

Suas catequese eucarísticas causaram o efeito esperado porque ele soube prepará-las bem, não era algo que nascesse do improviso no seu apostolado, mas algo que fora gestado da sua contemplação de Deus na vida do povo. Pe. Júlio Maria ensinava nas suas catequese aquilo em que acreditava, e o transmitia com entusiasmo e vida, assim como ele mesmo sugeria aos ministros na preparação para suas pregações²¹.

O cuidado dele com a pregação nos faz pensar no cuidado que devemos ter com nossas homilias, que deveriam ser catequese para o povo de Deus, um meio para animá-lo na fé e no conhecimento de Deus. A homilia faz a Palavra proclamada falar. Ela ajuda a assembleia a escutar Deus. Leva-nos a contemplar o mistério cristão. Uma homilia bem feita faz um bem inegável. Bem feita é uma homilia com conteúdo bíblico, e homilia vivida pelo ministro.

Já uma homilia mal feita prejudica muito a comunidade, que se reunira “no amor de Cristo”. Desrespeitar a comunidade é desrespeitar Jesus que a reuniu. Daí a importância

¹⁸ Só ligadas à Sagrada Escritura, Pe. Júlio Maria escreveu as seguintes obras: Comentário Eucarístico, Comentário Moral, Comentário Dogmático, Comentário da Vida Litúrgica, Contemplação Sobrenatural, Contemplações Evangélicas I e II.

¹⁹ LOMBAERDE, O Evangelho das Festas Litúrgicas, pp. 5-6.

²⁰ Encontramos um testemunho de um missionário sacramentino, membro da Congregação fundada pelo Pe. Júlio Maria, que reforça a ideia do ministro ordenado como pregador da Palavra de Deus, porque estava sintonizado primeiro com Deus, e depois com a vida do povo. Assim testemunhou o missionário: “A vida apostólica do Pe. Júlio Maria foi marcada pela valorização da catequese de crianças, jovens e adultos, pela pregação bem feita porque nascia de sua intimidade com Deus, e da sua inserção na vida do povo. Ainda pela sua presença diária ao confessional, na catequese para formar as consciências e na vida das famílias, dos pobres e enfermos”. (RAYMUNDO, Perfil do Pe. Júlio Maria, p. 39).

²¹ LOMBAERDE, O Evangelho das Festas Litúrgicas, p. 6.

das homilias nas celebrações em estilo bem familiar. Daí a necessidade do contato pessoal com as famílias. Realmente, fica bem difícil para o ministro ordenado fazer uma homilia se ele estiver desligado de sua família ampliada, que é a comunidade dos “irmãos de Jesus” (Cf. Lc 8,19-21).

Reforçando essa mesma ideia, afirma o Papa Bento XVI:

A homilia constitui uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento atual da vida. Aquela deve à compreensão do mistério que se celebra; convidar para a missão, preparando a assembleia para a profissão de fé, a oração universal e liturgia eucarística²².

Lendo a *Verbum Domini*, percebemos que o Papa Bento XVI sente a necessidade de melhor preparação por parte dos ministros ordenados quando vão fazer suas homilias. Para isso,

Devem-se evitar homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica. Deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem ao coração é mostrar Cristo, que deve estar no centro de cada homilia²³.

Ainda preocupado com o zelo e cuidado com a preparação das homilias por parte dos ministros, o Papa pede, que eles “tenham familiaridade e contato assíduo com o texto sagrado; preparem-se para a homilia na meditação e na oração, a fim de pregarem com convicção e paixão”²⁴.

A partir dessa exortação do Papa Bento XVI, podemos dizer que a homilia nasce da profunda intimidade do ministro com a Palavra. Quanto mais próximo, mais terá a sabedoria para apresentar à comunidade o mistério celebrado. Agora, longe da Palavra, o ministro só destoa da vida da comunidade.

Buscando um método que ajude os ministros na preparação de sua homilia, o Papa nos apresenta três perguntas que servem de porta de entrada para a meditação da Palavra de

²² Bento XVI. *Verbum Domini*, n. 59.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid.

Deus. São elas: “O que dizem as leituras proclamadas? O que dizem a mim pessoalmente? O que devo dizer à comunidade, tendo em conta a sua situação concreta?”²⁵. Se respondidas estas questões, num ambiente de oração, as homilias serão alimento para a vida de cada fiel. É disso que precisamos para a animação de nossas comunidades.

No *Comentário da Vida Litúrgica* do Evangelho Dominical do Pe. Júlio Maria, encontramos a mesma preocupação no processo de elaboração da homilia. Os elementos citados pelo Papa Bento XVI na *Verbum Domini* facilmente são encontrados na exortação que o Pe. Júlio Maria faz aos presbíteros na preparação de suas homilias. O cuidado, o zelo e o carinho com a Palavra de Deus e com a comunidade que dela se alimenta é algo visível nos dois autores. Isto nos ajuda em nossa prática pastoral catequética de anunciar a Palavra de Deus.

Por último, na ação pastoral do Pe. Júlio Maria, destacamos *o sentido que nosso autor dá à comunhão eucarística dos fiéis*. O objetivo central dele, com suas catequeses eucarísticas, era levar os fiéis ao conhecimento da eucaristia, depois à comunhão e, por último, ajudá-los a reproduzir em suas vidas o alimento divino que haviam recebido²⁶.

Pe. Júlio Maria deixou muito claro para seus paroquianos o significado, a importância e a necessidade desse sacramento na vida dos fiéis. Sobre a comunhão, ele não só incentivava a participação na eucaristia, mas chamava a atenção para o sentido da comunhão na vida dos comungantes. Apesar de todo o zelo e cuidado dele em expor o sentido da comunhão na vida dos fiéis, ainda ficou forte a dimensão intimista da comunhão. A eucaristia era o alimento da alma do fiel, renovava sua vida sobrenatural, removia os óbices, de modo especial o pecado mortal, e atualizava a graça atual²⁷. Por isso, era necessário comungar sempre e melhor, segundo o nosso autor, para alcançar esse objetivo.

Hoje, em nossas catequeses eucarísticas, urge apresentar um sentido mais profundo sobre a comunhão eucarística e seu fruto na vida dos fiéis. Não precisamos acentuar tanto a dimensão pessoal do encontro do Cristo eucarístico com o comungante, mas é preciso destacar a dimensão da comunhão para gerar o corpo eclesial de Cristo, a Igreja. A comunhão

²⁵ Ibid.

²⁶ Esta ideia de reproduzir a eucaristia na vida do cristão é algo que aparece nos “Louvores a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento”, oração feita pelo Pe. Júlio Maria. Assim se expressa o autor: “Fazei [...] que todos [...] estejam repletos dos vossos sentimentos eucarísticos e sejam ardorosos apóstolos da Sagrada Eucaristia” (LOMBAERDE, *Formulário dos Exercícios e Orações da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora*, p. 94).

²⁷ LOMBAERDE, *Comentário Eucarístico*, p. 283.

não deve ser compreendida como prêmio para os puros ou santos, mas como a forma cristã de celebrar o memorial de Cristo e de ser transformado no Corpo de Cristo, a Igreja, por meio da comunhão. Aqui está o sentido de celebrar a eucaristia e de comungar do corpo e sangue do Senhor que precisamos ensinar hoje.

A celebração da eucaristia, memorial do Senhor, faz da Igreja uma comunidade cultural que se constitui a partir desta celebração. Seu eixo fundante está na súplica pela transformação escatológica dos fiéis no corpo de Cristo, pela comunhão sacramental em seu corpo e sangue²⁸. Isto é importante, porque evita a exaltação exagerada das espécies sacramentais e leva-nos a valorizar a eucaristia enquanto celebração, como desejo ardente da comunidade eclesial de tornar-se corpo de Cristo, o que significa eliminar toda semente de maldade e deixar germinar a comunhão com Deus e com os irmãos.

Na anáfora de São Basílio²⁹, vemos que a eucaristia constrói a Igreja. Pode-se afirmar ainda que o mais importante na eucaristia que se celebra, não é a transformação do pão e do vinho no corpo do Senhor; antes, o centro da eucaristia é o pedido pela edificação da Igreja, pela transformação dos comungantes no corpo eclesial, como também afirma Giraudó:

[...] nossa comunhão nos mergulha na teologia da Igreja. Pois os dois corpos de Cristo, o *corpo sacramental* que os padres chamavam de “*corpus mysticum* [corpo místico]” e o *corpo eclesial* que os padres chamavam de “*corpus Christi* [corpo de Cristo]”, são inseparáveis um do outro. O corpo sacramental não nos foi dado e não é dado sobre nossos altares, principalmente para que o contemplemos e adoremos, mas para que, comungando dele, passemos a ser, ao ritmo de nossas missas, “o corpo de Cristo que é a Igreja [*corpus Christi quod est ecclesia*]”³⁰.

O velho e sempre novo adágio de que a eucaristia constrói a Igreja, vem justamente dizer o motivo de a comunidade cristã celebrar a eucaristia. Ela celebra a eucaristia para obter do Pai, pela ação do Espírito Santo, a transformação num só corpo, o corpo eclesial, escatológico. Isto porque a eucaristia existe para a construção da Igreja, ou melhor, para que cada comunidade, ao participar da ceia do Senhor, seja transformada em seu corpo.

Nesta catequese construída a partir do sentido da eucaristia, da comunhão que recebemos e de seus efeitos em nossa vida, percebemos que a eucaristia existe para a Igreja, ou melhor, para a transformação da assembleia reunida no corpo eclesial. Por isso, a eucaristia

²⁸ GIRAUDO, Num só corpo, pp. 301-318.

²⁹ Cf. Ibid., pp. 306-311.

³⁰ Ibid., p. 524.

é sempre a renovação da Igreja de Cristo, que nunca a deixa envelhecer, mas sempre a rejuvenesce pelo corpo e sangue de Cristo, comungados por seus irmãos.

O pedido de se tornar um único corpo eclesial, pela recepção do único corpo sacramental do Senhor, coloca a Igreja em profunda comunhão: a Igreja vive do Cristo. Nós, cristãos, pelo batismo, entramos na comunidade eclesial que se forma e se nutre da eucaristia. Por isso, na eucaristia, através da comunhão com o corpo do Senhor, os comungantes se tornam corpo de Cristo, para a glória de Deus e para a edificação do seu Reino.

Entretanto, que significa sermos transformados num só corpo, no corpo eclesial, escatológico, pela participação no corpo sacramental de Cristo, sob a ação do Espírito Santo?

Muito feliz é a resposta de Giraud a essa pergunta:

Significa eliminar todos os componentes a-relacionais e de egoísmo, que estão continuamente em nós. Significa entrar e fazer desde agora parte da sociedade dos santos, sem abandonar a sociedade dos pecadores, que continua a ser constitutivamente nossa sociedade. Significa entrar lá onde tudo é relação, ou seja, no paraíso escatológico [...]. Significa caminhar com Adão, nosso pai, rumo ao ingresso final no Reino [...]³¹.

O conteúdo fundamental da súplica eucarística está na formação do corpo eclesial, que ganha forma e existência a partir do corpo sacramental de Cristo. Esta reunião do corpo eclesial, efeito da comunhão sacramental, é uma reunião escatológica que está em contínuo desejo de unidade, acontecendo em cada eucaristia, não de forma definitiva e plena, mas na esperança: caminhamos e lutamos para alcançar essa transformação escatológica. Em síntese, podemos dizer que é a experiência do “já” e do “ainda não”, na celebração da eucaristia. Somos corpo de Cristo pelo batismo, mas não plenamente; por isso, em cada eucaristia que celebramos, pedimos a transformação escatológica pela comunhão no corpo de Cristo, que é um processo constante na vida de cada fiel.

A ideia de que a Eucaristia e a Igreja são o corpo de Cristo é fabulosa. Na teologia do primeiro milênio, a Eucaristia é o corpo místico de Cristo, enquanto que a Igreja é o corpo real de Cristo. Neste sentido, pode-se afirmar que *“a eucaristia é para a Igreja, e a Igreja é tal a partir da eucaristia. Não há uma sem a outra. Não se pode fazer teologia de uma, prescindindo da outra”*³².

A celebração da Eucaristia renova a súplica de pedido pela transformação dos comungantes no corpo de Cristo. Thomas Netter interpretou o efeito da eucaristia como a

³¹ Ibid., p. 308.

³² Ibid., p. 311.

transubstanciação do fiel no “corpo místico” da Igreja: “A Igreja é o corpo místico de Cristo, no qual cada cristão se transubstancia pela recepção do batismo e da sagrada eucaristia”³³. Desta forma, o cristão vai-se transformando no corpo de Cristo, a Igreja, à medida em que, junto com seus irmãos, celebra e vive da eucaristia.

Este seria um modo de apresentar, nas catequese eucarísticas de hoje, aquilo que o Pe. Júlio Maria tanto frisou nos seus discursos sobre a comunhão eucarística e seus efeitos na vida dos fiéis.

4.2 A catequese mistagógica: resposta aos desafios atuais da evangelização

A catequese eucarística foi o meio eficaz que o Pe. Júlio Maria encontrou para realizar seu trabalho missionário. Por meio dela chegou perto de cada fiel, pela força da Palavra e pela administração dos sacramentos, com o objetivo de introduzir o fiel no mistério de Deus. A catequese feita por nosso autor não só ajudou os cristãos católicos a se entusiasmarem com sua fé, como também foi fator de renovação e de transformação da comunidade católica. É claro que isso deve ser entendido dentro de uma estrutura antiga de paróquia e de evangelização. Mas o certo é que a prática catequética do Pe. Júlio Maria causou a transformação na vida da paróquia.

Como já dissemos, essa forma de fazer catequese do Pe. Júlio Maria nos lembrou a atuação mistagógica dos Santos Padres que, no seu tempo, fizeram este trabalho e colheram muitos frutos: fiéis que se convertiam ao cristianismo, depois de passarem pelas catequese mistagógicas, e se transformavam em verdadeiros cristãos apaixonados por Jesus e por seu projeto, o Reino. Os Santos Padres explicavam todo o sentido dos sacramentos, dos ritos, da liturgia e as implicações de tudo isso na vida dos cristãos.

No contexto atual, a catequese mistagógica tem sido um tema muito destacado. Nos debates sobre a nova evangelização, é comum ouvir uma chamada de atenção para o tema da mistagogia³⁴. Ela aparece como instrumental necessário na prática do anúncio do Evangelho,

³³ THOMAS NETTER, *Doctrinale Antiquitatum Fidei Catholicae Ecclesiae*, t. 1, l. 2, cap. 16 (ed. 1757, p. 319), apud GIRAUDO, p. 312.

³⁴ Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco deixou muito clara a importância e a necessidade da catequese querigmática e mistagógica no processo de evangelização. Comentando sobre essas catequese, afirmou o Papa: “Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou querigma, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e

com o objetivo de ajudar os fiéis a experimentarem a fé celebrada e anunciada na comunidade cristã. O interesse por esse assunto é fruto do trabalho do movimento litúrgico e do próprio Concílio Vaticano II, a partir da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, quando se propôs reformar a liturgia da Igreja, a fim de que ela voltasse a ser o que fora: a fonte de toda a vida da Igreja³⁵.

A proposta de revisitar as fontes do cristianismo, de modo especial o método mistagógico dos Santos Padres, e no caso do nosso trabalho, pesquisar as catequeses eucarísticas do Pe. Júlio Maria como um caminho a ser seguido no processo de evangelização, é algo que nos provoca e nos ajuda a rever nossos métodos e nossas posturas diante dos fiéis, do anúncio da fé no mundo em que vivemos. E quando propomos este caminho, surge a pergunta: revisitar os Santos Padres e as catequeses eucarísticas do Pe. Júlio Maria não seria uma volta anacrônica ao passado?

Em seu livro *“O memorial da páscoa do Senhor”*, tratando de uma abordagem mistagógica em teologia sacramental, Taborda também se pergunta se a proposta de voltar aos Padres não seria um anacronismo. Mas, refletindo sobre a pergunta, ele nos oferece a seguinte resposta:

A volta às fontes nunca é um anacronismo ou uma reprimatização, quando não se faz de modo fundamentalista, mas sim numa perspectiva hermenêutica, isto é, com o olhar no presente, que permita iluminá-lo mediante uma “fusão de horizontes”, conforme a clássica expressão de Gadamer. Vale dizer que os próprios desafios atuais nos levam a perguntar aos Padres da Igreja o que seu método de explicar os sacramentos nos poderia ensinar hoje³⁶.

ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’. Ao designar-se como ‘primeiro’ este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. Por isso, também ‘o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado’ (*Evangelii Gaudium*, n. 164). Já a catequese mistagógica, segundo o Bispo de Roma, “significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade duma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre de uma ambientação adequada e de uma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta” (*Evangelii Gaudium*, n. 166).

³⁵ Cf. *Sacrosanctum Concilium*, n. 10.

³⁶ TABORDA, O memorial da páscoa do Senhor, p. 39.

Já a proposta de revisitar as catequese eucarísticas do Pe. Júlio Maria seria um meio de entender como este missionário conseguiu, por meio desta catequese, que a princípio parecia tão simples, animar e contagiar os seus paroquianos com o desejo de viver a eucaristia na sua vida cotidiana, como união profunda entre o fiel e Cristo, assim como Cristo está unido a Deus³⁷. Nosso objetivo não é repetir a catequese eucarística do Pe. Júlio Maria, mas seria pensar e fazer uma catequese que tocasse o coração dos fiéis e os ajudasse a fazer um caminho de encantamento com a fé e com a proposta do Evangelho de Jesus.

Olhando agora para a nossa realidade atual, fica clara a importância e a necessidade da catequese mistagógica no processo de evangelização na Igreja. Urge o estudo e aplicação deste método em nossa ação pastoral.

Segundo Taborda, o cristianismo só sobreviverá nesta sociedade pós-moderna, se o mesmo for capaz de desenvolver uma mistagogia no seu processo de evangelização. E a mistagogia por sua vez, terá que enfrentar três tentações que são reflexo das características da pós-modernidade presente em nosso ambiente religioso. Para Taborda as tentações que a mistagogia deve enfrentar são as seguintes:

A tentação de secularizar-se; a tentação de oferecer da riqueza de sua tradição o que possa ser objeto de consumo ou dar à grande tradição cristã um invólucro que a torne objeto cobiçado para o consumo das massas; a tentação de renunciar à teologia como explicação totalizante, contentando-se com os fragmentos³⁸.

Explicitemos cada uma dessas tentações pelo viés litúrgico segundo o pensamento de Taborda. A primeira tentação, *de secularizar-se*, equivale à *vulgarização das celebrações litúrgicas*. Esta tentação segue a lógica da “normalidade”, tudo é normal: a perda do sagrado, do mistério, da transcendência, da beleza musical, do espaço litúrgico, da solenidade dos gestos e dos objetos sagrados. A vulgarização das celebrações litúrgicas, segundo Taborda consiste em substituir “tudo que eleva e enleva o ser humano pela verborreia das explicações e comentários, pela comunicação de experiências subjetivas, pela multiplicação de pseudo-homilias pretensamente aclaradoras, pelo uso de objetos de gosto duvidoso, quando não sujos e mal cuidados”³⁹.

A segunda tentação é encarar o *religioso como objeto de consumo*, essa tendência

³⁷ LOMBAERDE, Contemplações Evangélicas, p. 483.

³⁸ TABORDA, O memorial da páscoa do Senhor, p. 41.

³⁹ Ibid.

gera a preocupação de sempre agradar o público. Quando o religioso é entendido como um objeto de consumo do ser humano, ele pode ser comparado a um supermercado, onde cada pessoa entra a qualquer momento, escolhe a “mercadoria religiosa” com que mais se identifica e a compra. Para ganhar consumidores “modelam-se nossas celebrações pelos programas populares de auditório [...]. Dá-se assim vazão ao subjetivismo religioso, mesmo que vivido coletivamente [...]. E pensa-se erroneamente que, com o espetáculo, se vence a rotinização de liturgias sem apelo ao sagrado”⁴⁰.

Já a terceira tentação é *renunciar à teologia como explicação totalizante* e substituí-la pela “pequena narrativa” de nossas experiências cotidianas. Essa postura manifesta-se na atitude presente em muitos grupos ou movimentos católicos e nas igrejas neopentecostais, e significa na prática a negação das catequese mistagógicas dos Santos Padres, preferindo permanecer numa postura acrítica e fragmentada. Esses grupos e movimentos fizeram opção por se alimentar com textos e outros instrumentais que aguçam seu subjetivismo, antes que seguir uma linha que os leve ao conhecimento do mistério na comunidade. Diante desta última tentação, o melhor caminho seria valorizar sempre a razão contra o racionalismo e o emocionalismo.

Diante das tentações apresentadas, que refletem algumas das características do mundo pós-moderno, e da opção do cristianismo pelo caminho mistagógico, podemos nos perguntar sobre os ganhos com a escolha dessa teologia sacramental. Segundo Taborda, a abordagem mistagógica traz para teologia sacramental os seguintes ganhos:

O primeiro é a *dimensão mistérica*. Surge a necessidade de fazer uma catequese mistagógica que leve o fiel ao encontro do mistério, que está para além dele mesmo, de seus gostos e de suas vontades. O mistagogo será aquele que toma o fiel pela mão e o conduz no caminho do mistério. O ser humano da pós-modernidade necessita ser iniciado no mistério, com palavras, mas também através de ações simbólicas e de ritos. Os ritos ou celebrações litúrgicas têm o objetivo de levar os fiéis para dentro do mistério (Cf. Cap. II), ou melhor, a experimentar o mistério falado e celebrado.

Através da catequese mistagógica, o homem e a mulher pós-modernos perceberão os limites da razão e das ciências, pois estas não foram capazes de responder ou de preencher os vazios existenciais ou a falta de sentido que habita nos seus corações. A partir desta experiência negativa, gerada pela crise da razão, a mistagogia despontará como um caminho que leva o ser humano a mergulhar no mistério de Deus, a cada gesto, palavra, movimento e

⁴⁰ Ibid., p. 42.

sentido dado pela liturgia.

Outra dimensão que se ganhou com a mistagogia foi *a visão dinâmica dos sacramentos*. Nesta dimensão o que se destaca é o axioma escolástico: “Os sacramentos realizam o que significam”. A partir desta dimensão se entende o sacramento não como coisas, nem sequer como coisas sagradas, mas como ações de Deus na ação dos seres humanos. Aqui se evita entender os sacramentos como rito mágicos na vida do ser humano.

A dimensão eclesial é outro ganho: a celebração ou todo ato do processo mistagógico não se dá de modo isolado. Aqui se supõe uma comunidade que celebra, tudo está ali para a formação do corpo eclesial, e não para satisfazer o querer e as vontades do indivíduo. Uma vez iniciado no mistério de Deus, o fiel não sentirá mais aquela vontade de fazer uma religião a seu modo, e entenderá que faz parte de uma comunidade de fé, que a relação com Deus e com o outro são elementos constitutivos desta fé. Ele se abrirá para uma relação de alteridade.

A dimensão da práxis é outro ganho dessa abordagem mistagógica. Através das catequese mistagógicas, sempre se questionou sobre a vida ética. No processo catecumenal, os candidatos são testados sobre a veracidade do seu agir ético antes de receber os sacramentos. Seria uma contradição participar dos sacramentos vivendo numa vida contrária à fé celebrada.

Neste sentido, acreditamos que a catequese mistagógica será uma resposta aos desafios atuais da evangelização. Ela responde aos desafios pós-modernos, não se deixa aprisionar pelas propostas da pós-modernidade, mas as questiona e supera. Concretamente a abordagem mistagógica não se deixa levar pelas pequenas narrativas, mas apresenta as grandes narrativas; valoriza o sagrado sem transformá-lo num produto à venda aos fiéis; não se encanta com as propostas da secularização, mas se envolve e crê no transcendente, no mistério que se revela e vem ao nosso encontro.

Assim deve ser nosso esforço em propor uma catequese mistagógica que ajude o homem e a mulher dos nossos tempos a experimentarem o mistério e se deixarem transformar por ele, para serem também instrumentos de transformação na comunidade cristã e no mundo.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida no intuito de fazer uma leitura das catequese eucarísticas do Pe. Júlio Maria, compreendendo-as em analogia com as catequese dos Santos Padres, que buscavam a partir da explicação dos sacramentos e de seus ritos introduzir os fiéis no mistério. Nesta busca, nos esforçamos por encontrar um conceito de mistagogia que nos ajudasse a fazer essa aproximação entre a mistagogia dos Santos Padres e as catequese do Pe. Júlio Maria.

Para que esse trabalho se desse, foram muito significativas as pesquisas do teólogo Enrico Mazza, que nos alertou sobre a questão dos vários sentidos do conceito de mistagogia entre os Santos Padres. Segundo Mazza, a mistagogia não deve ser entendida de modo unívoco. Vimos que a mistagogia pode ser a celebração dos sacramentos, mas também a explicação teórica dos sacramentos recebidos e, ainda, o desenvolvimento de uma teologia dos sacramentos ligada à liturgia. Entre esses conceitos, vimos como o que mais se aproximava da prática do Pe. Júlio Maria era a compreensão de mistagogia como explicitação dos sacramentos recebidos. Mesmo assim, não podemos afirmar que as catequese do Pe. Júlio Maria sejam mistagogia, pois sua estrutura, suas lógicas e motivações são outras, mas podem analogamente ser compreendidas como mistagogia.

Afirmamos isso porque os dois contextos são totalmente diversos. Seu objetivo, porém, podemos dizer que é o mesmo: introduzir os fiéis no mistério por meio de uma catequese sobre os sacramentos. Olhando para a vida e a história do Pe. Júlio Maria, vimos que ele sempre gostou do trabalho catequético. Em cada área de missão que assumia, encontrava um jeito de fazer catequese. Podemos dizer, sem dúvida que uma de suas características é o ser catequista. Em Manhumirim essa catequese assume um formato todo especial. Ele precisava animar, entusiasmar a comunidade paroquial pela catequese, mas uma catequese eucarística. A base do seu trabalho em Manhumirim se deu pelo conhecimento e pela transmissão da eucaristia aos fiéis. Essa motivação e animação se deram a partir dos congressos eucarísticos, mas, sobretudo pelos embates com os protestantes.

Não desenvolvemos esta questão com profundidade, pois não era nossa intenção. Entretanto, nosso olhar se centrou na forma como o Pe. Júlio Maria entendia a eucaristia e como ele transmitiu esse conhecimento aos seus paroquianos, a fim de transformá-los e renovar a vida da comunidade paroquial e da sua sociedade pela força da eucaristia.

Quanto ao conceito de eucaristia do Pe. Júlio Maria, não encontramos grande novidade; nosso autor praticamente repete, de modo bastante popular, a doutrina ensinada pela Igreja da época. Ele não ficou conhecido por esse movimento catequético eucarístico que realizou em Manhumirim, mas por seus confrontos com os protestantes. Para sua época, julgamos importantes, não suas polêmicas, mas sua estratégia de formar o povo, oferecendo uma catequese que tocasse seu coração e o levasse a assumir o sentido da eucaristia.

Se nos perguntamos sobre o pensamento eucarístico do Pe. Júlio Maria, vimos que a eucaristia para ele é alimento, comunhão, transformação e missão. É esta visão da eucaristia que ele vai aos poucos inculcando na mente e nos corações dos fiéis. E assim foi acontecendo a transformação ou mudança que ele esperava.

Foi a partir desse modo de entender a eucaristia que o Pe. Júlio Maria causou a transformação na sua comunidade paroquial. Ele conduzia os seus paroquianos até a eucaristia e deixava que os mesmos extraíssem desse encontro o jeito de ser cristão eucarístico na sua realidade. Ele acreditava que o conhecimento da eucaristia não deixava os fiéis apáticos ou indiferentes, mas a eucaristia os levava a uma transformação pessoal e comunitária. A eucaristia fazia dos comungantes verdadeiros lutadores, assim como o próprio Pe. Júlio Maria foi em Manhumirim.

Quanto à transformação dos fiéis pela eucaristia, já falamos e repetimos várias vezes que isso se deu dentro de um modelo de paróquia antiga. Antes da chegada do Pe. Júlio Maria, a comunidade era fria, sem vida ou sem grandes expressões, mas depois da sua catequese a comunidade passou a ser uma comunidade significativa, que defendia sua fé diante de seus adversários e buscava um reconhecimento social. A religião católica tinha sua presença junto à sociedade e defendia seus interesses diante do poder político.

Agora podemos nos perguntar: o que fica desse trabalho catequético do Pe. Júlio Maria? Nossa pesquisa foi apenas uma volta a uma personagem importante de nossa região? Foi um movimento para conferir se a teologia eucarística do Pe. Júlio Maria já havia caducado? Não. O que ficou foi a intuição do Pe. Júlio Maria: justamente a ideia de sempre trabalhar com a catequese, formar os leigos para promover a mudança em nossas comunidades eclesiais. A formação é o elemento básico para alcançar a transformação de toda e qualquer realidade. Com suas catequese, ele aponta para essa realidade. E hoje é uma questão atual: a transformação de nossas paróquias passa sem dúvida pelo caminho da formação.

O trabalho mistagógico no processo de evangelização é um caminho inegável. Dele depende o futuro do cristianismo. Então, fica válida para hoje a intuição do Pe. Júlio

Maria em nossa ação evangelizadora. Suas catequese eucarísticas nos inspiram a fazer uma catequese a partir da eucaristia, que ajude os fiéis a se encontrarem com Deus e assim sejam transformados por esse mistério, e deste modo transformem a realidade eclesial e social pela força da eucaristia.

Diante dessas propostas, podemos perceber o longo caminho que precisamos percorrer. Com sua teologia, Pe. Júlio Maria deu sua contribuição para a transformação da comunidade a partir da catequese. Agora precisamos pensar como propor essa catequese eucarística, a fim de animar a comunidade e ajudá-la a ser sujeito de sua ação transformadora no mundo.

Neste caminho catequético, uma coisa que nunca poderemos esquecer é a dimensão do mistério. A catequese eucarística se propõe levar, tomar os fiéis pela mão e conduzi-los ao mistério. Ela não estará preocupada em fazer doutrinação sobre a eucaristia, mas seu objetivo é, por meio da catequese, levar o fiel a um conhecimento profundo da eucaristia. E esse conhecimento se dará pela abertura do fiel ao mistério que se revela à comunidade.

Na catequese eucarística, outro elemento que não poderemos deixar de ressaltar é a unidade entre Palavra e sacramento. Vimos que, na catequese do Pe. Júlio Maria, essa relação nem sempre se manteve bem equilibrada, pois ele destaca em excesso a teologia sacramental, sem ligá-la ao sacramento celebrado. A Palavra de Deus sempre aponta para o sacramento, o sacramento é a forma de a Palavra se fazer realidade. Precisamos estar atentos para não os separar, mas sempre afirmá-los em nossas catequese.

A partir da catequese eucarística, outro valor que não podemos esquecer é o da comunidade. Como já dissemos, a eucaristia forma um corpo eclesial. Somos um só corpo pelo corpo de Cristo. Esta ideia rompe com uma forte onda de individualismo que se encontrou no modo de apresentar a eucaristia. A eucaristia não é prêmio para uns e condenação para outros. A eucaristia é o pão cotidiano para todos. Em suma, a eucaristia é para formar a comunidade, o corpo de Cristo, e não para nutrir os desejos subjetivistas do ser humano.

Por fim, a catequese eucarística nos ajuda a assumir todos os valores éticos. Ela nos transforma em sujeitos novos com o desejo de mudar o mundo, sendo testemunhas qualificadas de Cristo. Como o Pe. Júlio Maria, precisamos acreditar na força da eucaristia e pensar todas as nossas atividades a partir da eucaristia, fazendo de nossa vida uma grande eucaristia. E fazer da eucaristia o nosso programa de vida, para nossa transformação pessoal,

social e comunitária. Só assim entenderemos o sentido da eucaristia na vida da Igreja e sua importância para o mundo.

A ideia de uma catequese eucarística, no tempo do Pe. Júlio Maria, foi algo iluminador no seu apostolado. Hoje, temos toda a condição de fazer essa catequese eucarística em nossas comunidades a fim de transformá-las a partir do sentido da eucaristia. Se optarmos por esse caminho, formaremos comunidades eucarísticas que vivem o projeto de Jesus: ser alimento para a vida do mundo.

BIBLIOGRAFIA

Obras do Pe. Júlio Maria:

LOMBAERDE, Júlio Maria De. *Comentário Eucarístico do Evangelho Dominical para homilias, sermões e conferências eucarísticas*. Manhumirim: O Lutador, 1939.

_____. *Comentário Litúrgico do Evangelho Dominical para homilias, sermões e conferências eucarísticas*. Manhumirim: O Lutador, 1939.

_____. *Contemplações Evangélicas (Tomo I)*. Petrópolis: Vozes, 1928.

_____. *Contemplação Sobrenatural – Pequeno tratado prático*. Petrópolis: Vozes, 1928.

_____. *Diário missionário do Pe. Júlio Maria*. Tradução Padre Demerval Alves Botelho. Belo Horizonte: O Lutador, 1991.

_____. *Formulário dos Exercícios e Orações da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora*. Manhumirim: O Lutador, 1929.

_____. *Maria e a Eucaristia – Estudo Doutrinal de um título e de uma doutrina: Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento*. Manhumirim: O Lutador, 1937.

_____. *Sol Eucarístico e trevas protestantes*. Manhumirim: O Lutador, 1937.

Obras e artigos sobre o Pe. Júlio Maria:

AZZI, Riolando. *A Igreja no Brasil: da apologética à renovação pastoral. Atuação do Pe. Júlio Maria e das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora (1912-1944), Vol. I*. Belo Horizonte: O Lutador, 1991.

BARRETO, Glorinha. *O sacerdote que eu conheci*. Jornal Semente, Manhumirim, p. 7, jan/fev – 2008.

BOTELHO, Demerval Alves. *História dos Missionários Sacramentinos - I Volume (1878 – 1944)*. Belo Horizonte: O Lutador, 1994.

COSTA, José Raimundo da (Org.). *Ensaio e Estudos: homenagem ao Pe. Paschoal Rangel, SDN, por ocasião dos seus 50 anos de ordenação sacerdotal*. Belo Horizonte: O Lutador, 1997.

COSTA, Maria Lúcia. *Aspectos da espiritualidade de nosso Fundador*. Manhumirim: O Lutador, 1977.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Pe. Júlio Maria De Lombaerde no contexto histórico*. In: MIRANDA, Antônio Afonso de. *Pe. Júlio Maria: sua vida e sua missão*. 3ª. Ed. Belo Horizonte: O Lutador, 1991.

RANGEL, Paschoal. Uma trilogia de Pe. Júlio Maria. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 229. pp. 69-80, Jan/Fev. 1991.

_____. Para uma espiritualidade sacramentina. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 256. pp. 347-355, Jul/Ago. 1995.

_____. Para uma espiritualidade sacramentina II. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 257. pp. 399-406, Set/Out. 1995.

_____. Para uma espiritualidade sacramental III. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 258. pp. 499-509, Nov/Dez. 1995.

_____. Pe. Júlio Maria no seu tempo. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 260. pp. 191-219, Maio/Jun. 1996.

_____. Pe. Júlio Maria, mestre Espiritual. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 262. pp. 281-320, Maio/Jun. 1997.

RAYMUNDO, Heleno (Org.). *Perfil do Pe. Júlio Maria De Lombaerde*. Manhauçu: Expansão Cultural, 1993.

SIMÕES, Daniel Soares. *O rebanho de Pedro e os filhos de Lutero: O Pe. Júlio Maria De Lombaerde e a polêmica antiprotestante no Brasil*. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB).

SOARES, Fabrício Emerick. *Pe. Júlio Maria De Lombaerde: Diálogo entre atuação missionária e política*. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 348-49. pp. 7-52, Jan/Abr. 2011.

Bibliografia auxiliar

ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Tradução de Lúcia Mathilde Enddlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.

AMBRÓSIO. *Os Sacramentos e os Mistérios: Iniciação cristã nos primórdios*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BORRIELO, L. Et al. *Dicionario de mistica*. São Paulo: Loyola, 2003.

BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BUYST, Ione; FRANCISCO, Manoel João. *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BUYST, Ione. *A missa: memória de Jesus no coração da vida*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CIRILO DE JERUSALÉM, Santo. *Catequeses mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Catequeses pré-batismais*. Petrópolis: Vozes, 1978.

DE LUBAC, Henri. *Exégèse médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*. Paris: Aubier. Primeira parte, tomos I e II: 1959. Segunda parte, tomo I: 1961. Segunda parte, tomo II: 1964.

GIRAUDO, Cesare. *Redescoberto a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

JUNGSMANN, Josef Andreas. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LIBANIO, João Batista. *Introdução à Vida Intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001.

MAZZA, Enrico. *La mistagogia. Le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo*. 2ª. Ed. Roma: C.L.V – Ed. Liturgiche, 1996.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. *A Igreja na República*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

RUIZ DE GOPEGUI, Juan Antonio. *Experiência de Deus e catequese narrativa*. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. *EUKHARISTIA – Verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2010.

SANTO ROSÁRIO, Maria Regina do. *O Cardeal Leme (1882-1942)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

SATHLER, Anderson *et al.* *História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá*. Belo Horizonte: Betânia, 1991.

TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor. Ensaio litúrgico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.

TOMÁS, de Aquino. *Suma teológica*: parte I - questões 1-43: teologia, Deus, Trindade. São Paulo: Loyola, 2001.

DOCUMENTOS:

BENTO XVI, Papa. *Verbum Domini*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CARTA PASTORAL de Dom Sebastião Leme, Arcebispo de Olinda, saudando seus diocesanos. Petrópolis: Vozes, 1916.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2003.

LIVRO DE TOMBO da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Manhumirim 1928-1939.

PRIMEIRO CONGRESSO Eucarístico Nacional. Rio de Janeiro: Vozes, 1922.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*: Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação (1893 – 1993). São Paulo: Paulus, 2005.

ARTIGOS

ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*, in Borobio, D., (coord.), *A celebração na Igreja*. Vol. II: Sacramentos, São Paulo: Loyola, 1993, pp. 245-308.

GARGANO, I. *A metodologia exegética dos santos padres*. In: SIMIAN-YOFRE, H. (org), *Metodologia, do Antigo Testamento*, São Paulo: Loyola, 2000, pp. 75-110.

LOMBAERDE, Júlio Maria De. *Jornal O Lutador*, Manhumirim, 08 de junho de 1930, p. 04.

RUIZ DE GOPEGUI, Juan Antonio, *A eucaristia: uma reflexão a partir da tradição litúrgica*. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 32, n. 87, p. 157-186, mai/ago. 2000.

SILVA, Luís Henrique Eloy e. *O sentido teológico do texto bíblico: releitura e horizonte de intervenção de Bento XVI durante o sínodo sobre a Palavra na vida e na missão da Igreja*. *Horizonte Teológico*, Belo Horizonte, v. 10, n.18, pp. 9-27, jul/dez. 2010.

TAVARES, Sinivaldo S. *Eucaristia: pluralidade e unidade*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 63, n. 252, p. 45-90, outubro, 2003.

TABORDA, Francisco. *A Ação do Espírito Santo na Eucaristia: a propósito do n. 1333 do Catecismo da Igreja Católica*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 72, n. 288, p. 902-925, outubro, 2012.

_____. *Lex orandi – Lex credendi: origem, sentido e implicações de um axioma teológico*. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 35, n. 95, p. 71-86, jan/abr. 2003.